



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Geociências

FERNANDA CRISTINA DE PAULA

RESILIÊNCIA ENCARNADO LUGAR:
VIVÊNCIA DO DESMONTE NA LINHA (BRASIL) E EM MOURENX (FRANÇA)

CAMPINAS

2017

FERNANDA CRISTINA DE PAULA

RESILIÊNCIA ENCARNADA DO LUGAR:
VIVÊNCIA DO DESMONTE NA LINHA (BRASIL) E EM MOURENX (FRANÇA)

TESE APRESENTADA AO INSTITUTO DE
GEOCIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
CAMPINAS PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE
DOUTORA EM GEOGRAFIA NA ÁREA DE ANÁLISE
AMBIENTAL E DINÂMICA TERRITORIAL

ORIENTADOR: PROF. DR. EDUARDO JOSE MARANDOLA JR.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL
DA TESE DEFENDIDA PELA ALUNA FERNANDA
CRISTINA DE PAULA E ORIENTADA PELO PROF. DR.
EDUARDO J. MARANDOLA JR..

CAMPINAS

2017

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Geociências
Marta dos Santos - CRB 8/5892

D44r De Paula, Fernanda Cristina, 1984-
Resiliência encarnada do lugar : vivência do desmonte na Linha (Brasil) e em Mourenx (França) / Fernanda Cristina de Paula. – Campinas, SP : [s.n.], 2017.

Orientador: Eduardo José Marandola Jr..
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências.

1. Merleau-Ponty, Maurice, 1908-1961. 2. Corpo-lugar. 3. Corpo (Fenomenologia). 4. Fenomenologia. 5. Bacia de Lacq (França). 6. Aeroporto Internacional de Viracopos (Campinas, SP). I. Marandola Junior, Eduardo, 1980-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Geociências. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Place's incarnate resilience : the lived dimension of dismantle in the Linha (Brazil) and Mourenx (France)

Palavras-chave em inglês:

Merleau-Ponty, Maurice, 1908-1961

Body-place

Body (Phenomenology)

Phenomenology

Basin Lacq (France)

Viracopos International Airport (Brazil)

Área de concentração: Análise Ambiental e Dinâmica Territorial

Titulação: Doutora em Geografia

Banca examinadora:

Eduardo J. Marandola Jr.

Livia de Oliveira

Werther Holzer

Álvaro de Oliveira D'Antona

Antonio Carlos Vitte

Data de defesa: 30-08-2017

Programa de Pós-Graduação: Geografia



UNICAMP

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS**

AUTORA: Fernanda Cristina de Paula

**“RESILIÊNCIA ENCARNADADO LUGAR:
VIVÊNCIA DO DESMONTE NA LINHA (BRASIL) E EM MOURENX (FRANÇA)**

ORIENTADOR: Prof. Dr. Eduardo Jose Marandola Jr.

Aprovado em: 31 / 08 / 2017

EXAMINADORES:

Prof. Dr. Eduardo Jose Marandola - Presidente

Prof. Dr. Álvaro de Oliveira D'Antona

Prof. Dr. Antonio Carlos Vitte

Dra. Livia de Oliveira

Dr. Werther Holzer

***A Ata de Defesa assinada pelos membros da Comissão Examinadora,
consta no processo de vida acadêmica do aluno.***

Campinas, 31 de agosto de 2017.

AGRADECIMENTO

Agradeço a eles por acreditarem e por me apoiarem das mais variadas maneiras: das maneiras mais cotidianas, passando pelas mais drásticas, temperando com as mais desvairadas tanto quanto com as mais delicadas formas de suporte e ajuda. Este agradecimento é para meus pais Neide e Fernando, para meu irmão Tiago, para minha pequena sobrinha Helena (que ri seus risos puros e os compartilha comigo) e para meu querido Mathieu.

Ao Eduardo não faz sentido agradecer só pela orientação, mas sim agradecer pela jornada (de treze anos já), pela seriedade, pela competência e pela presença (ser-com).

Agradeço ao Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural e ao Grupo de Pesquisa Nomear que contribuíram, sempre, para a tarefa de um genuíno pensar.

Meus agradecimentos a Julien Rebotier pela acolhida e parceria no trabalho realizado junto Laboratoire Passages (UPPA/França), ao longo do período de doutorado-sanduiche. Agradeço também a Cacau de Paula, pelo acolhimento (tão fundamental em um país estrangeiro), pelo companheirismo (também acadêmico) e pelo cuidado; assim como à Sylvain e Idrissa que também estiveram sempre presentes nesse período. Meus agradecimentos também aos doutorandos da Salle des Doctorants do bâtiment Institute Claude Laugénie, à UPPA: o convívio, as discussões, trocasse hospitalidade foram fundamentais.

O universo da teoria subentende um universo já presente. Atrás desse mundo existe um mundo mais originário, anterior a toda atividade, “mundo antes de toda tese”: é o mundo percebido [...], ele oferece-se em carne e osso [...]. Possui um caráter insuperável, abaixo do qual nada existe.
Merleau-Ponty, 2000.

RESUMO

Esta tese busca compreender a resiliência do lugar (entendida como sua capacidade de lidar com um choque ou uma perturbação), abordando-a a partir de dois lugares: o bairro Linha, localizado no município de Campinas-SP, Brasil; e a cidade de Mourenx, localizada no sudoeste da França. Ambos os lugares vivem o que aqui chamamos de desmonte: um lento processo de soçobramento do lugar. Esta busca tem um interesse específico, o de apreender a resiliência do lugar a partir das suas vivências e experiências. Para tanto, dois caminhos do pensar se destacam na tese. Um desses caminhos é referente à maneira a partir da qual pensar a resiliência: sendo a resiliência sempre resiliência em relação a um evento que engendra mudança, nós trazemos o pensamento do fenomenólogo Claude Romano, um expoente na discussão sobre evento e sobre o papel ontológico deste. O outro caminho do pensar é em relação à própria vivência e experiência dos lugares, atentando ao papel do corpo como pivô da relação entre mundo, lugar e consciência. Para tanto toda reflexão é fundada no pensamento do fenomenólogo Maurice Merleau-Ponty; a partir do qual pensamos a noção de corpo-lugar. Assim, as vivências dos dois lugares são refletidas conjuntamente a estes dois caminhos do pensar, buscando divisar aí suas resiliências encarnadas.

Palavras-chave:Corpo-lugar, Aeroporto Internacional de Viracopos (Brasil), Bacia de Lacq (França), Fenomenologia Geográfica, Maurice Merleau-Ponty.

RÉSUMÉ

Cette thèse cherche à comprendre la résilience du lieu (considérée comme sa capacité de faire face à un choc ou une perturbation), en l'abordant à partir de deux lieux : le quartier Linha, localisé dans la ville de Campinas-SP (Brésil) ; et la ville de Mourenx, localisée dans le sud-ouest de la France. Les deux lieux vivent ce que l'on qualifie ici un démantèlement : un lent processus effondrement du lieu. Cette enquête a un intérêt spécifique, celui de saisir la résilience du lieu à partir de sa dimension vécue et de ses expériences. Pour cela, deux chemins du penser sont mis en évidence. L'un de ces chemins se réfère à la manière à partir de laquelle penser la résilience : la résilience étant toujours résilience en relation à un événement qui produit un changement, on apporte la pensée du phénoménologue Claude Romano, qui se distingue dans la discussion concernant l'événement et son rôle ontologique. L'autre chemin du penser est en relation avec la propre dimension vécue et l'expérience des lieux, en faisant attention au rôle du corps comme pivot de la relation entre monde, lieu et conscience. À cette fin toute la réflexion est fondée sur la pensée du phénoménologue Maurice Merleau-Ponty ; à partir de laquelle on travaille la notion de corps-lieu. Ainsi, les dimensions vécues des deux lieux sont envisagées conjointement à ces deux chemins du penser, en cherchant à distinguer par là les résiliences incarnées des lieux.

Mots-clé: Corps-Lieu, Aéroport International de Viracopos (Brésil), Bassin de Lacq (France), Phénoménologie Géographique, Maurice Merleau-Ponty.

ABSTRACT

This thesis seeks to comprehend the resilience of place (understood as its capacity to deal with a shock or perturbation), approaching it from two places: the neighborhood of Linha, in the city of Campinas-SP (Brazil); and the city of Mourenx, located in southwestern France. Both places live what we call here a dismantling: the slow process of place's weakening. This study has a specific interest, which is to apprehend the place's resilience from their lived dimension and experiences. Therefore, two paths of thinking stand out in the thesis. One of these paths concerns the way to think the resilience: since the resilience is resilience towards an event that causes change, we bring here the thought of phenomenologist Claude Romano, a philosopher considerable about event and its ontological role. The other path of thinking is about the lived dimension and the experiences of place, to consider the role of body like a pivot of the relations among world, place and conscience. For that, all the reflection is based on the thought of Maurice Merleau-Ponty phenomenologist; from which we think the body-place notion. Thus, the lived dimension and experiences of two places are reflected from these paths of thinking, to distinguish the place's incarnate resiliencies.

Key-words: Body-Place, Viracopos International Airport (Brazil), Basin of Lacq (France), Geographical Phenomenology, Maurice Merleau-Ponty.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Linha e contexto.....	46
Figura 2. Mourenx e contexto.....	51
Figura 3. Mourenx em detalhe.....	90
Figura 4. Linha em detalhe.....	101

SUMÁRIO

Apresentação	12
Introdução.....	16
Capítulo 1.Geografia encarnada: caminhos de uma fenomenologia geográfica via dimensão sensível	27
1.1 Ontologia do sensível: fundamentos para uma geografia encarnada	27
1.2 Corpo-lugar: práticas de uma geografia encarnada	34
Capítulo 2. Aventura do lugar: entreplanos e desmonte.....	42
2.1 Planos para os lugares: Ampliação do Aeroporto de Viracopos e desindustrialização da Bacia de Jacu	42
2.2 Repensar a mudança: ontologia eventual.....	53
Capítulo 3. Subitamente ilha,inexplicavelmente vazio	65
3.1 Subitamente ilha	65
3.2 Inexplicavelmente vazio	71
3.3 Acúmulo e enovelamento de sentidos: sínteses lugar-corpóreas.....	79
Capítulo 4. Centro e Estrada: descentramento de si, centramento de um nós	85
4.1 Centro de Mourão e o encontro com o outro.....	85
4.2 A Estrada e a Linha	97
4.3 Descentramento de si, centramento de um nós.....	107
Capítulo 5.Estradamente governar,centralmente se apurar	110
5.1 O evento do desmonte: lugar de onde partir.....	110
5.2 Centralmente se apurar, estradamente governar.....	120
5.3 Política encarnada, resiliência do corpo-lugar.....	125
Capítulo 6. Encarnando a resiliência	134
6.1 Eventualidade do lugar e resiliência: (des) monte	135
6.2 Resiliência enquanto ato do corpo-lugar	140
6.3 Esta resiliência do lugar, todas as resiliências do lugar.....	145
Referências	149

APRESENTAÇÃO

De uma forma geral, resiliência tem sido compreendida como a capacidade de algo superar um problema, crise ou choque e continuar a existir, apesar da seriedade do evento sofrido. Em versões mais afeitas às ciências da natureza, ela é entendida como capacidade de retorno ao normal, em pouco tempo, após um choque. Habitamos (somos) lugares; e por isso, compreender suas resiliências figura como um passo importante na vivência e construção de um habitar mais justo e digno. Nesse sentido, esta tese busca compreender a resiliência do lugar.

Reghezza-Zitt et al. (2015) afirmam que é difícil encontrar sistemas socioespaciais (lugares, comunidades, cidades) não resilientes, afirmando que a história nos dá poucos exemplos de desaparecimento completo destas entidades socioespaciais. Que isso significa? Que a maioria dos lugares são eternos? E, sobre ser eterno: isto seria uma experiência de máxima de resiliência?

Marandola Jr. (2016) discorre sobre “persistência do lugar” (expressão de René Dubos): lugares que existem desde a Idade do Bronze e que permanecem apesar das mudanças ao longo do tempo, se diferenciando do seu entorno (que, ao contrário, muda). Lugares tais como: *haut-lieux*¹, estradas, lugares sagrados. Por que é possível dizer que é o mesmo lugar? É possível por que a materialidade é a mesma? São persistentes por que, materialmente, continuam a ser os mesmos? Essa persistência é resiliência? A resiliência do lugar é a persistência de sua materialidade?

Porteous (1988) criou o termo topocídio (assassinato de um lugar) para designar o que ocorria em Howdendyke. Esta pequena cidade inglesa, às margens de um grande rio, foi, aos poucos, sendo transformada (pelo poder público e pelas ações de industriais) em uma zona

¹ Literalmente “Altos-lugares”. Termo francês que designa lugares que se tornaram famosos por conta de algum evento ou por terem sido retratados em obras de arte (DICTIONNAIRE LAROUSSE, 2010).

portuária industrial, a despeito de seus moradores serem contra isso. Aos poucos a cidade foi se transformando: terrenos com casas sendo comprados e convertidos em partes de áreas industriais, proibições públicas de aumento de casas ou construção de novas residências. Novos barulhos (de guindastes, veículos, barcos, dos barracões), novas pessoas, novos tipos de pessoas, novos ritmos do lugar, supressão de comércios e serviços para habitantes: os moradores foram se sentindo compelidos a deixar a cidade. Para Porteus (1988), se tratou do assassinato de um lugar, um topocídio. Em que momento o lugar morreu? No caso, ele não foi resiliente? Que é necessário para ser resiliente?

Em 2015, uma barragem contendo dejetos tóxicos da mineradora Samarco rompeu. Bento Rodrigues, o distrito do município de Mariana (MG), se localizava a jusante da barragem e foi 80% destruído, materialmente, pela lama tóxica (MARANDOLA JR., 2016). É um lugar morto? Quando a materialidade morre, mas as pessoas sobrevivem, o lugar está morto? O lugar não foi resiliente, mas as pessoas do lugar o são?

Antes que, especificamente, responder a essas questões, o que queremos é atentar ao fato de que lugares mudam, sofrem choque, crises e que podem sucumbir ao que lhes acontece ou ao contrário, de alguma forma, ultrapassar os problemas. Todas estas questões dizem respeito a mudanças dos lugares e destacam, por um lado, como essas mudanças se relacionam com a sobrevivência e a identidade dos lugares e das pessoas que os habitam e, por outro lado, como os detalhes e a vivência da superação dessas crises (resiliência) ainda são pouco claros.

Nesse sentido, esta tese reflete sobre a resiliência do lugar a partir da experiência de dois lugares em específico: a Linha, bairro do município de Campinas, Brasil e Mourenx, pequeno município do sudoeste da França. Fazendo isso a partir de uma fenomenologia geográfica orientada pelo pensamento do filósofo Merleau-Ponty; o que permite propor aqui o desenvolvimento de uma geografia encarnada. Ambos os lugares, ainda que distintos e com questões flagrantemente diferentes, vivem eventos que os mudam e que colocam em xeque sua existência; a partir da prática dessa geografia exercitada a partir da dimensão sensível, esperamos contribuir para a compreensão da resiliência do lugar.

Enquanto reflexão sobre a resiliência de lugares, esta tese está relacionada a dois projetos de pesquisa maiores. Do lado do Brasil, ao Projeto de Pesquisa “Geografia dos Riscos e Mudanças Ambientais” (GERMA), alocado no Laboratório de Geografia dos Riscos e Resiliência (LAGERR) da Faculdade de Ciências Aplicadas da Unicamp, coordenado por Eduardo Marandola Jr.. Do lado da França, esta pesquisa participa do Projeto “*Accompagner le Changement vers de Territoires Resilients: Enjeux territoriaux liés aux risques émergents*

et à leur gestion dans le Sud-Ouest” (ACTER), junto ao *Laboratoire PASSAGES* (unidade de pesquisa composta por diversos laboratórios, em diferentes sítios/universidades francesas), sítio da *Université de Pau et des Pays de l'Adour* (UPPA). O período de 11 meses de doutorado-sanduíche², na UPPA, foi financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES) e ocorreu sob a supervisão do Pesquisador Julien Rebotier (coordenador do ACTER).

Do lado do Brasil, a questão da ampliação do Aeroporto Internacional de Viracopos é uma mudança ambiental de grande vulto no município de Campinas, uma das áreas de densa urbanização do Estado de São Paulo para as quais o Projeto GERMA está voltado. Este projeto busca complexizar a construção de indicadores de respostas a riscos, ou seja, indicadores de vulnerabilidade e resiliência de lugares a partir da combinação de diferentes metodologias (tanto quantitativas quanto qualitativas), buscando ir além do fator renda enquanto mote para construção de indicadores e orientação de políticas públicas. Uma das estratégias do projeto é a de dar ênfase ao contexto geográfico, o qual é um dos responsáveis por circuncionalizar riscos, vulnerabilidades e resiliências (MARANDOLA JR., 2012a).

A Linha, enquanto lugar ameaçado pelas mudanças ambientais compreendidas no projeto de ampliação do Aeroporto de Viracopos vem, justamente, adensar a discussão e compreensão da relação entre contexto geográfico e resiliência. Um pequeno bairro, de traços urbanos no meio rural, que começou acompanhando de longe a questão da ampliação do aeroporto para, depois, se ver subitamente ameaçado de desaparecer face a esse projeto. Procurando, desta forma, contribuir com Projeto GERMA no âmbito discussão dos fenômenos a serem considerados na construção de indicadores de vulnerabilidade e resiliência.

Do lado da França, o Projeto ACTER lida com o risco e sua gestão a partir de problemáticas que se dão no sudoeste da França, onde o debate acerca do risco cobre tanto problemas ambientais mais antigos, quanto problemas relacionados a discursos e ações ambientais mais atuais, marcados pelo debate acerca das mudanças ambientais globais. Dentro deste quadro, ACTER tem interesse em compreender, sobretudo, a capacidade de resiliência de territórios de risco, buscando (com pesquisas teóricas e empíricas, assim como com diferentes metodologias) discernir dispositivos que permitem a permanência da organização e funcionamento dos territórios face aos riscos e às mudanças que estes riscos podem promover. (REBOTIER, 2012a). Para tanto, um dos territórios estudados pelo ACTER é Bacia de Lacq (*Bassin de Lacq*). Região que fortemente industrializada em função da

² Número do processo PDSE/Capes (Programa de Doutorado Sanduíche do Exterior): 99999.006418/2015-05.

exploração e transformação de gás de petróleo, nos últimos anos, a Bacia de Lacq sofre uma grande transformação com o fim paulatino do gás e seu processo de desindustrialização.

Neste contexto em que um dos significados de resiliência seria sobreviver ao fim da atividade econômica da qual dependia a região, a cidade de Mourenx vive a questão de forma mais aguda. Mourenx foi inteiramente construída para abrigar os trabalhadores das indústrias; sem as indústrias, o destino de Mourenx parece dúbio para muitos. Essa tese, na medida em que aborda a vivência do evento que transtorna o lugar, contribui para a discussão dos dispositivos que constituem a resiliência do lugar.

INTRODUÇÃO

*A questão é, ao mesmo tempo, topográfica e espiritual,
Petrarca colocou em cena repetidas vezes essa conjunção do
ser-eu-próprio e do estar-em-alguma-parte (ou então do não-
poder-ser-em-alguma-parte)*
Jean-Marc Besse, 2006

O filósofo Claude Romano atenta que o mundo não é feito só de coisas, mas de mudanças (ROMANO, 1999). Acrescentaríamos, então, que pra compreender o mundo, não basta dizer o que as coisas **são**, é preciso compreender o **mudar**, perguntar como as coisas mudam, o porquê de mudarem, em direção ao que mudam. Mais do que isso: o que cada coisa **é** depende das **mudanças** que viveu. Existir compreende, já, o mudar.

Há um bairro junto ao Aeroporto Internacional de Viracopos, no município de Campinas (São Paulo, Brasil). Em meio a uma área rural e matas, com traços de urbano, este bairro é conhecido institucionalmente como Pouso Alegre, mas os moradores dele e do entorno do Aeroporto o chamam de Linha (por estar junto à linha de trem e da ponte que passa por cima dessa linha). As ruas da Linha (quatro no total) são todas de terra. O bairro possui apenas uma entrada (ou seja, das quatro ruas, duas são sem-saída e a terceira é apenas uma passagem de uma rua para outra), suas ruas têm uma combinação específica de cores: o laranja e o bege do chão de terra, amarelo-alaranjado dos tijolos das casas sem reboco, portões ora enferrujados, ora de cores que são difíceis de discernir dado o desbotamento, as casas com tintas (azul claro, amarelo, branco) que desbotam também. Os portões são bem juntos das casas, elas não têm jardim de frente; um ou outro carro (no geral, velho) fica estacionado junto a algum portão. A cor da terra da rua e da estrada, esses tons de bege e de laranja, recobre as paredes e a lixeira e os portões e as portas, pincelando um traço-de-união, um hífen, amarelo-abegado entre as coisas, as casas, os cachorros (sim, os cachorros também estão tingidos) e o chão; tudo exposto ao céu, sem árvores. Ali é uma parte alta da vertente e essa nudez da rua, dada por essa ausência de árvores, deixa a rua e o horizonte despidos para

avista, nada encobre a panorâmica do entorno: vales, verdes de mata e de plantações, sítios, a linha do trem sumindo ao longe, o horizonte longínquo, longínquo. O Aeroporto de Viracopos, no entanto, é invisível dali.

Após essa entrada do bairro, de casinhas pequenas e calçadas desnudas (mal distinguíveis ou, na maior parte das vezes, ausentes), as árvores abundam, grandes e frondosas, sombreando tudo. Há ali algumas casas diferentes daquelas da entrada: misturadas às casas simples, muros mais elaborados que escondem casas maiores com suas piscinas e quadras, um ou outro galpão. Muita planta, muita árvore: como se a rua se fechasse (verdes-folhas) sobre si mesma. Em alguns pontos, entre as casas, há terrenosque possuem resquício de matas, o que ajuda a adensar esse sombreado de verdes-folhas como que uma abóboda sobre as casas, sobre a rua. Os moradores andam, a maioria, a pé, saindo ou entrando no bairro pela rua principal; na maior parte das vezes, estão sozinhos ou em dupla, trio. O verde domina, o frondoso das árvores diminui a temperatura em relação à entrada do bairro. Mas é preciso ter olhos atentos: uma boa parte desse verde não é resquício de mata, é *retorno*. Os escombros de casas demolidas estão sob arbustos e pequenas árvores que começam a crescer, dando a impressão de serem resquícios de mata. Onde já houve a desapropriação das casas, as pessoas foram embora e a mata retorna.

A Linha muda. Se perguntara algum morador da Linha sobre as mudanças, a resposta pode ser educada, mas encorpada pelo tom da raiva.

Há uma cidade, chamada Mourenx ou Mourenx Ville, situada no meio da zona rural do sudoeste francês, inteiramente construída para abrigar os moradores dos pólos industriais (petroquímicos) que ali foram construídos, nas décadas de 1950 e 1960, formando a região conhecida como Bacia de Lacq. Em Mourenx Ville, há prédios, muitos prédios, muitas janelas quadradas, muitos edifícios (retângulos, em forma de torres ou barras) de cores diferentes, embora aparentadas (entre brancos e cinza junto a tons pastéis). O centro é todo feito de prédios, com um vão no interior, onde não há prédios; no vão há uma grande rua só para pedestres e as praças (quadrados cinza-cimentos). É a paisagem de grandes projetos de habitação popular. Tudo é em ângulo reto: as praças interligadas ao centro, as escadinhas, a rua de pedestres, a prefeitura. Nos prédios às margens do vão, no andar térreo, há lojas. Ou, antes, há espaços para lojas, mas lojas não há. Quando há lojas, a maior parte está fechada: mesmo em dia de semana, em horário comercial. Ou seja, nesse vão há um centro de serviços, com a grande maioria de serviços fechados: as vitrines com papéis pardos que tampam os interiores vazios ou quase vazios. Há poucas árvores pelos pisos cinza do centro, aqui ou ali, há um pequenino canteiro, com seu jardim. A padaria fechada, o banco fechado, a grande loja

de roupas fechada, restaurantes fechados, o açougue fechado. Nas ruas: ninguém. Um deserto cinza-claro.

Uma das primeiras moradoras de Mourenx afirma que o que a maravilhava, quando chegou à cidade, era a sofisticação dos apartamentos (neles tinha tudo de mais novo em tecnologia para moradias) e a cidade, resplandecente, moderna, em cores claras. O que mais gostava era que todos conheciam todos, as pessoas se encontravam, conversavam pelas escadas dos prédios, pelas praças do pequeno centro. O encontro com o outro não devia ser difícil, pois a cidade é pequena: se andar por volta de dois quilômetros, de norte a sul ou de leste a oeste, terá percorrido toda Mourenx Ville. Atualmente: ninguém ali, em um dia de semana, em horário comercial, ninguém. Sob o sol de uma hora da tarde, são raras as pessoas nas ruas do centro, o silêncio colado aos vidros das vitrines vazias. Dia de semana e quase tudo fechado. Entre os prédios que são esse centro, há alguns reformados, outros com a pintura descamando, outros claramente esvaziados. Recentemente, uma nova praça foi aberta entre os prédios: com um novo espelho d'água, bancos em ângulos retos, iluminação sofisticada; ninguém na praça. Há uma ambiência feita de calma feita de luz do sol refletida tanto pelas cores dos pisos das ruas quanto pelas paredes dos prédios. Há uma espécie de delicadeza na paisagem, há um certo silêncio colorido de tons pastéis dos edifícios e das miríades de cinza claro do chão. Caminhar por Mourenx é entender que falência não é só uma palavra, mas também uma sensação (por vezes, delicada). **Mourenx muda.**

Linha e Mourenx passam por mudanças significativas. A Linha está em uma área que deve ser inteiramente desapropriada em função do projeto de expansão do Aeroporto Internacional de Viracopos; desapropriação cujas primeiras negociações datam do início da década de 2000. As desapropriações já começaram; um bairro inteiro, do entorno do Aeroporto, já desapareceu e há moradores da Linha que já foram desapropriados, suas casas já demolidas, a mata retornando aos terrenos. Mourenx Ville, em meados da década de 1980, vê a previsão se concretizar: começou a rarear o gás natural da área e as indústrias em função das quais a cidade fora planejada começam a deixar a região e a cidade construída para os trabalhadores das indústrias fica sem as indústrias. Seria possível dizer que na Linha a mudança que se opera é em direção à destruição material do lugar e a impossibilidade das pessoas continuarem a morar lá; já em Mourenx, a mudança que se opera na partida daquilo que foi o motivo de criação e existência da cidade, e a consequente dificuldade de continuarem a viver ali, caso se queira. Embora a Linha e Mourenx sejam lugares diferentes que vivem mudanças completamente distintas entre si, entendemos que o sentido dessas mudanças seja o

mesmo: o deum **desmante do lugar**. Chamamos de desmante, pois é um processo lento, atravessado por uma ameaça ou sentido de fim do lugar.

Um processo lento porque em ambos os lugares, a mudança não é súbita, não ocorre de um dia para outro: os lugares vivem as mudanças há alguns anos, as pessoas dormem e acordam e o evento, a mudança, está ali, se perfazendo no cotidiano do lugar. Na Linha, temos a desapropriação, a demolição de casas e em Mourenx, por outro lado, observa-se as partidas de famílias, de jovens, das lojas, em um processo de esvaziamento da cidade: ainda que de formas diferentes, um sentido de fim está presente nos dois lugares. Por isso falamos desmante, **conotando a sensação de lento desfazer-se**. Assim usamos o termo desmante porque não se trata de uma destruição imediata, de um aniquilamento em um só golpe, estamos nos referindo a um processo de “desfazimento”. Nesse sentido, retomamos que no “Dicionário Contemporâneo de Língua Portuguesa”, de 1881, consta como sentido do termo desmante o “privar algo do poder ou vantagem” e “desconcertar, transtornar” (CALDAS, 1881). No dicionário Houaiss, desmontar tem sentido de “causar ruína”, “desfazer” (HOUAISS, 2009) e no dicionário de português contemporâneo, assim como diferentes dicionários de sinônimos, traz “desmantelamento” como sinônimo de desmante. E, é interessante atentar, que desmantelamento vem do latim “mantel” que eram as muralhas que protegiam cidades; logo, desmantelar, corresponderia a minar, atacar o “mantel” com vistas à destruição da cidade que ele protegia (TORRINHA, 1939; SILVA, 2009). Desse modo, estamos atentos ao transtornamento do lugar, ao processo que leva em direção à sua ruína, ao seu desmantelamento, ao seu desmante.

Entretanto, para aprofundar a compreensão do papel de um desmante do lugar, é preciso que lugar não seja entendido apenas como substrato material, separável das pessoas, de suas vidas.

Muitas vezes, embora de forma pouco clara, nós imputamos aos lugares a responsabilidade pelo nosso bem-estar ou pelo nosso destino. Tal como quando sentimos um desgosto em relação a um lugar, uma vívida recusa de querer frequentá-lo e o lugar passa a ser, ele próprio, um problema, um nódulo no cotidiano. Um nódulo na vida. E salvar-se depende da possibilidade de não mais viver esse lugar. Em contraponto, às vezes, intuimos que o lugar é, ele mesmo, uma salvação: tal como Petrarca que viaja constantemente, inquieto, não conseguindo se estabelecer nos lugares, buscando aplacar o tormento de sua alma ao encontrar um bom lugar onde estar, onde ser: o tormento de Petrarca (intelectual italiano do século XIV) e a busca da solução para o tormento são, ao mesmo tempo, espiritual

e topográfica (BESSE, 2006). Nós imputamos aos lugares os nossos destinos, porque nós sempre somos os lugares em que estamos.

Somos os lugares em que estamos porque só somos no e pelo lugar; não há existência dissociada do lugar. E a reflexão sobre a indissociabilidade entre ser e lugar já foi realizada, sobretudo por autores que pensam o lugar a partir do pensamento de Martin Heidegger (MARANDOLA JR., 2012b; RELPH, 2012; SARAMAGO, 2012). Marandola Jr., em outro momento, coloca que se pensarmos fenomenologicamente, a partir de Heidegger, não há compreensão cindida de lugar, que separe lugar de pessoas, ao contrário “[...] pessoas são seus lugares; lugares são suas pessoas” (MARANDOLA JR., 2017, p.3).

Assim, quando lugares mudam, aqueles que têm suas vidas realizadas neles e por eles também mudam. E é, também, nesse sentido que grandes transformações dos lugares não são apenas uma mudança de elementos materiais, restringida ao “reino das coisas”. A mudança do lugar sempre é mudança das vidas das pessoas, da possibilidade de seu bem-estar, de condições dignas de vida. Neste sentido, falando sobre aniquilamento de lugares, os geógrafos Windsor e Mevey (2005) chamam a atenção para a ligação entre o lugar e a vida das pessoas. Eles se debruçam sobre o ocorrido no Canadá, na década de 1950, com os índios Cheslatta T'en; as terras onde esses índios viviam (foram inundadas para a construção de uma usina hidrelétrica chamada *Kemano Project* (demandada por uma grande indústria de alumínio). Aos índios foram dadas residências em um outro local. Os autores do estudo desse processo destacam que a mudança de residência não compensou, de longe, o que ocorrera com esta nação: a destruição social e espiritual dos Cheslatta T'en em função dessa diáspora forçada, da perda do lugar; “Como resultado da remoção deles de seu lugar, eles perderam seu gado, seu modo de vida, sua maneira de caçar e quase perderam sua própria língua. Um ex-chefe da tribo descreve os impactos da *Kemano Project* como uma ‘lenta morte de nosso modo de vida’.”³ (WINDSOR; MEVEY, 2005, p. 156). Chefes e ex-chefes da tribo atentam que a destruição de seu povo continua: desde seu reassentamento, surgiu a tendência de mortes relacionadas ao alcoolismo, uso de drogas ou suicídio (como nunca ocorrera antes); e 95% do povo Cheslatta dependia de políticas de assistência governamental (WINDSOR; MEVEY, 2005). Quando nos deparamos com esse ou outros tipos de fracasso ou injustiça de programas de requalificação urbana de favelas, remoção de pessoas de áreas de risco, reassentamentos, desapropriação por conta de construção de barragens ou da realização de algum outro grande

³Tradução livre.No original: “As a result of their displacement, they lost their way of life, their way of hunting and almost their own language. A former tribal chief described the impacts of *Kemano Project* as a ‘slow death to our way of life’”. (WINDSOR; MEVEY, 2005, p. 156).

projeto, grande parte do problema se deve à ausência da compreensão ontológico-existencial do lugar, ou seja, da indissociabilidade entre ser e lugar (DE PAULA, 2010). O que propomos aqui é refletir sobre a resiliência do lugar, em suas dimensões ontológico-existenciais, a partir da vivência das mudanças na Linha e Mourenx.

Ainda que mudar seja intrínseco a existir, das inúmeras formas pelas quais um lugar pode mudar, algumas dão origem a uma preocupação em específico: a de que a mudança seja mudança que ameace a existência do lugar, mudança que seja crise, choque, perturbação. É dentro deste contexto que a resiliência passou a ser perseguida pelos geógrafos: eles buscam entender como os lugares (ou regiões, cidades, países) enfrentam problemáticas que ameaçam a existência dos lugares ou que os colocam em uma situação negativa.

Existem diferentes formas de pensar e abordar a resiliência, em acordo com diferentes disciplinas acadêmicas, tais como física, ecologia, psicologia, pedagogia, por exemplo (WALKER; COOPER, 2011; ALEXANDER, 2013; REBOTIER et al., 2013; REGUEZZA-ZITT; PROVITOLO; LHOMME, 2015). Porém, apesar das diferenças epistemológicas, metodológicas e temáticas entre estas disciplinas, a maior parte dos estudiosos se atém a uma definição semelhante de resiliência, derivada daquela feita por um dos primeiros pesquisadores a operacionalizar o conceito de resiliência, o ecólogo Crawford S. Holling: a habilidade de um sistema retornar para um estado de equilíbrio pouco tempo após uma perturbação (HOLLING, 1973). A maior parte dos estudos de resiliência realizados por geógrafos seguem essa tendência, sendo que a discussão sobre a resiliência de unidades geográficas (seja lugar, região, bairro, área, cidade, país) teve entrada, sobretudo, pelo contexto dos estudos sobre riscos, perigos e vulnerabilidades ambientais (MARANDOLA JR.; HOGAN; 2004; MARANDOLA JR., 2009; REBOTIER, 2012b).

No entanto, apesar da difusão do uso do conceito de resiliência ou, justamente, por essa ampla difusão, uma série de ressalvas quanto à operacionalização do conceito já foi levantada; ressalvas com as quais concordamos. As críticas ao conceito e a forma de usá-lo giram em torno de: seu aspecto conservador (na medida em que ele diz respeito ao retorno ao normal, ao invés de propor uma transformação); sua dimensão neoliberal (pois, pode obliterar o papel de instituições políticas ao enfatizar que o indivíduo que sofre o choque deve ser responsável por sua própria recuperação); seu possível caráter normativo (pois, surgem o julgamento de boas e más condutas de lugares, as quais levariam a boas ou más resiliências); sua injunção positiva (pois, políticos, planejadores, tomadores de decisão tomam resiliência como sinônimo de vitória). Nesse sentido, já existe tanto um debate consolidado sobre o

caráter controverso do conceito de resiliência quanto à exortação à necessidade de um posicionamento crítico e uma atenção epistemológica e ética em sua operacionalização (WALKER; COOPER; 2011; FELLI, 2014; RUFAT, 2015).

Reguezza-Zitt et al (2015), no trabalho intitulado “*Definir la résilience : quand le concept résiste*” (Definir a resiliência: quando o conceito resiste), colocam que um dos motivos do caráter controverso do uso do conceito de resiliência e de sua difícil operacionalização se deve ao fato de que sob a noção estão duas diferentes epistemologias: uma relativa à ciências exatas naturais (onde a resiliência primeiramente foi trabalhada) e outra ligada à ciências humanas sociais. Em um artigo sobre a genealogia e uso da noção de resiliência na academia científica, David Alexander afirma que nas ciências duras a resiliência:

[...] é inerente à qualidade dos materiais e assim, se necessita alterar as características inerentes do material se sequer aumentar a resiliência. Assim, resiliência é determinada propriedade calculável, sobretudo, experimentalmente. Resiliência em sistemas ecológicos designa como os sistemas preservam sua integridade, enquanto em sistemas sociais o conceito é mais complexo e difuso (ALEXANDER, 2012, p. 2714)⁴.

O conceito de resiliência é mais complexo no que diz respeito a sistemas sociais, porque envolve o homem e, junto deste, o subjetivo, emoções, sentimentos, percepção, opiniões, contradições, cultura. Em outras palavras, se existem maneiras matemáticas de mensurar a resiliência de materiais ou de ecossistemas a um choque ou stress, em contrapartida, quando a resiliência envolve o homem, grupos, sociedades, populações, indivíduos, o que é choque, o que é retorno ao normal e, mesmo, o que é normal não são unívocos e não são, no mais das vezes, mensuráveis matematicamente.

No entanto, apesar das dificuldades e armadilhas associadas ao conceito de resiliência, na introdução de uma obra que procura discutir seus diferentes aspectos junto à Geografia, os geógrafos Mônica Reguezza-Zitt e Samuel Rufat colocam porque a resiliência é um horizonte tão desejável:

A resiliência evoca a capacidade de saltar para trás, se reendireitar, se reconstruir depois de um choque, uma perturbação, uma crise. É a propriedade que faz com que, apesar das provações sofridas, o indivíduo, a sociedade, o território não desapareçam. É o processo que os permitem enfrentar a desorganização, a perda, o dano, se manter e perdurar apesar dos riscos do ambiente, da história ou da existência. É também o resultado desse

⁴Tradução livre. No original: “[...] is an innate quality of materials, and thus one needs to alter the inherent characteristics of the material if one wants to increase it. Hence, it is a calculable property determined, in the main, experimentally. Resilience in ecological systems is about how they preserve their integrity, while in social systems the concept is more complex and diffuse” (ALEXANDER, 2012, p. 2714).

processo que é constatado, por vezes celebrado, e que permite falar de recuperação, mesmo de renascimento. (REGUEZZA-ZITT; RUFAT, 2015, p. 16)⁵

Assim, quando propomos abordar a resiliência do lugar, estamos propondo conhecer os fatores e dinâmicas que influem num possível processo de restabelecimento ou renascimento após uma mudança de caráter negativo, no esforço de continuar a ser. Assim como, compreender como o lugar lida com a desorganização, com a perda e com o dano.

O esforço de compreender o lugar em sua dimensão ontológico-existencial implica em certos posicionamentos epistemológicos na abordagem da resiliência da Linha e de Mourenx. Até metade do século XX, dentro da Geografia, tradicionalmente, lugar vinha sendo considerado apenas como pequena unidade de área. Com o desenvolvimento da abordagem da Geografia Humanista Cultural, mas particularmente pelos geógrafos que se orientaram pela fenomenologia, o lugar passou a ser compreendido a partir de sua dimensão ontológica e existencial, enquanto um fenômeno vivido, uma entidade geográfica que **é, exatamente, arelação** entre pessoas e área. Para compreender o lugar é necessário, portanto, apreender essa relação que se realiza na vivência e que se faz, sempre, experiência (conhecimento oriundo do ato de viver) (TUAN, 2012; 2013; OLIVEIRA, 2012; HOLZER, 1999; MARANDOLA JR., 2012b). Por partir desta compreensão geográfico-humanista de lugar é que nossas reflexões sobre a resiliência do lugar são orientadas pela fenomenologia. Esta última, enquanto filosofia voltada para a compreensão da experiência, tem norteado as bases teórico-metodológicas de estudos de lugar⁶.

A fenomenologia tem como mote “o retorno às coisas nelas mesmas”. Edmund Husserl, precursor da fenomenologia em sua acepção moderna, afirma que toda nossa atividade cognoscente, nossa forma de lidar com o mundo, que todo nosso mundo-da-vida se constitui a partir de fenômenos (HUSSERL, 1986; 2012). Etimologicamente, fenômeno é aquilo que aparece, que se mostra nele mesmo; mas é preciso atentar que, do ponto de vista da experiência vivida, aparecer já é ser. Assim, ao invés de se criar teorias científicas cada vez

⁵Tradução livre. No original: “*La résilience évoque la capacité à rebondir, à se redresser, se reconstruire après un choc, une perturbation, une crise. C’est la propriété qui fait que malgré les épreuves subies, l’individu, la société, le territoire ne disparaissent pas. C’est le processus qui leur permet de faire face à désorganisation, à la perte, au dommage, de se maintenir et de perdurer malgré les aléas du environnement, de l’histoire ou de l’existence. C’est aussi le résultat de ce processus, qui est constaté, parfois célébré, et qui permet de parler de rétablissement, voire de renaissance*”. (REGUEZZA-ZITT; RUFAT, 2015, p. 16).

⁶ A relação entre Geografia e Fenomenologia nos estudos dos lugares já é de longa data. Se por um lado as primeiras obras de Yi-Fu Tuan (das décadas de 1960 e 1970) (TUAN, 2012; 2013) e de Edward Relph (1976) são precursoras dessa relação, uma coletânea nacional, mais recente, “Qual é o espaço do lugar?” (MARANDOLA JR.; HOLZER; OLIVEIRA, 2012) reúne diversos autores (geógrafos ou não) cujas reflexões sobre lugar estão ligadas à abordagem humanista em Geografia e as suas diferentes orientações, dentre elas, a fenomenologia. Mais detalhes sobre a categoria lugar e Geografia Humanista, ver: Holzer, 1999; 2016.

mais distantes do mundo da vida (onde tudo se origina), a proposta de retorno às coisas nelas mesmas incita à produção conhecimento científico a partir do mergulho na concretude da experiência, no mundo da vida, buscando acercar a constituição dos fenômenos. Por isso, faz parte do método fenomenológico duvidar de concepções, conceitos prévios, senso comum ou teorias já construídas, num movimento de procurar compreender a experiência que está aquém delas e que as fundamentam.

Entre os estudos de resiliência empreendidos pela Geografia, a busca é a de operacionalizar o conceito e, assim, mensurar: se unidades geográficas são resilientes ou não, quais são mais resilientes, quais são menos resilientes, as causas de ter uma resiliência mais eficaz ou não⁷. Ou então, estes estudos buscam mensurar a resiliência das pessoas (e não dos lugares) que habitam determinadas localidades, pensando e operacionalizando a partir dos debates e metodologias da Psicologia e Pedagogia e, nesses estudos, as crises nas unidades geográficas são a causa das mudanças às quais as pessoas tentam ser resilientes⁸.

O que se destaca nesses estudos de caráter empírico (não só da geografia, mas de outras disciplinas também) é que eles, tomando a resiliência como capacidade de retorno ao normal após um choque, assumem, dessa forma, diferentes parâmetros para operacionalizar o conceito. E esses parâmetros incluem um pré-estabelecimento do que é o normal, do que é retorno ao normal, da existência de um tempo específico de retorno ao normal ou, somado a isso, empregam o pressuposto de que quanto mais se tem capital (capitais humano, social, financeiro) mais resiliente se é.

Na medida em que buscamos refletir a questão da resiliência do lugar a partir da experiência, nos orientando pela fenomenologia, nossa postura é de suspender as pré-concepções envolvidas nos parâmetros necessários para a mensuração da resiliência, colocando-os em dúvida. Mas, se por um lado duvidamos dos parâmetros, por outro nos voltamos para a experiência dos lugares, buscando compreender a resiliência a partir da própria vivência dela, a partir de sua concretude: retorno à coisa nela mesma. Assim, é por isso que esta pesquisa propõe uma mudança na forma de abordar a resiliência, trazendo assim uma perspectiva a mais para se somar às demais abordagens; uma mudança como se déssemos um passo atrás: antes que tentar mensurar a resiliência, queremos descobri-la na forma como

⁷Ver, por exemplo: Freitas; Carvalho; Martins(2010); Ximenes; Arraes; Gomes (2012); Andrade; Souza; Silva, 2013; Pitteri; Bresciani, 2013; Floriani; Rios; Floriani (2013); Muniz; Pimentel, 2014; Vestena; Geffer; Almeida; Vestena (2014); Oscar Jr (2014).

⁸Ver, por exemplo: Assunção; Silva(2014). E:Silva(2014).

ela se faz concretamente. Em outras palavras, propomos refletir sobre a resiliência do lugar na sua forma encarnada ou, dito de outra maneira, revelando sua **carne**.

Aqui, revelar a carne da resiliência corresponde a se orientar pelas seguintes questões: que acontece ao lugar quando ele sofre uma mudança de caráter negativo do ponto de vista da vivência? Que acontece ao lugar quando ele passa por um desmonte, que ameaça sua existência? Como o lugar muda? Como ele vive a mudança? Como ele lida com a mudança? Quais coisas, ações, fatos, sensações, lógicas, sentimentos compõem a lida com a mudança? Ali, imiscuída nas dobras do cotidiano ou em atos surpreendentes, nas formas como as pessoas se relacionam, nos cantos do lugar: é lá que esperamos encontrar uma resiliência encarnada. Contudo, é importante chamar atenção ao fato de que o termo “encarnada”, ainda que apele para a concretude do fenômeno, não deve ser encarado como sinônimo de “pura materialidade”. O termo “encarnada”, como o usamos aqui, é derivado da noção de carne da filosofia de Maurice Merleau-Ponty, fenomenólogo francês.

Merleau-Ponty, na primeira década do século XX, se tornou um dos maiores nomes da filosofia francesa e da fenomenologia em geral; responsável por um percurso intelectual que buscou revelar as aporias da separação entre o que se convencionou chamar material e imaterial (e das outras formas de expressão dessa antinomia, como: corpo *versus* alma; interior *versus* exterior; empirismo *versus* idealismo; objetivo *versus* subjetivo; consciência *versus* mundo). Nesse percurso, Merleau-Ponty inaugurou uma ontologia do sensível, da qual um desenvolvimento mais profundo foi interrompido por sua morte. A carne é, justamente, a noção última no interior de sua ontologia.

A carne coroa e opera o intento merleauPontyano de conhecer o Ser antepredicativo, Ser Bruto (MERLEAU-PONTY, 2012a), anterior à reflexão, anterior às teorias. No livro “A carnalidade da reflexão”, Silva (2009, p. 178) comenta como a carne está ligada ao:

[...] buscar “atingir o ‘não-sabido’ (*Ungewusst*), não uma ciência da Natureza, mas uma fenomenologia do Ser pré-reflexivo” (N, 66); um “Ser que não está diante de nós, mas atrás” (N, 119), um universal que “não existe acima, mas abaixo” (VI, 272), já que é o “nosso solo que nos sustenta” (N, 20) [...] um “ambiente de experiência em que não há consciência sobre todas as coisas, mas participação de minha própria vida em todas as coisas, de maneira recíproca” (N, 64).

Assim, buscar a carne da resiliência do lugar é buscar o que está abaixo ou atrás do conceito de resiliência, buscar aquilo que acontece na experiência do lugar e que consubstancia sua resiliência. É buscar a resiliência lá, onde ela ainda não é pensada como resiliência, lá onde ela é apenas vivência, retorno à coisa nela mesma.

Nesse caminho para apreender a resiliência encarnada do lugar surge uma demanda: a de um fundamento que potencialize a apreensão da carne da resiliência do lugar, qual seja uma fenomenologia geográfica afeita à dimensão sensível ou, dito de outra forma, uma geografia encarnada. Para tanto, no Capítulo um (Geografia encarnada: caminhos de uma fenomenologia geográfica via dimensão sensível), discutimos mais detalhadamente o pensamento merleau-pontyano e a noção de carne; fundamentando a proposta de uma geografia encarnada e discorrendo sobre a noção que orientará as reflexões sobre as vivências do desmonte na Linha e em Mourenx, qual seja, a noção de corpo-lugar

No Capítulo dois (Aventura do lugar: entre planos e desmonte), é onde apresentamos o contexto geral a partir dos quais surgem esses processos de desmonte: na Linha, a ampliação do Aeroporto Internacional de Viracopos e em Mourenx, a desindustrialização da Bacia de Lacq. Ainda no movimento de compreender o desmonte, apresentamos também neste capítulo o pensamento do fenomenólogo Claude Romano. A reflexão deste filósofo acerca do evento (um algo que acontece, que engendra a mudança) nos leva a compreender o desmonte enquanto evento que transtorna a ipseidade dos corpos-lugares; assim como a compreender que a própria existência é já a sobrevivência de eventos e, logo, aventura. O Capítulo três (Subitamente ilha, inexplicavelmente vazio) atenta às formas como as mudanças engendradas pelo desmonte são vivenciadas. Nesse percurso, damos ênfase ao acúmulo de pequenas mudanças e ao enovelamento de sentidos; ambos sendo sínteses lugar-corpóreas que se realizam no contato com o evento do desmonte.

No Capítulo quatro (Centro e Estrada: descentramento de si, centrimento de um nós), Linha e Mourenx são apresentadas a partir de suas paisagens e dinâmicas. Nesse ínterim, se delineia como corpos-lugares individuais são, também, um corpo-lugar coletivo ou, antes, intersubjetivo. O Capítulo cinco (Estradamente governar, centralmente se aprumar) retoma as discussões anteriores sobre o evento, sobre as sínteses lugar-corpóreas e a intersubjetividade dos corpos-lugar, apontando sobre como junto à vivência do desmonte têm origem estratégias corpos-lugar e engajamentos tácitos, consubstanciando uma política encarnada; qual seja componente da resiliência do corpo-lugar.

O último item da tese (Encarnando a resiliência) retoma a proposta norteadora da pesquisa: dialoga com questões da discussão mais ampla sobre resiliência dos lugares, apresentando a contribuição da perspectiva encarnada a este debate.

CAPÍTULO 1.

GEOGRAFIA ENCARNADA: CAMINHOS DE UMA FENOMENOLOGIA GEOGRÁFICA VIA DIMENSÃO SENSÍVEL

1.1 Ontologia do sensível: fundamentos para um geografia encarnada

Anterior à Geografia enquanto disciplina acadêmica há aquilo que a sustenta: nossa relação inalienável com a Terra.

Por um lado, a Geografia acadêmica surge como descoberta e produção de conhecimento sobre a superfície da Terra, onde essa relação inalienável com a Terra é um pressuposto, na maior parte das vezes, invisível. Por outro lado, a perspectiva humanista em Geografia procura justamente compreender de forma mais direta essa relação, que está no cerne da disciplina. Dizemos que é uma busca por compreender de forma mais direta, porque procura discernir essa relação a partir de onde ela se realiza: na vivência (RELPH, 1979; BUTTIMER, 1985; TUAN, 1985; LOWENTHAL, 1985; PICKLES, 1985; HOLZER, 2016). Sendo a vivência, então, os atos, relações, dinâmicas que compõe o devir diário, enfim, o viver (DARTIGUES, 2005; TUAN, 2013).

Assim, a perspectiva humanista se faz uma ampliação do horizonte epistemológico da Geografia. Ampliação na medida em que esta perspectiva traz à tona que para conhecer cientificamente a Terra, compreender as realidades e problemáticas que se apresentam, é importante, também retomar suas dimensões vividas. É neste contexto que a fenomenologia foi incorporada de forma sistemática à Geografia, seja como inspiração, seja como orientação (MARANDOLA JR., 2013). Constituindo, assim, uma fenomenologia geográfica (PICKLES, 1985; MARANDOLA JR., 2014a).

Na medida em que o mote da fenomenologia é o retorno à coisa nela mesma, buscando compreender a coisa a partir da própria forma como ela aparece (fenômeno), uma fenomenologia geográfica busca também um retorno, um conhecimento experiencial, fenomenal, do geográfico enquanto dimensão vivida. Dessa forma, a fenomenologia geográfica se preocupa em trazer à tona o que acontece cotidianamente, as questões mais corriqueiras ou espantosas ou corriqueiras que afligem ou encantam as pessoas, suas correrias, suas paixões, suas histórias, problemas buscando, a partir daí, retornar ao geográfico nele mesmo. E se, enquanto um movimento maior, a fenomenologia geográfica busca compreender a experiência geográfica inerente à vivência, aqui, participamos desse movimento a partir de uma reflexão específica: a de pensar a experiência geográfica a partir da dimensão sensível. E é sobre esta última que nos dedicamos agora.

No senso comum, o adjetivo sensível (além de indicar uma pessoa facilmente impressionável) qualifica algo em função da atividade dos cinco sentidos sensoriais. Nas tradições das ciências orientadas pela filosofia positivista, o termo sensível remete a, de um lado, um corpo fisiológico, dotado de órgãos sensoriais, que recebe estímulos do mundo e, do outro lado, a consciência interpreta esses estímulos. Nesse esquema, mundo, corpo e consciência são coisas separadas, funcionando cada um à sua maneira (MERLEAU-PONTY, 2006a; 2011). Assim, nesta perspectiva, a dimensão sensível se resume apenas à coleta de dados de cor, textura, gosto, cheiro, som de objetos materiais; associado a isso, é entendido que o que seja imaterial é diferente e separado do material, que o sujeito é, também, separado e diferente do objeto. Maurice Merleau-Ponty refunda a compreensão de todos esses estamentos, atentado a um imperativo do sensível, onde este é uma relação inalienável e existencial entre material e imaterial, sujeito e objeto. E Merleau-Ponty erige, assim, uma ontologia do sensível.

Fala-se de um imperativo porque tudo que nos concerne é da ordem do sensível, mesmo aquilo que se julga, comumente, mais imaterial, mais abstrato. Por exemplo, a ideia do triângulo, expressa em equações, pensada a partir de algoritmos poderia ser classificada como imaterial. Para Merleau-Ponty:

Aquilo que chamam de ideia está necessariamente ligado a um ato de expressão e lhe deve sua aparência de autonomia. Ela [a ideia] é um objeto cultural, como a igreja, a rua, o lápis ou a IX Sinfonia. Responder-se-à que a igreja pode incendiar-se, a rua e o lápis podem ser destruídos, e que, se todas as partituras da IX Sinfonia e todos os instrumentos fossem reduzidas a cinza, ela só existiria por breves anos na memória daqueles que a tivessem ouvido, enquanto, ao contrário, as ideias do triângulo e de suas propriedades são imperecíveis. Na realidade, a ideia do triângulo com suas propriedades, a ideia da equação de segundo-grau têm sua área histórica e geográfica, e, se a

tradição da qual nós a recebemos, se os instrumentos culturais que as veiculam fossem destruídos, seriam necessários novos atos de expressão criadora para vê-las aparecer no mundo. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 521-522)

Ao dizer que aquilo a que chamam de ideia está ligada a um ato de expressão, o filósofo está comentando como a ideia, geralmente, é compreendida: enquanto algo etéreo que estava guardado dentro da consciência e, via expressão, sairia de dentro da consciência em direção ao mundo. E, sendo algo etéreo, a ideia seria imperecível. Entretanto, ao destacar a área histórica e geográfica da ideia e os instrumentos de sua difusão como condições da existência da mesma, ele põe em xeque essa imperecibilidade: que é a imaterialidade da ideia se, na experiência, ela está inextricavelmente ligada àquilo a que chamam de material?

São pensados também como imateriais fenômenos que são entendidos exclusivamente como nossos, escondidos dentro do nosso próprio espírito ou de nossa mente, tais como o amor ou o sonho. Mas, mesmo que sentimentos, como o amor, estejam em nosso “interior”, em nossa “alma”, ele não existe, absolutamente, independente do “exterior”, independente dos corpos. O amor não existe sem o objeto amado. O amor vive, ele se faz, se regoziza ou entra em pânico justamente na presença do objeto amado ou da pessoa amada. Não há possibilidade de se amar nada ou ninguém, pois se não há algo a se amar, não é possível haver amor. E o objeto do amor se nos apresenta ali, na dimensão do sensível. O amor, esse sentimento do “interior da alma” só existe, exclusivamente, em função do “fora da alma”.

O que se delineia por essas questões é que o puramente abstrato, puramente imaterial, não existe. Mesmo que se considere algo que não deixaria, teoricamente, rastro nenhum no mundo concreto, como os sonhos. Quando sonhamos, sonhamos só: as imagens passando, se atropelando, se refazendo no momento de se presentificarem, num real irreal. Ninguém estava ali, no sonho, conosco. Não existe uma testemunha dos sonhos, além de nós mesmos. O sonho se passou inteiramente em nossa mente, fora do mundo concreto, logo poderíamos pensá-lo como algo puramente imaterial. No entanto, nenhum sonho pode ser imagem de algo que não seja do mundo ou que não encontra nele suas lógicas. Podemos sonhar “fora do mundo”, mas sempre sonhamos o mundo. Nada no sonho é alheio ao que existe no “exterior da mente”. Dito de outra forma, o sonho é tributário da nossa vivência concreta, de nossa relação sensível com o mundo. O sonho não é imaterial, ele é dessa e de outras tantas formas, também, da esfera do material. Para Merleau-Ponty, na nossa vida sensível, o pensar (que para muitos é considerado como algo imaterial, preso dentro de nossas mentes) nunca está dissociado do sentir e, mais do que isso, para ele sentir é já um pensar.

Em sua última obra “O visível e o invisível”, o fenomenólogo afirma sobre o pensamento e o mundo sensível:

Que uma criança perceba antes de pensar, que comece a colocar seus sonhos nas coisas, seus pensamentos nos outros, formando com eles um bloco de vida comum, onde as perspectivas de cada um ainda não se distinguem, tais fatos de gênese [do pensamento] não podem ser ignorados pelo filósofo [...]. A menos que se instale alguém de toda nossa experiência, numa ordem pré-empírica, onde não mais mereceria seu nome, o pensamento não pode ignorar sua história aparente, precisa encarar o problema da gênese de seu próprio sentido. É segundo o sentido e a estrutura que o mundo sensível é “mais antigo” que o universo do pensamento [...]. (MERLEAU-PONTY, 2012a, p. 23)

Nós aprendemos a pensar **sentindo**, o pensamento não é separado da carnalidade do mundo sensível. Nascemos e vivemos os primórdios de nossa existência nas realizações de nossos olhos, de nossas mãos, braços, frio, dedos do pé, suor, língua, sensações, motricidade, síntese perceptiva: antes que saber o exato significado de uma palavra de baixo-calão, a criança aprende sua proibição na face brava e na voz irada da repreensão do adulto (MERLEAU-PONTY, 2004; 2011; 2012a). Aprendemos a virtualizar (idealizar, abstrair, imaginar) na medida em que vivemos, manejamos, sofremos o mundo, via o sensível. Merleau-Ponty (2012a, p. 24) continua: “[...] é tomando emprestado do mundo [sensível] que se constrói para nós o universo da verdade e do pensamento”.

No centro da dimensão sensível está o corpo.

O corpo é essa unidade, essa massa sensível ao mundo e à mente, o qual de tudo que existe é o que é mais eu (MERLEAU-PONTY, 2006b). Para a Fisiologia e Psicologia orientadas pela filosofia positivista, temos um corpo objetivo. O corpo objetivo é um autômato, que possui relações causais com o ambiente externo e onde sentir e pensar são atividades bem distintas. Já Merleau-Ponty pensa o corpo fenomenal, o qual não possui uma relação causal com o mundo e com a consciência, mas em forma de estrutura (MERLEAU-PONTY, 2006a) ou, em uma relação ontológica, verdadeiramente dialética, entre corpo, mundo e consciência (MERLEAU-PONTY, 2012a).

O corpo fenomenal é o que é porque está em relação constante e inalienável com o mundo, porque nenhum esquema corporal é dissociado de intenções e emoções e nenhuma ideia ou sentimento está separado do corpo sensível ao mundo (MERLEAU-PONTY, 2011). O termo fenomenal designa justamente que o corpo é, não em si mesmo, mas em relação (tal como todos os fenômenos). E essa relação do corpo com o mundo, para usar uma expressão inspirada em Merleau-Ponty (2011), é de **servidão e liberdade**.

Servidão, pois o corpo está sempre preso aos convites do mundo, pela experiência sensível. O mundo, que é esse desenrolar de horizontes com seus lugares, ambientes (coisas, pessoas, cores, estilos, sons, regras, cheiros, movimentos) convida o corpo a escutar, a aquietar, dançar, passar, fugir, observar, se concentrar, se emocionar, ter cuidado, se descentrar ou rolar no chão. Ainda que o convite do mundo possa ser recusado, a recusa do corpo fenomenal não é outra coisa senão ir em direção a outro convite: por exemplo, se esconder em um canto (mudando o próprio esquema corporal) ou ir para outro lugar. Não somos obrigados a aceitar o convite, mas não existimos fora dos convites, somos para sempre servos deles.

Ao mesmo tempo, a relação do corpo com o mundo é também de liberdade, porque o corpo não é um autômato, um objeto determinável pelo exterior, ele é corpo vivo. E por corpo vivo é preciso compreender que ele não é separado da consciência e que tem um poder de virtualidade e de significação que o permitem manejar o mundo, a relação de si mesmo com ele, de inaugurar um comportamento novo.

Merleau-Ponty (2011) discorre sobre o caso de feridos de guerra (com ferimentos na cabeça) que foram estudados por psicólogos; os médicos realizavam testes para observação das sequelas do ferimento. Entre as atividades que os pacientes tinham dificuldade de realizar estavam: dentro um labirinto, quando solicitado pelo médico, encontrar a direção oposta; diante de uma régua entre eles e o médico, dizer quais objetos estavam do lado deles e quais objetos estavam do lado do médico; ou indicar, em outra pessoa, o ponto que estava sendo estimulado no corpo deles mesmos. Sobre esses casos, o Merleau-Ponty (2011, p. 161) diz:

Isso ocorre porque todas as essas operações exigem um mesmo poder de traçar fronteiras no mundo dado, traçar direções, estabelecer linhas de força, dispor de perspectivas, em suma organizar o mundo dado segundo os projetos do momento, construir em sua circunvizinhança geográfica um meio de comportamento, um sistema de significações que exprima no exterior a atividade interna do sujeito. Para eles, o mundo só existe como inteiramente pronto ou imobilizado, enquanto no normal os projetos polarizam o mundo e fazem aparecer nele, como por magia, mil sinais que conduzem à ação [...]

Essa potência de virtualização, que é a consciência, dá liberdade ao corpo fenomenal que está sempre em relação com o mundo (ainda que seja uma liberdade condicionada).

De qualquer forma, entre servidão e liberdade, a obra de Merleau-Ponty nos leva à seguinte constatação: eu sou o mundo (cada pessoa é o mundo). Não existe nada em mim que não seja tributário da relação sensível entre eu e o mundo; esse eu que é corpo fenomenal: corpo que se move, corpo que pensa, corpo-consciência, corpo que sofre o mundo. Eu me sei

esse corpo, nós só nos conhecemos como sujeito, unidade, uno na medida em que essa unidade está em relação com o mundo: me sei essas pernas, porque elas falam da cadeira onde estou sentada, da temperatura mais fresca desse canto da mesa; me sei esses dedos porque eles digitam, exercem peso sobre o teclado e vivem essa dança sobre as teclas em uma comunhão tão perfeita com o que se diria minha mente que dedos e mente aparecem como uno; me sei esse corpo inteiro porque ele está imbricado na luminosidade desse quarto, porque buscando concentração, esse corpo cruzou o umbral da porta já no movimento de fechá-la. Sou escrava do mundo: preciso do silêncio e do isolamento para viver minha concentração. Sou livre do mundo: manejo-o, exercendo linhas de força, me projetando nos lugares, criando (ainda que fugidios) ambientes. Eu não estou o quarto, eu sou o quarto.

Na linguagem, na tradição filosófica e científica, no senso comum, corpo e mundo, matéria e ideia são coisas completamente distintas. No entanto, na nossa própria experiência sensível, nos revelamos escravos e libertos do mundo, ao mesmo tempo; somos nossos corpos-eu e somos, ao mesmo tempo, o mundo; dizemos que a matéria é separada da ideia, mas vivemos, justamente, a inseparabilidade delas: que seria então esse algo que as faz existencialmente inseparáveis?

Em “O visível e o Invisível”, Merleau-Ponty afirma que para compreender o Ser e (aquilo que o perfaz) o sensível, é preciso se voltar para a existência desse algo que torna inseparável aquilo que fora tratado como separado; esse algo que nunca fora (até então) tematizado, esse entre-ser. O fenomenólogo nomeia esse entre-ser como **carne** (MERLEAU-PONTY, 2012a). Para aprofundar a compreensão sobre ela, é necessário retomar a experiência do tocante-tocado, constantemente evocada por Merleau-Ponty.

A experiência do tocante-tocado consiste em: se tateamos, lentamente, a nossa mão esquerda com a mão direita, podemos visar-sentir a mão direita como tocante (sujeito da ação nesse ato sensível) e a esquerda como tocada (objeto passivo desse ato sensível, coisa a ser descoberta pelo tato). Mas não é difícil bascular a sensação entre tocante-tocado para o outro lado: ainda com a mão esquerda embaixo, fazer dela/visar ela como a tocante e imediatamente senti-la como sujeito da ação, aquela que sente a coisa, a sentiente; ao mesmo tempo, a mão direita se faz coisa, objeto. Após nos lançarmos uma primeira vez no bascular entre cada uma das mãos ser tocante ou ser tocada, podemos sentir uma espécie de indecisão. Intuímos uma entre a mão tocante e a tocada uma espécie de identidade, uma reciprocidade: sentimos que no próximo momento, as duas vão se fazer tocantes ou que poderiam se fazer tocante, ao mesmo tempo; da mesma forma parece que ambas vão se fazer ou poderiam se fazer tocada, no

mesmo instante. No entanto, quando elas vão se fazer, ao mesmo tempo, tocantes (ou tocadas), isso não acontece:

[...] no momento em que a mão tocada se torna tocante, ela deixa de ser tocada, a reciprocidade dissolve-se no momento em que vai nascer. Mas essa mudança caleidoscópica não a destrói: parece-nos ser precisamente porque eu ia me tocar tocando que de súbito, tudo desmorona; é justamente porque a mão tocada é a mesma que se torna tocante que ela deixa de ser coisa sob a outra mão. Esse fracasso é justamente a própria apreensão de meu corpo em sua duplicidade, como coisa e veículo de minha relação com as coisas. São os dois “lados” de uma experiência, conjugados e impossíveis, complementares. Sua unidade é irrecusável, ela é simplesmente como a dobradiça invisível em que se articulam duas experiências – Um si dilacerado (MERLEAU-PONTY, 2006b, p. 358)

Essa experiência, para Merleau-Ponty, revela dois fenômenos de nossa vivência: o ser como deiscência e a reversibilidade da relação do corpo-mundo. E ambos os fenômenos são faces da carne.

Deiscência é um termo originalmente da Biologia e que Merleau-Ponty utiliza como dispositivo conceitual; proveniente mais especificamente da botânica, o termo deiscência faz referência à abertura de um órgão (um fruto, por exemplo) que chegou à maturidade (DUPOND, 2010). No pensamento merleau-pontyano, deiscência “[...] é a abertura do corpo para ele mesmo e para o mundo” (DUPOND, 2010, p. 14). O que ocorre na experiência tocante-tocado entre minhas mãos, também ocorre na experiência tocante-tocado entre meu corpo e o mundo: basculo entre ser objeto/mundo e sujeito/corpo. Sou esta “[...] explosão [abertura] da massa do corpo em direção às coisas, que faz com que a vibração da minha pele venha a ser o liso ou o rugoso, que eu **seja olhos**, os movimentos e os contornos das próprias coisas” (MERLEAU-PONTY, 2012a, p. 140 – grifos no original). Nessa explosão, reconheço a mim mesmo (um não mundo), mas **só** me reconheço eu em função de tocar o mundo, logo, sou (também) mundo.

A reversibilidade designa o fato de que ser tocante, vidente, sentiente é impossível sem ser, também, tocado, visível, sensível; dessa forma, não existe ser um eu (um corpo) separado de ser, ao mesmo tempo, mundo (DUPOND, 2010). Na experiência tocante-tocado, a reversibilidade é esse próprio bascular entre ser sentiente e sensível; ela é aquela espécie de indecisão, de confusão que se realiza entre a mão tocante e tocada, em que se embaralha o ser tocante e o ser tocada. Essa indecisão, esse embaralhamento, essa confusão é a carne.

É preciso pensar a carne [...] como elemento, emblema concreto de uma maneira de ser geral. Para começar, falamos sumariamente de uma reversibilidade do vidente e do visível, do tacto e do tangível. É tempo de sublinhar que se trata de uma reversibilidade sempre iminente e nunca realizada de fato. [...] ora, essa subtração incessante, essa impotência em que

me encontro de sobrepor exatamente um ao outro [tocante ao tocado], o palpar as coisas com minha mão direita e o palpar essa mão esquerda com a mesma mão direita [...] nada disso é fracasso, pois se tais experiências nunca se recobrem exatamente, se escapam no momento em que se encontram, se sempre há entre elas “algo que se mexeu”, uma “distância”, é precisamente porque minhas duas mãos fazem parte do mesmo corpo, porque este se move no mundo, porque me ouço por fora e por dentro; sinto, quantas vezes quiser, a transição e metamorfose de uma das experiências na outra, tudo se passa como se a dobradiça entre elas, sólida e inabalável, permanecesse irremediavelmente oculta para mim (MERLEAU-PONTY, 2012a, p. 143).

A carne é essa dobradiça, ao mesmo tempo, sólida e oculta. Nem matéria, nem ideia; mas, por deiscência também matéria e ideia, um uno que se abre em dois (DUPOND, 2010), um Si dilacerado (MERLEAU-PONTY, 2006b).

Essa compreensão do sensível, que culmina na noção de carne, tem consequências para uma fenomenologia geográfica, ou seja, para um fazer geográfico a partir e em acordo com a experiência e a vivência. Essas consequências recaem: sobre como compreender tanto o lugar enquanto fenômeno vivido quanto as pessoas que o vivem; sobre a forma como pensar as experiências e vivências geográficas; e sobre como exprimir esse pensar. Essas consequências estão congregadas na noção que cunhamos aqui, com vistas a orientar nossas reflexões e operacionalizar uma geografia encarnada: a noção de corpo-lugar.

1.2 Corpo-lugar: práticas de uma geografia encarnada

Lugar e corpo estão, tradicionalmente, separados tanto na linguagem quanto no pensamento ocidental filosófico e científico. Diante desse quadro é que Merleau-Ponty (2012a) atentou que não havia ainda nome para essa espessura do ser entre a matéria e a ideia, entre o eu e o mundo; e, assim, refundou a noção de carne. Diante do mesmo quadro é que a prática de uma geografia encarnada demanda também uma noção que seja expressão da inseparabilidade do ser, por isso: **corpo-lugar**. Mas o que, mais propriamente, essa geografia encarnada tematiza? E como?

Dardel (2011), ao discorrer sobre a relação entre objetividade e subjetividade na vivência da realidade geográfica, afirma:

A realidade geográfica exige uma adesão total do sujeito, através de sua vida afetiva, de seu corpo, de seus hábitos, que ele chega a esquecer-los, como pode esquecer de sua própria vida orgânica. Ela está, contudo, oculta e pronta a se revelar. O afastamento, o exílio, a invasão tiram o ambiente do esquecimento e o fazem aparecer na forma de privação, de sofrimento e de ternura (DARDEL, 2011, p. 34)

Uma geografia que se pretende encarnada está interessada, justamente, nesta dimensão tão inalienavelmente presente que é esquecida: a dimensão sensível, onde o corpo é o traço-de-união entre o afeto, o eu, o ambiente, os hábitos. Quando Dardel coloca que nossa adesão à realidade geográfica se revela no exílio, na forma da privação e do sofrimento, podemos olhar essa questão a partir de uma perspectiva encarnada, que destaque a dimensão sensível. Dessa forma, o que se destaca é que o sentimento de privação e o sofrimento (que marcam o exílio) surgem e se fazem prementes, por exemplo, no viver a paisagem estrangeira, no sentir-se corporalmente deslocado dela ou, ainda, no habitar o lugar, mas não conseguir (ou não querer) desposar o seu sentido, estrangeiro.

O que acontece no exílio é o eu-corpo vivendo a privação de gestos, de tipos de humores, de atividades diárias, de formas de se relacionar, do som familiar e confortável da língua materna. No exílio, talvez, os dias de inverno sejam demasiado curtos, curtos como o sujeito nunca vivera. Os dias curtos e frios fazem todos ficarem mais tempo no interior de casa do que nos lugares públicos, estabelece, também, a época marcada por uma alimentação muito mais gordurosa, tudo isso amalgamado em formas de sociabilidades drasticamente diferentes daquelas da terra natal, de onde se foi obrigado a partir. E o sofrimento por conta do exílio, é (não apenas, mas atavicamente) sofrimento pela perda da relação natal entre corpo e lugar.

Este movimento de atenção à dimensão sensível relacionada às considerações de Dardel é o mesmo movimento realizado ao longo da tese. Quer dizer, é o exercício de pensar questões geográficas a partir da relação entre lugar, mundo e eu-corpo; é um pensar que se esforça em mergulhar no sentir. O que se configura aqui na tese, portanto, é um movimento de pensar-sentindo as vivências da Linha e de Mourenx. Por isso, o desafio é o mesmo que Marandola Jr. (2016b, p. 141) divisa no pensar e na escrita que se pretendem fenomenológicas:

O desafio é o da sensação que se propaga, aquela que me invade, poder ser vocacionada como algo que reverbera, mais ainda. A razão ou este corpo não devem ser amortecedores de sensações, onde as ondas que ricocheteiam pelo mundo venham se acalmar. Este corpo, sensível e pulsante, deve ser ele próprio o eco e o que ressoa.

O desafio é de que as vivências dos lugares sejam, portanto, não amortecidas por este meu corpo, pelo trabalho aqui apresentado, por sua linguagem ou forma de conduzir o pensamento. As vivências da Linha e de Mourenx devem, antes, por aqui ecoar, reverberar.

Por seu lado, foram abordadas a partir de trabalhos de campo de orientação fenomenológica; os quais já vêm sendo pensados e desenvolvidos no interior de estudos da

perspectiva humanista em Geografia (GRATÃO, 2002; 2007; MARANDOLA JR., 2005; 2006a; MARANDOLA JR.; DE PAULA; PIRES, 2006; HOLZER, 2010; DE PAULA, 2010; BERNAL, 2015; DE PAULA, 2015). Os trabalhos de campo realizados para esta pesquisa foram compostos por três procedimentos metodológicos: (1) percorrer, permanecer e observar os lugares, descrevendo-os; (2) realização de entrevistas semi-estruturadas ou não estruturadas com as pessoas que vivem os lugares; (3) feitura de diários de campo.

O primeiro procedimento tem como intuito o conhecimento de como são os lugares, de como é seu cotidiano, como são seus ritmos espaço-temporais, suas dinâmicas próprias, o que tem acontecido ali, como acontece, quando acontece.

Observar, conhecer e descrever não são (apenas) formas de capturar e registrar informações. Na medida em que para a realização dessas tarefas é preciso ir ao lugar, ficar no lugar e percorrer o lugar (ou seja, senti-lo), essas atividades promovem, também, a vivência e experiência do lugar pelo pesquisador ou, dito de outra forma, são por essas atividades que o pesquisador pode, ele também, sentir o lugar. O filósofo Jorge Luis Pardo, ao enfatizar que o caráter sensível do espaço escapa às tentativas de sua racionalização, defende como o pintar (desenhar, observar) e o escrever (movimentando o imaginário, a fantasia) não estão separados do pensar e, mais ainda, do compreender o espaço (para nós, o lugar) desde sua dimensão sensível. Para Pardo (1991) observar, percorrer, desenhar, pensar, pintar, escrever os espaços são formas de experienciar que permitem tanto que o espaço (corporalmente) nos habite e, no mesmo movimento, que nós habitemos os espaços; o que resulta em geopoética enquanto postura para produção de conhecimento geográfico (DE PAULA, 2015). O procedimento de permanência e exploração dos lugares ao longo dos trabalhos de campo teve esse sentido.

Da mesma forma, as entrevistas semiestruturadas ou não estruturadas com as pessoas que vivem os lugares buscaram mergulhar no sentir o lugar a partir das pessoas que ali estão, que por ali são. As semiestruturadas sendo aquelas com poucas perguntas pré-definidas e as não estruturadas não tendo perguntas previamente preparadas; estas últimas, ocorrendo, no mais das vezes, a partir de encontros não previstos com os moradores dos lugares, onde a conversa fluía distante dos moldes de uma entrevista formal.

O intuito, em ambos os tipos de entrevista era o de se aproximar mais de uma conversa. Intencionamos esse tom de conversa por compreender que ele pode conferir maior liberdade para o próprio conversante escolher questões, assuntos, histórias que deseje expressar em relação a sua própria vida e ao lugar (MARANDOLA, 2008). As entrevistas semiestruturadas

ou não estruturadas têm, portanto, um duplo intento: se aproximar das vivências das pessoas, mas a partir do que elas mesmas têm a dizer sobre si, sobre suas vidas, sobre seu lugar.

Vale ainda ressaltar que, sobre as conversas, as palavras, as exclamações, os gestos, as histórias dos conversantes não são considerados puros gestos de expressão: tudo tem seu germe no sensível. Cada palavra dita tem sua vida não só na boca que acaba de pronunciá-la, mas sim em toda uma relação entre corpo, corpos e lugar; o mesmo para a cada inflexão na voz ao longo da narrativa, para cada ênfase feita de, por exemplo, um jeito de apontar com o queixo uma certa direção, exprimindo ao mesmo tempo, um lugar longínquo e pouco importante.

O terceiro procedimento metodológico dos trabalhos de campo, o diário, reúne tanto a exploração da área quanto as entrevistas (tanto o que foi dito pelos entrevistados quanto seus gestos e expressões, os ocorridos durante a entrevista, etc.). Congregando os outros dois procedimentos, em um esforço de descrição detalhada tanto dos lugares quanto das conversas, os diários se tornam o principal material sobre o qual se esteia a reflexão. Com base nos trabalhos de campo e na leitura e constante releitura dos diários de campo é que são levantadas questões, é por onde se revelam fenômenos sobre os quais refletimos aqui. E como orientadora das reflexões, temos a noção de corpo-lugar, esteada no pensamento merleau-pontyano.

Falamos de corpo-lugar, assim com hífen, porque a partir da ontologia do sensível, o lugar não é só uma porção da superfície terrestre, uma coisa material, um objeto, pois, algo que seja apenas objeto ou pura materialidade não existe. Isto porque as coisas não existem no mundo independente dos nossos corpos fenomenais que sabe, pensa e vive as coisas antes de nossa atenção desperta, como quando nosso corpo se arrepia e entra em estado de alerta ao se sentir em um lugar perigoso sem, contudo, que nós tenhamos dado uma ordem para que ele entrasse em estado de atenção, sem que possamos, no exato momento da entrada no estado de alerta, enumerar tudo aquilo que diz, ali perigo. Não há o momento número um, em que o que chamamos de consciência pensa algo, e o momento número dois, onde o corpo executa a ordem da mente (MERLEAU-PONTY, 2011); entre lugar, corpo fenomenal e consciência há instantaneidade. O lugar sempre é já um repúdio, amor ou indiferença, um dado, um espanto, um comportamento, um onde valorado, mesmo se não intencionamos valorar: todo lugar é matéria, nenhum lugar, nem um único, é só matéria. Em outras palavras, a carne do lugar é feita de chão, das pessoas que nele vivem, de relevo, pela forma como o vivem, de coisas, naturais ou construídas e de tal ou qual forma distribuídas e pelo que as pessoas pensam nele, dele, pelo que sentem nele, por ele, em relação a ele. O sentir das pessoas constitui a

relação que é a carne do lugar; e os sentimentos não são um dado imaterial, fruto de uma subjetividade apartada do mundo. Os sentimentos, embora digam que sejam das pessoas, não “pertencem” exatamente a elas. Como poderia dizer Merleau-Ponty, os sentimentos em relação a um lugar são a “devolução” para o lugar daquilo que ele mesmo deu às pessoas.

Do mesmo jeito que a carne do lugar não se restringe à materialidade, as pessoas não se restringem a uma subjetividade enquanto conjunto de estados e operações imateriais, ou a um corpo autômato, que recebe ordens dessa subjetividade. O que antes falamos, acompanhando Merleau-Ponty, sobre a relação entre o mundo e o eu-corpo, não é diferente da relação entre eu-corpo e lugares: nós somos os lugares em que estamos. Só nos sabemos e vivemos nós mesmos na medida em que nosso corpo fenomenal é contato constante tanto com isso que comumente chamam nossa subjetividade, nossa alma, quanto com os lugares, o mundo. Lembrando que o que denomina-se mundo manifesta-se, nas nossas experiências vividas, lugar. O próprio Heidegger quando foi pensar a forma como o mundo se apresenta a nos no cotidiano, encontrou o fenômeno lugar (SARAMAGO, 2012). A pura subjetividade é impossível, não existe sensação, pensamento, coisa, impulso, ideia que não pertença à dimensão do sensível. Assim, a carne das pessoas é, também, os lugares onde elas estão, onde elas habitam, por onde passam, os lugares dos quais têm repulsa, os lugares onde viveram, os lugares adorados.

É por isso que aqui na tese cunhamos a noção **corpo-lugar** e correlatos (como corpo-Linha e corpo-Mourenx): buscando dar visibilidade ao fenômeno da indissociação entre os corpos fenomenais e os lugares, atentos à carnalidade do lugar. É importante salientar que não nos distanciamos da compreensão de lugar da geografia Humanista Cultural; a diferença entre ela e corpo-lugar é apenas de ênfase ou de mirada: corpo-lugar se refere ao mesmo lugar que é a relação dele com as pessoas, a diferença é que aqui enfatizamos o papel de um elemento, no mais das vezes, o corpo, pivô da dimensão sensível.

Lugares e pessoas são um Si, um uno, pois a relação entre eles não é extrínseca, onde cada um existiria independente do outro e se relacionaria ocasionalmente; a relação entre eles é ontológica: a existência de um depende da existência do outro e vice-versa. Por deiscência, são um Si dilacerado, pois, na medida em que são diferentes, foram passíveis de serem entendidos como separáveis.

Assim, a consequência direta da ontologia do sensível na fenomenologia geográfica realizada aqui é no como pensar as experiências e vivências da Linha e de Mourenx e como expressar esse pensar. O lugar sendo, também, as pessoas, a vivência, o sentir das pessoas e as pessoas sendo, também, os lugares, o que temos como demanda é que as reflexões sobre a

Linha e Mourenx, sobre suas resiliências, não podem se posicionar de forma unilateral do ponto de vista ontológico. Dito de outra forma, é necessário não pensar o lugar enquanto apenas matéria, objeto, nem as pessoas enquanto apenas subjetividade, imaterialidade e nem a resiliência como uma definição, uma abstração, sem dimensão sensível.

E a tarefa desse pensar, que é a de não separar lugar de pessoa e nem resiliência de vivência, é particularmente mais desafiadora na medida em que a própria linguagem e a tradição filosófica e científica estão pautadas numa ontologia que separa sujeito e objeto, material e imaterial, corpo e mundo, corpo e consciência. Para lidar com isso é que propomos um pensar-sentindo, na forma de quiasma, fazendo isso através da rasura ou transmutação tanto da linguagem corrente quanto de padrões da tradição filosófica e científica, quando necessário. E é importante relembrar no que consiste um pensar e um se expressar em forma de quiasma:

Merleau-Ponty faz intervir a noção de quiasma cada vez que tenta pensar não a identidade, não a diferença, mas a identidade na diferença (ou a unidade na oposição) de termos que habitualmente são tidos como separados tais como o vidente e o visível, o signo e o sentido, o interior e o exterior, cada um dos quais só é ele mesmo sendo o outro (DUPOND, 2010, p. 63)

É o que a noção corpo-lugar busca expressar: a identidade na diferença, a unidade na oposição, o fato do corpo tal como o conhecermos só ser esse corpo porque ele próprio já é relação com lugar, o fato de lugar só ser o que é porque nós somos esses corpos em relação com ele. A transmutação ou rasura da linguagem e de padrões de redação são necessários na medida em que a dimensão sensível, sede dessa inseparabilidade, escapa à linguagem pretensamente objetiva e neutra que caracteriza, tradicionalmente, a escrita acadêmica.

Marandola Jr., ao discutir um sentido fenomenológico da paisagem, afirma: “Tente imaginar uma paisagem. Tente agora descrevê-la. Quais são seus limites? De que ela é composta? Qual a diferença, ou o que delinea a sua singularidade diante das demais? Nossas tentativas objetivas de descrição são sempre frustrantes.” (MARANDOLA JR., 2014b, p. 10) É frustrante porque a paisagem, coloca o autor, é mistura do corpo-carne com o corpo da Terra, ela é da ordem do sentir (MARANDOLA JR., 2014b). Por isso são três os movimentos de transmutação ou variação de uma escrita acadêmica mais tradicional.

Uma das variações consiste em passagens nas quais assumo a primeira pessoa do singular na redação, isso porque a pesquisadora que sou não é separada de meu corpo e meu corpo é relação com o mundo. Logo, minhas formas de conhecer e pensar as problemáticas aqui presentes, assim como minha prática geográfica são inseparáveis do meu próprio eu-corpo-mundo.

Outra das variações é a utilização de linguagem literária; esta se torna importante na medida em que há, invariavelmente, perda de texturas, questões, movimentos, argumentos, cheiros, impressões, expressões quando se tenta levar a experiência sensível para outros domínios, tal como quando se tenta descrever a paisagem apontando os seus limites, tal como tentando trazer a experiência sensível para este trabalho: reino de páginas brancas e letras negras. Junto com Merleau-Ponty entendemos que há algo que tem o poder de manter vívida a dimensão sensível, a despeito do que ela perde ao ser trazida para páginas; esse algo é a arte.

Diz-se que o registro exato da conversação mais brilhante dá a seguir a impressão de indigência. Aqui a verdade mente. A conversação exatamente reproduzida não é mais o que ela era quando vivíamos: falta-lhe a presença dos que falavam, todo aquele acréscimo de sentido que oferece a evidência de um acontecimento que ocorre, de uma invenção e de uma improvisação continuadas. A conversação não existe mais, não deita ramificações por todos os lados, ela é achatada na dimensão única do sonoro. Em vez de nos convocar por inteiro, ela nos toca apenas ligeiramente, pelo ouvido. Isso quer dizer que, para satisfazer-nos como ela [a conversação brilhante] é capaz de fazê-lo, a obra de arte que, do mesmo modo, geralmente só se dirige a um de nossos sentidos, e que em todo caso jamais nos oferece o tipo de presença que pertence o vivido, deve ter um poder que faça dela não existência congelada, mas existência sublimada, e mais verdadeira que a verdade (MERLEAU-PONTY, 2012b, p. 120-121 – grifo no original)

A utilização da linguagem literária em algumas passagens é, portanto, um recurso para fugir ao achatamento da experiência sensível na dimensão das palavras escritas, procurando, com isso, exprimir de forma mais justa uma geografia encarnada; mais justa do que um “registro exato” (se é que a exatidão que geralmente se pretende existe) poderia fazer.

A terceira das variações é justamente a que orienta o pensar: a utilização da noção de corpo-lugar. Como, a partir de então, não é possível pensar aqui lugar apenas como uma porção de superfície da Terra e pessoa como uma subjetividade acorpórea, o que é próprio ao pensar da tese é que: lugar é corpo-lugar; a Linha é corpo-lugar; pessoa é corpo-lugar; cada, todo e qualquer conversante é corpo-lugar; Mourenx é corpo-lugar; grupo de pessoas, população é corpos-lugares, Mourenx é corpos-lugares; Linha é corpos-lugares; eu sou corpos-lugares, assim como você, leitor, também o é.

Se em alguns momentos da redação optou-se, por exemplo, pelo uso do termo “lugar” ou “cidade” ao invés de “corpo-lugar”, a opção deve muito mais a um recurso estilístico. Recurso que utiliza estes termos unívocos no intuito de manter uma ponte com a escrita-pensar que separa matéria e ideia e, justamente por se utilizar desta ponte, atentar ao fato da dimensão do sensível se fazer o mundo (e base) pré-predicativo do conhecimento.

Mas, uma vez mais ressaltando, é preciso que essa substituição não deva ser encarada apenas como uma formalidade ortográfica, mas sim como uma forma de estar sempre atentos

ao caráter ontologicamente relacional desses termos. É preciso que a cada menção de corpo-lugar seja revivida a compreensão da simultaneidade da obrigação e da liberdade do corpo em relação ao lugar. É preciso que seja retomada a postura, o estado de atenção, inaugurados em seus corpos no momento em que sentiram a confusão entre as mãos esquerda e direita, sobre qual é a tocante e qual a tocada, dúvida sobre saber, nesse momento, se o si-próprio é sujeito ou objeto, eu ou mundo. Essa confusão que é, justamente, a carne.

CAPÍTULO 2.

AVENTURA DO LUGAR: ENTRE PLANOS E DESMONTE

2.1 Planos para os lugares: Ampliação do Aeroporto de Viracopos e desindustrialização da Bacia de Lacq

A Linha e Mourenx, de formas diferentes, estão ligados a grandes projetos. Estes são planos para áreas específicas e se configuram, geralmente, como obras de infraestrutura, de grande porte, concebidas pelo Estado. Suas dimensões demandam, no geral, remoções de famílias do entorno, mobilização massiva de capital, de técnicos e de trabalhadores. Muitas vezes esses planos são defendidos em função dos benefícios (socioeconômicos, ambientais, urbanos) em escala regional ou nacional (BRAGA; SILVA, 2011). Já o que ocorre em escala local (que é a escala do corpo-lugar) fica, geralmente, em segundo plano. Se há benefícios para essa escala, grosso modo, esses benefícios são encarados como um argumento de que o projeto não será tão ruim assim para escala local, dados os benefícios que pode trazer (por exemplo, empregos indiretos). Outro dos argumentos mais comuns é o de que, se há impactos negativos nessa escala são entendidos (pelos tomadores de decisão) como fatores sacrificáveis em vista de um bem maior⁹.

Mourenx é tanto fruto de um grande projeto (a construção do Complexo químico-industrial da Bacia de Lacq) quanto ela própria é um grande projeto. Já a Linha é um bairro a ser removido por conta da realização de um grande projeto, o da ampliação do Aeroporto Internacional de Viracopos. Aqui discutiremos linhas gerais desses grandes projetos enquanto promovedores do evento de desmonte dos corpos-lugares.

⁹ Sobre esse tipo de argumento de enaltecimento dos benefícios da escala nacional ou regional em detrimento dos impactos negativos em escala local, ver, por exemplo, artigo de Cappa (2006) sobre a ampliação do Aeroporto Internacional de Viracopos.

O Aeroporto Internacional de Viracopos já foi inaugurado, na década de 1940, com a previsão de sua futura ampliação. Com a ampliação, se formaria um verdadeiro complexo aeroportuário paulista: com Viracopos conectado aos Aeroportos de Guarulhos e Congonhas, se beneficiando da posição estratégica de Campinas (com acesso às principais rodovias do Estado de São Paulo e ao Porto de Santos). Além de já concentrar o fluxo de transporte aeroviário da região, Viracopos se consolidaria como o maior centro cargueiro da América Latina (CAPPA, 2006). A ampliação do Aeroporto é defendida não só por conta da importância estratégica dessa infraestrutura para o Estado de São Paulo, mas também por conta do próprio desenvolvimento econômico que significaria para Campinas e região: geração de empregos diretos e indiretos, surgimento de um novo conjunto de serviços associados ao Aeroporto e aos seus passageiros.

No ano 2000, a empresa pública Infraero (Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária) deu um dos primeiros passos para a ampliação: entrou com o pedido de licenciamento ambiental das obras de expansão junto ao Estado de São Paulo. Ao longo da década de 2000 foram realizadas análises técnicas e tratativas entre a Infraero e órgãos estaduais e municipais ligados à avaliação de viabilidade e impactos ambientais de obras. Em 2009 a licença ambiental foi obtida pela Infraero. Em 2011, a Aeroportos Brasil Viracopos (concessionária formada pelas empresas brasileiras de *holding* UTC e Triunfo, e pela empresa francesa de engenharia Egis) ganhou a concessão pública para ampliação, manutenção e exploração do Aeroporto Internacional de Viracopos por 30 anos, substituindo a Infraero (SEC. DO VERDE, s./d.).

O plano de ampliação, com as mudanças apresentadas pela concessionária Aeroportos Brasil Viracopos, possui duas fases. A primeira, já finalizada, incluía a construção de: um novo terminal de passageiros, área de taxiamento, pátio de aeronaves, edifício garagem, novo estacionamento para caminhões, estacionamento para carros a serem alugados, estacionamento para táxis, estacionamentos para longa estadia de veículos, novas infraestruturas para armazenamento e distribuição de água, novas vias de acesso internas. A segunda fase da ampliação gira em torno, principalmente, da construção de uma segunda pista de pouso e decolagens e em função desta, a construção também de um novo taxiway (pista de taxiamento e manobras de aeronaves), infraestrutura de ligação da nova pista às edificações já existentes; foi previsto também a construção de um posto de Bombeiros e resgate (SEC. DO VERDE, MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTAVEL/PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS, s./d.). No sítio de internet da Empresa Triunfo está apresentado as dimensões da ampliação em forma de números; por exemplo, o antigo terminal

de passageiros tinha 28 mil m² e recebeu no ano de 2011 o total de 7,5 milhões de passageiros, enquanto o novo terminal tem 178 mil m² e recebeu 10,3 milhões de passageiros em 2015 e 9,5 milhões em 2016¹⁰ (TRIUNFO – AEROPORTOS BRASIL VIRACOPOS, s./d.). Mas, a difusão (sobretudo pela mídia local e por órgãos municipais) da importância da ampliação do Aeroporto para o desenvolvimento socioeconômico do Estado e, particularmente, para Campinas, não impediu movimentos contrários ao projeto de expansão ou à forma como ele vinha sendo pensado.

Nas imediações do Aeroporto de Viracopos encontra-se uma grande parcela de área predominantemente rural, a oeste da Rodovia Santos Dumont (principal via de acesso ao Aeroporto) e a leste da rodovia, um conjunto de, aproximadamente, 20 bairros, majoritariamente urbanos (incluindo loteamentos regulares e áreas de ocupação irregular). Foi a partir do planejamento, anúncio e início dos processos de desapropriação, na década de 2000, que a ampliação se tornou uma problemática. Desde então, ao longo desses quase quinze anos, ocorreram: fóruns de discussões promovidos pela Prefeitura Municipal, protestos contra a desapropriação, mudanças no projeto de ampliação, das áreas a serem desapropriadas e do empreendedor responsável por esta, denúncias ou alertas da mídia campineira sobre irregularidades no processo, diferentes negociações no que tange as desapropriações, surgimento de associações de bairros para lidarem com essa situação (SOUZA; BUENO, 2011; FAVARETO, 2013; SEC. DO VERDE, M. A. E DESENV.SUST./CAMPINAS, s.d.).

Na década de 1970, Campinas passou por um forte processo de urbanização e no entorno do Aeroporto se desenvolveu esses conjuntos de bairros. À exceção do bairro rural Friburgo (fruto de imigração alemã e suíça, do final do século XIX), os bairros que ali se consolidaram apresentam, de forma geral, um conjunto de problemáticas relacionadas à defasagem de equipamentos públicos (como escolas, unidades básicas de saúde), problemas com saneamento, precariedade do serviço de transporte público (associado à distância, relativamente grande, desses bairros em relação ao centro da cidade de Campinas ou de outras áreas de urbanização mais consolidada) (SOUZA; BUENO, 2011; FAVARETO, 2013). Adicionado ao quadro de reveses que qualificavam a área, no início da década de 2000, se iniciou a discussão acerca da prevista ampliação de Viracopos, para a qual haveria a necessidade de remoção dos bairros do entorno do Aeroporto para a construção da segunda

¹⁰ De acordo com o sítio de internet do Aeroporto de Viracopos, a construção da segunda pista do aeroporto, prevista para 2017, foi adiada devido à queda de passageiros e aeronaves (QUEDA de paxs em Viracopos adiam planos de expansão, 2017).

pista. Os bairros a serem desapropriados eram aqueles a leste de Viracopos, área autodenominada por seus moradores como Região do Campo Belo (Figura 1).

Na Região do Campo Belo¹¹, quando o processo de desapropriação teve início, na forma da chegada de funcionários da Infraero medindo terrenos e conversando com as pessoas, surgiu uma forte mobilização política por parte dos moradores. Em conversas com representantes da Região, durante trabalhos de campo, eles falaram sobre esta mobilização. Esta incluiu, sobretudo, reuniões entre os moradores e de representantes com a Prefeitura Municipal de Campinas, protestos dos moradores (em alguns deles, bloqueando a Rodovia Santos Dumont), a contratação de um advogado que os instrua quanto às ações a tomar e os representava, o apoio de vereadores do município, as exigências de participar das decisões do Plano Diretor de 2006 e de ter acesso aos pareceres técnicos e aos projetos referentes à ampliação do Aeroporto. O ponto alto dessa mobilização foi a oportunidade de conversar com o então Presidente do Brasil, Lula, que no discurso que faria em um evento em Viracopos, acabou por enfatizar que no tocante à ampliação do Aeroporto, “seria feita uma pista curva”, mas os moradores da Região do Campo Belo não saíam dali; essa fala é constantemente lembrada por moradores.

Em 2006, o projeto de ampliação muda: ao invés de construírem a segunda pista a leste do aeroporto, optam por construí-la a sudoeste, sob alegação de menor impacto ambiental (sobre nascentes e mata de cerrado) e socioeconômico (dado que aglomeração urbana é mais densa a leste) (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS, s./d.). Os moradores da Região do Campo Belo não seriam mais desapropriados, mas os moradores da área rural, antes pouco cientes das problemáticas da expansão de Viracopos, se vêem subitamente implicados na questão: agora, seriam eles que deveriam ser desapropriados.

A área a oeste e sudoeste de Viracopos, ainda que rural, é um lugar composto por bairros e jeitos de morar diferentes: há áreas com grandes fazendas, com haras, há bairros de sítio e chácaras, há o bairro rural que possui mais de um século de existência (Friburgo), há o bairro urbano, colado à Rodovia Santos Dumont (Santa Maria I), assim como com porções de residências urbanas, embora estejam ali no rural. Nesta área está o bairro Pouso Alegre, chamado de Linha pelos moradores dele e de outros bairros do entorno do Aeroporto. Na Linha

¹¹ Este termo “Região do Campo Belo” é utilizado pelos próprios moradores.

Figura 1. Linha e contexto



LEGENDA

----- Limite municipal

— Vias

— Leito férreo

1 (Antigo) Jd. Itaguaçu

2 Linha

3 Região do Campo Belo

Elaboração: Fernanda C. de Paula

Fonte da imagem: Google Earth, 2017

os jeitos de morar se mesclam: casas urbanas, pequenos sítios, chácaras que são segunda residência ou que são alugadas para festas, fazenda.

Dali da Linha não é possível nem ver Viracopos e nem bem ouvir os pousos e decolagens das aeronaves. Ainda assim, as primeiras obras de expansão, junto ao Aeroporto, que começaram em 2012, já se faziam sentir nos corpos-lugar. Expansão que passou a figurar na vida do corpo-lugar não no momento exato da assinatura do decreto que tornou as terras públicas, mas quando se fez presente ao corpo-lugar.

O decreto deixou de ser só formalidade legal para se tornar um olho no olho, primeiro, na forma das visitas de funcionários da Infraero. Vieram uma vez, mediram terrenos, comentaram que mediam para o processo de desapropriação e, então, sumiram, por quase dois anos.

Mas, então, retornaram em grupos de pessoas andando em carros oficiais com símbolos da Infraero, se destacando na (única e, por isso, escrito em maiúscula) Estrada, subindo e descendo e parando. Quando passavam em carros por ali, por lá, eram só uma coisa de metal, presença fugidia, a passar três vezes no dia e depois sumir. Era uma presença fugidia. Pior foi quando os funcionários começaram a descer dos carros e a andar a pé.

Começaram a estacionar os carros nos cantos e a andar em grupos, alguns com uma espécie de uniforme, todos de crachá. Grupos de estrangeiros, em sua maioria homens, todos brancos, falando termos técnicos, alguns com aparelhos desconhecidos nas mãos, outros com câmera, caderno, prancheta, fita métrica. Andavam um pouco e depois ficavam reunidos na rua da Linha, na Estrada, apontando, falando entre si. Os veículos de moradores que vinham pela Estrada ou pelas ruas do bairro diminuía a marcha, passavam devagar. Aqueles que não eram da Linha (ou do Itaguaçu ou outro bairro da região) não davam muita atenção a esses grupos; mas as pessoas que por ali moravam olhava o grupo de estrangeiros ostensivamente. Os moradores, de carro, moto ou charrete diminuía a marcha (do veículo automotor ou do cavalo), se desviavam desse grupo de técnicos que tomava parte da via e os olhava, os olhava ostensivamente, sem disfarçar que olhavam, sem disfarçar que tentavam escutar o que esses estrangeiros diziam entre si. Os funcionários, por sua vez, no mais das vezes fingiam não notar as pessoas que passavam, mas quando interpelados, o líder não titubeava em dizer, com voz firme e grossa, que ali tudo seria aeroporto, todo mundo ia ter de sair. Quando os funcionários da Infraero deixaram de apenas passar de carro, quando estacionaram e desceram, quando ocuparam esquinas, tomaram parte do caminho enquanto discutiam entre si, obrigando os passantes a se desviar ligeiramente, quando desceram do carro atraíram os olhares, anunciando a invasão de uma mudança. Quando desceram dos carros e andaram a pé,

atraíram centriptamente os olhares, as atenções, as desconfianças, as preocupações, as primeiras autoreflexões sobre o futuro, as raivas, os destinos. Quando desceram dos carros e se tornaram ali, presentes, o decreto que tornou as terras públicas teve a carne transformada, mais pesada, ali, na Linha.

Depois veio o olho no olho. As visitas de assistentes sociais e advogados da Infraero, assim como do funcionário responsável pela desapropriação. Eles iam rua por rua, casa por casa; e os carros da Infraero, estacionados aqui e ali, deixaram de ser esse algo fugidio que é o espanto para se tornarem a densidade de uma mudança a se produzir ou, para muitos, para aqueles que não queriam ser desapropriados, os carros rotineiramente ali eram a coisa à qual a raiva se agarrava, se fazia presente (se fazia tensão) no próprio corpo-lugar.

Enquanto a Linha é empecilho a um grande projeto, Mourenx Ville Nouvelle é resultado de um.

O termo *ville nouvelle* (cidade nova) designa cidades inteiramente construídas para um fim específico; esses projetos foram empreendidos, principalmente, na Europa do pós 2ª Guerra Mundial. Na França, o projeto que mais se destacou foi a construção de *villes nouvelles* próximas à Paris, buscando evitar o superpovoamento de grandes centros urbanos já consolidados, descentralizar o desenvolvimento, criando outros polos de crescimento. Em outros países serviram também para incentivar o crescimento industrial em áreas rurais (URSS, Hungria) e um exemplo de *ville nouvelle* brasileira é Brasília. Dentro deste contexto, Mourenx é considerada uma *ville nouvelle* pioneira ou, ainda, o teste para a posterior construção de uma série delas, na França (MERLIN, 1971; GOURSOLAS, 1986).

Após a 2ª Guerra Mundial, ao longo da qual se destacou a importância estratégica de ser deter o poder sobre as próprias fontes de energia, houve uma saga petrolífera no sudoeste da França, sobretudo na década de 1950 com prospecções pelo Béarn¹². Foi um período marcado por encontro das jazidas de gás natural, testes para confirmar o potencial de exploração do gás e de pesquisas tentativas de criar formas de extraí-lo. A mídia naquele tempo chamava a região de Texas Béarnais, em referência ao estado estadunidense famoso pela atividade petrolífera. No entanto, à época já estipularam: o gás duraria até as décadas de 1980, 1990 (PEAUCELLE; BRUNETON-GOVERNATORI, 1997; BLAZY, 1988; DEMARAIS, 1986).

¹²Béarn é o nome do reino que ali existia, abrangendo a atual Bacia de Lacq e tendo o município de Pau como capital. Ainda que o termo Béarn designe a região e seja utilizado no reforço de uma identidade regional, ele não tem valor institucional na atualidade. Do ponto de vista legal, o que chamam de Béarn faz parte do Departamento Pirineus-Atlântico (capital Pau) que, por sua vez, faz parte da Região Aquitaine (capital Bordeaux).

Foram construídos pólos de exploração de gás e no entorno de cada um se agruparam indústrias petroquímicas. No município de Lacq está a planície de inundação do rio chamado Gave de Pau, onde se situa o principal sítio do complexo químico-industrial, dando nome a essa região orientada pelas indústrias petroquímicas: Bacia de Lacq (PEAUCELLE; BRUNETON-GOVERNATORI, 1997; BLAZY, 1988).

Com o nascimento do complexo industrial petroquímico, era necessária a construção de residências para abrigar os milhares de trabalhadores previstos para as indústrias que comporiam o complexo. Os livros que contam a história de Mourenx atestam que o município de Pau (há aproximadamente 40 km de Mourenx) e outros se recusaram a ter nos seus territórios as vilas para abrigar os trabalhadores. Teriam sido essas negativas que impulsionaram a ideia da então recém-criada SCIL (*Société Civile Immobilière de Lacq et sa Région*) a criar uma cidade inteira, a partir do zero, para os empregados das indústrias. A SCIL foi criada pela SNPA (*Société Nationale des Pétroles d'Aquitaine* – órgão governamental criado para a procura e exploração de petróleo no território nacional) e pelo conjunto de indústrias do complexo; e ela se alia à SCIC (*Société Centrale Immobilière de la Caisse des Dépôts* – órgão governamental responsável pelo investimento em habitação, ligado ao banco do estado). A SCIC permanece, ainda, como a proprietária e locatária da maior parte dos imóveis de Mourenx (DEMARAIS, 1986).

O local escolhido para a construção da cidade nova foi uma área composta por um charco e uma colina, com partes de terras de diferentes camponeses. Esta área ficava no interior do município que hoje, após a construção de Mourenx Ville, é chamado de Mourenx Bourg (pequena aldeia com tão somente três ou quatro ruas, uma igreja e residências); e, atualmente, é Mourenx Bourg que faz parte de Mourenx Ville (Figura 2) (PEAUCELLE; BRUNETON-GOVERNATORI, 1997; BLAZY, 1988).

Mourenx foi uma excepcionalidade, em diversos sentidos. As obras para construção da cidade começaram em setembro de 1957 e já no início de 1958 os primeiros edifícios estavam prontos e chegavam os primeiros moradores (BLAZY, 1988). Um método de construção inspirado na linha de montagem do sistema fordista garantiu um ritmo de construção em velocidade nunca vista na época; aos finais de semana, os moradores de outros municípios reuniam a família e, de carro, iam ver o espantoso surgimento de uma cidade totalmente nova, no meio da zona rural (PEAUCELLE; BRUNETON-GOVERNATORI, 1997).

A cidade terminou de ser construída inteiramente em 1962. A construção de Mourenx significou a passagem e instalação de milhares de pessoas em um curto espaço de tempo, em uma região onde as cidades não ultrapassavam poucas centenas de habitantes (desde sempre).

Na fala dos moradores da região na época, o surgimento de Mourenx tinha sido “[...] uma mutação de mundo terrível”¹³ (PEAUCELLE; BRUNETON-GOVERNATORI, 1997, p. 101).

No auge do funcionamento das indústrias, Mourenx abrigou por volta de 12 mil habitantes. Os edifícios e casas recém-construídos tinham o que existia de mais confortável e moderno na época (o sistema de aquecimento, o isolamento térmico, os banheiros dentro das residências, ao invés de ficar do lado de fora, como nas casas francesas mais antigas). Conversantes, moradores antigos de Mourenx, fazem questão de enfatizar o quão moderno e confortável eram as habitações da cidade nova, de como era inacreditável, uma espécie de sonho estar ali.

Enfatizam o quão impressionante era chegar à cidade, com tudo construído ou em vias de ser construído. Tudo fora previsto: junto com as residências foram construídos, no centro da cidade, a prefeitura, três praças, a avenida de pedestres (onde ocorre a Feira¹⁴), as salas comerciais (que abrigam o açougue, padaria, cafés, lojas de roupas e outros), a MJC (*Maison des Jeunes et de la Culture*)¹⁵, prédios para abrigar as sedes de associações, a biblioteca, a polícia, ginásio de esportes, escolas (tanto para meninos, quanto para meninas), um subcentro. Próximo ao centro, o conjunto de equipamentos esportivos marca a paisagem (pista de atletismo, quadras de tênis, campos gramados de futebol).

Seguindo preceitos modernistas de ordem e funcionalidade, a cidade foi construída de forma que a hierarquia das indústrias fosse refletida na organização da urbe. Nas cotas mais baixas do terreno, está o centro da cidade ladeado por conjuntos de edifícios de apartamento para os trabalhadores que ocupavam cargos mais baixos nas indústrias. Esses edifícios são organizados em ilhotas (*îlots*, em francês) constituídas por barras (*barres*), prédios de quatro andares, abrigando os operários, e uma torre (*tour*) de doze andares, que se eleva sobre (domina) as barras, abrigando os contramestres das indústrias¹⁶. No pé das colinas, estão as residências unifamiliares, porém geminadas (principalmente no *Quartier Est*, Bairro Leste),

¹³Tradução livre. No original: “[...] *une mutation de monde terrible...*” (PEAUCELLE; BRUNETON-GOVERNATORI, 1997, p. 101).

¹⁴ A feira que ocorre duas vezes na semana com, principalmente, produtos frescos e/ou alimentícios (legumes, laticínios, carnes, plantas), mas também com barracas de produtos industrializados.

¹⁵ MJC são casas onde são desenvolvidas diversas atividades culturais, oferecimentos de cursos; qualquer cidade média francesa ou que tenha alguma projeção regional possui uma ou mais MJCs.

¹⁶ Essas ilhotas não são cercadas, qualquer um pode passar entre elas; isso dá um sentido de continuidade e fluidez entre o centro da cidade e os edifícios ao seu redor. Os edifícios são parte do centro.

Figura 2. Mourenx e contexto



LEGENDA

- | | |
|---------------------------|-----------------|
| 1 Equipamentos esportivos | 4 Le Paloumé |
| 2 Centro | 5 Mourenx Bourg |
| 3 Quartier Est | |

Elaboração: Fernanda C. de Paula

Fonte da imagem: Google Earth, 2017.

com pequeno jardim na frente, cercadas de pequenos muros, que servem muito mais para delimitar espaços do que impedir a visão da casa ou a sua invasão. Estas eram reservadas para funcionários com algum cargo de supervisão nas indústrias (BLAZY, 1988; DEMARAIS, 1986; PEAUCELLE; BRUNETON-GOVERNATORI, 1997; MAIRIE DE LA VILLE DE MOURENX, s./d.).

E sobre as colinas está o bairro *Le Paulomé*, descrito da seguinte forma no sítio de internet da Prefeitura de Mourenx: “Se trata de belas casas individuais, distribuídas dentro de um bosque, sem cercas e nem delimitação parcelar.”¹⁷(MAIRIE DE LA VILLE DE MOURENX, s./d., s./p.). As casas de *Le Paloumé*, flagrantemente maiores e mais sofisticadas, com grandes jardins, localizadas ao longo e no topo da colina eram reservadas para os engenheiros e executivos das indústrias do complexo (BLAZY, 1988; DEMARAIS, 1986; PEAUCELLE; BRUNETON-GOVERNATORI, 1997; MAIRIE DE LA VILLE DE MOURENX, s./d.). Ali, as casas também não têm cercas; apesar disso, o conjunto feito das ruas onde essas casas estão (ruas de alta declividade, com curvas, sem calçadas) e suas frentes (constituídas por grandes jardins, gramados que as distanciam da via pública) parecem já fazer o papel de cerca.

Essa relação estreita entre organização das habitações da cidade e a indústria revelam a relação intrínseca entre Mourenx e o complexo químico-industrial. Essa relação possuía outras faces: nos dias úteis, no horário de trabalho, a população feminina dominava a cidade enquanto a maioria dos homens da cidade trabalhava nas indústrias; os chamados pioneiros de Mourenx eram constituídos, sobretudo, por homens jovens ou casais jovens atraídos pela oportunidade de emprego ou, antes, pela possibilidade de alugar os apartamentos modernos da cidade; os jovens que ali cresciam também se dirigiam, em sua maioria, para o trabalho nas indústrias; a vizinhança imediata de cada um possuía, sobretudo, trabalhadores da mesma indústria; subir de cargo dentro da indústria correspondeu, por muitos anos, à ascensão na forma de morar dentro da cidade; a mobilização política do sindicato dos trabalhadores das indústrias se refletia no município: afora o primeiro prefeito (que primeiramente fora incumbido de representar os moradores junto à SCIC, proprietária das residências de Mourenx, e, depois, eleito prefeito na primeira eleição da cidade), os outros três prefeitos eleitos, ao longo da história de Mourenx, eram de partidos de esquerda (um do PCF, *Parti Communiste Français*, e dois do PS, *Parti Socialiste*) (LÉROU, 1993; PEAUCELLE; BRUNETON-GOVERNATORI, 1997; GIRARD, 2006).

¹⁷Tradução livre. No original: “Il s’agit de belles maisons individuelles, disséminées dans un bois, sans clôture ni délimitation parcellaire” (MAIRIE DE LA VILLE DE MOURENX, s./d., s./p.).

Em meados da década de 1980 e início de 1990 começou o processo de desindustrialização da Bacia de Lacq, marcado pelo fechamento progressivo das indústrias de empresas de grande porte e pelas tentativas, pouco exitosas, em sua maioria, de reconversão industrial da Bacia (MICHEL, 2017). Essas mudanças não foram, geometricamente falando, dentro de Mourenx, mas foram inegavelmente mudanças dentro do corpo-Mourenx.

Foram embora indústrias; foram embora pessoas; depois foram embora lojas e serviços. Uma cidade a esvaziar-se, lentamente, ao longo de quase três décadas. Para quem continuou a morar na cidade, há uma bem marcada distinção entre uma Mourenx de antes (cheia, com muitas crianças, festas, vida comunitária forte) e uma Mourenx de depois (onde o centro passa a maior parte do tempo vazio, cidade marcada por uma morosidade). Para estes moradores que continuaram em Mourenx, o que ocorreu foi uma mudança de seus corpos, pois, viveram uma significativa mudança do lugar.

2.2 Repensar a mudança: ontologia eventual

Que acontece quando se muda? Como pensar a mudança?

No caminho para compreender a resiliência, nos deparamos com a impossibilidade de confiar, em um primeiro momento, nos parâmetros e pressupostos que estruturam o conceito, tais como os de definição do normal e de retorno ao normal. Em vista dessa impossibilidade e em acordo com uma perspectiva fenomenológica, propomos iniciar a reflexão sobre resiliência por onde deve começar toda experiência concreta dela: na vivência concreta do choque, das mudanças dos corpos-lugares.

As definições de resiliência variam bastante, no momento de discorrerem sobre aquilo ao qual ser resiliente, os termos variam: retornar ao normal ou ao equilíbrio após uma crise, um stress, uma perturbação, um desastre, um choque. Que seria a vivência do choque? Choque, mudança, crise, perturbação ou problema? Ainda que variem os termos utilizados nas definições de resiliência, o que observamos nestas definições é, sempre, a referência a um evento que causa uma mudança, ruptura ou estado de “anormalidade” no devir do sujeito, do grupo, da cidade. A resiliência é sempre resiliência em função de um evento, da mudança causada por ele.

Evento, no senso comum, é denominado como um algo que acontece e que muda o estado das coisas, os sentidos das ações, se fazendo uma marca entre “um antes” e “um depois”. Presente nas discussões das ciências humanas e sociais, o conceito de evento é pensado e trabalhado, sobretudo, por: historiadores e outros cientistas sociais, pensando o

evento como “motor” da história; autores das áreas da comunicação social, onde o evento é objeto de pesquisa; e teólogos, para os quais o evento é um inaugurador de eras nas histórias das religiões (BESNA; FASSIN 2002; FARGE, 2002; BOUTINET, 2006; PRESTINI, 2006).

No contexto das discussões sobre a noção junto às ciências humanas e sociais, um dos autores que se destacam como base da discussão sobre evento é Claudio Romano, com seus livros “*L’événement et le monde*” (O evento e o mundo) e “*L’événement et le temps*” (O evento e o tempo). Fenomenólogo francês, o autor dedica a primeira parte de “*L’événement et le monde*” à discussão sobre o papel ontológico do evento e como este, enquanto fenômeno, se mostra na experiência. Discussão a qual nos orientará na reflexão sobre o evento ao qual ser resiliente na Linha e em Mourenx, o desmonte dos corpos-lugar.

O mundo, coloca Romano (1999), não é só coisas, ele é também eventos; ou seja, ele não é só constituído por coisas, mas também pelo o mudar. Na introdução do livro, o filósofo atenta que todo nosso envolvimento com o mundo, nossa descrição dele, a descrição de nossa situação nele envolvem verbos e que estes verbos sempre denotam ação, o passar do tempo, o advir, o devir das coisas: em outras palavras, os verbos denotam eventos.

Assim, Romano (1999) inicia suas reflexões colocando que o evento designa uma mudança no interior do mundo e realiza uma redução fenomenológica de experiências de evento, notadamente: o chover, o iluminar de um raio, a chegada do trem na estação, o encontro entre duas pessoas, a morte de um ente muito próximo. A partir da redução dos fenômenos, o filósofo distingue dois tipos de evento: o fato intramundano e o evento no sentido eventual¹⁸.

O fato intramundano seria toda mudança que advém no **interior** no mundo, mas que não possui o que ele chama de um sujeito de atribuição ôntica específico (ROMANO, 1999). Para discorrer sobre o fato intramundano, o autor descreve as experiências dos eventos: a chuva, o iluminar de um raio, o trem que chega à estação. Ele atenta que o que estes eventos têm em comum é o fato de não “atingirem” uma pessoa em especial, eles acontecem para todos aqueles que presenciam o evento, para tudo aquilo que os eventos tocam, o evento não é onticamente atribuído a ninguém em especial. Quando chove, o sujeito de atribuição ôntica

¹⁸ No original em francês, o adjetivo a partir do substantivo “*événement*” (evento) seria “*éventuel*” (eventual) para evitar o sentido de ocasional, fortuito, acidental deste termo, Romano opta por um neologismo, “*événemential*” (ROMANO, 1999). Este adjetivo é utilizado quando o filósofo quer destacar que algo é feito de eventos, por exemplo, quando fala de um conceito *événemential* de sujeito está enfatizando que a ipseidade é o que é em função de eventos. Embora este neologismo já tenha sido traduzido para o Português como “acontecimental” (nas traduções de obras de Fernand Braudel), aqui optamos por traduzi-lo como eventual, principalmente para manter o radical que realça o parentesco deste adjetivo com a palavra evento e com outros termos, também deliberadamente usados por Claude Romano: *aventure* (aventura), *advenir* (advir), *venir* (vir), *survenir* (sobrevir), *avenir* (futuro).

não é apenas a pessoa que toma chuva, mas as árvores, o cachorro ao longe, o telhado das casas, os animais escondidos, a pessoa que olha a chuva de dentro da casa e assim por diante. Assim, o autor coloca que fatos intramundanos são mudanças no interior do mundo, mas mudanças que fazem parte do mundo, que não afetam a ipseidade de ninguém (ROMANO, 1999). Sendo ipseidade aquilo que faz do indivíduo (seja coisa, seja pessoa) ser ele e não outro, que permite reconhecê-lo como ele mesmo, é o que é mais individual no indivíduo (enquanto identidade diz respeito a ser reconhecido em função de uma relação de igualdade com algo, o *idem*; a ipseidade é concernente a ser reconhecido em função de certa particularidade, de ser único) (ABBAGNANO, 1970; COMTE-SPONVILLE, 2003).

Por outro lado, eventos no sentido eventualmente possuem um sujeito de atribuição ôntica, são eventos que são atribuídos a uma pessoa específica. Romano descreve alguns eventos no sentido eventualmente: o luto pela morte de alguém próximo, uma doença grave, o nascimento, o encontro com a pessoa que será o amor da vida ou o amigo para sempre. O filósofo aponta que estes são eventos no sentido eventualmente na medida em que são um algo que acontece a um sujeito em específico e que, quando acontece, põe em xeque o mundo onde ele se produz, mesmo, muda o mundo, temporaliza a existência ou, falando a partir de um sentido eventualmente, temporaliza a aventura da pessoa, pois se faz limite entre um antes e um depois. E, em acordo com o pensamento de Romano (1999), é preciso uma vez mais ressaltar que é a **aventura**: é a própria temporalidade, vivida, marcada, orientada pela sobrevivência de eventos no sentido eventualmente; tornando a aventura, dessa forma, movimento a partir do qual aquele que sofre o evento se advém a ele mesmo, se torna ele mesmo.

Ao distinguir o fato intramundano do evento no sentido eventualmente, o autor enfatiza que quando fala que não há um sujeito de atribuição ôntica do fato intramundano, isso não significa que o fato intramundano não acontece para ninguém:

[...] mas, no caso de tais eventos, este "qualquer um", a saber eu mesmo, **não é posto em jogo ele próprio, em sua ipseidade**, no que, desta maneira, "lhe advém": ele é "puro espectador", implicado no espetáculo, sem dúvida, talvez mesmo atingido por ele, mas não ao ponto de **compreender a si mesmo a partir do evento que assim lhe sobrevém** (ROMANO, 1999, p. 43 –grifos no original).¹⁹

¹⁹Tradução livre. No original: [...] mais, dans le cas de tels événements, ce « quelqu'un », à savoir moi-même, **n'est pas mis en jeu lui-même, en son ipseité**, dans ce qui, de cette manière « lui advient » : il est « pur spectateur », impliqué sans doute dans le spectacle, peut-être même frappé pour lui, mais non au point de **se comprendre lui-même à partir de l'événement qui, ainsi, lui survient** (ROMANO, 1999, p. 43 –grifos no original)

O evento no sentido eventual é sempre um ponto de inflexão na história de uma pessoa, porque este evento não é só uma mudança no interior do mundo, é uma mudança da ipseidade do sujeito a quem o evento é atribuído e, junto, uma mudança do mundo. Perguntamo-nos: não seria a resiliência exercitada justamente quando a ipseidade é posta em xeque?

Romano (1999), interessado na movimentação da ipseidade em função dos eventos, propõe em seu livro uma hermenêutica da aventura humana a partir do que ela tem de eventual. Para tanto, a partir de reduções fenomenológicas, desenvolve as bases dessa hermenêutica ao revelar e enfatizar quatro traços fenomenológicos do evento no sentido eventual: (1) o colocar em xeque a ipseidade, (2) seu caráter instaurador de mundo, (3) sua an-arquia²⁰ constitutiva e (4) a impossibilidade de sua datação (ROMANO, 1999). Detemo-nos sobre estes quatro traços fenomenológicos.

No que concerne a relação entre evento no sentido eventuale a ipseidade, o filósofo faz as reduções das experiências de eventos e explora a questão da diferença entre os dois tipos de evento. Como já dito, fatos intramundanos dizem respeito a ninguém especial, ou melhor, dizem respeito a tantos e diferentes entes, paisagens, coisas, que não faria sentido dizer que um único ente é o sujeito de atribuição do evento. Ao termo das reduções fenomenológicas dos fatos intramundanos, ele põe a questão: mas todos os eventos são assim? Todos os eventos dizem respeito a tantos entes que é impossível o atribuir univocamente a um ente somente? O próprio filósofo afirma que não, que há eventos que são atribuídos a ele mesmo ou a você mesmo, ou seja, que são eventos onde o sujeito de atribuição é unívoco. A vivência desse evento é exatamente constituída pelo transtornamento²¹ da ipseidade do sujeito de atribuição ôntico.

[...] o evento não é nada mais que esta reconfiguração impessoal dos meus possíveis e do mundo que advém em um fato e pela qual ele abre uma falha na minha própria aventura. Transformação eu mesmo e do mundo, indissociável, consequentemente, da minha experiência dele. (ROMANO, 1999, p. 45)²²

O filósofo coloca que mundo é a totalidade de possíveis preexistentes; possíveis que a pessoa já conhece, os quais permitem que o sujeito interprete e compreenda tudo que acontece

²⁰ *An-archie* no original.

²¹ *Bouleversement* no original. Para manter o sentido de ser atravessado (trans-) e mudado (-tornar) por esse algo que acontece optamos por criar o neologismo “transtornamento” ao invés de trabalhar com as traduções mais correntes de *bouleversement* que são perturbação ou alteração.

²² Tradução livre. No original: “[...] l'événement n'est rien d'autre que cette reconfiguration impersonnelle des mes possibles et du monde qui advient en un fait et par laquelle il ouvre une faille dans ma propre aventure. Transformation de moi-même et du monde, indissociable, par conséquent, de l'expérience que j'en fais.” (ROMANO, 1999, p. 45).

(todos os fatos intramundanos). Quando se experiencia o evento no sentido eventualmente, não só a ipseidade do sujeito, mas seu mundo também é transtornado; o que configura o segundo traço fenomenológico do evento no sentido eventualmente: instaurar mundos.

Diferente dos fatos intramundanos que são compreensíveis a partir do mundo que os contextualiza (dos possíveis preexistentes e já conhecidos), os eventos no sentido eventualmente são inesperados. Ou, mesmo que esperados, trazem latente um poder de transformar a totalidade de possíveis a partir dos quais viver e compreender a própria história, o próprio eu: a abertura de novos possíveis é a instauração de um outro mundo.

O evento no sentido eventualmente, na verdade, é o que ilumina seu próprio contexto e que não recebe seu sentido de nenhuma outra parte senão dele mesmo: ele não é consequência, explicável de acordo com os possíveis pré-existentes, mas ele reconfigura os possíveis que o precedem e significa, para o *advenant* [sujeito de atribuição ôntica, aquele a quem os eventos advêm], o chegar²³ de um novo mundo. Não que o antigo mundo, como tal, desapareça inteiramente; mas é seu **sentido** que aparece tão radicalmente modificado, o todo dos projetos e das finalidades que o habitavam e que lhe conferiam sua estrutura significativa que se revela à tal ponto alterado que não se trata mais de, propriamente falar, o **mesmo** mundo: o evento, sobrevivendo, torna o antigo mundo insignificante, já que ele não é mais compreensível à luz de seu contexto [...](ROMANO, 1999, p. 55 –grifos no original)²⁴

Assim, o surgimento e o tipo de transformação que um evento provoca fazem com que ele mesmo não ganhe seu sentido do mundo que o contextualiza, no momento de seu acontecimento (como no caso dos fatos intramundanos). É o próprio evento que dá um novo sentido ao mundo, que cria um novo contexto. Romano (1999), a partir de um trecho de carta de Franz Kafka à Milena (escritora por quem Kafka se apaixonou e a quem enviou diversas cartas), explora o sentido eventualmente do encontro entre duas pessoas. No trecho da carta, Kafka diz que o que ele vive (esse encontro, o conhecer Milena) é formidável, assustador, que seu mundo se desestruturou e que se reedifica de novo. O mundo é reedificado porque novos possíveis são abertos em um encontro desse tipo:

²³ Há um jogo de palavras no original: *avénent* (traduzido como chegar) deriva da palavra *avenir* que é sinônimo de futuro. Ainda, ao longo da obra, o autor trabalha com as palavras: *advenant* (derivado de advir, aquele a quem algo advém), *avénent* (vinda), *avenir* (futuro), *survenir* (sobrevir) tudo relacionado ao verbo *venir* (vir) e ao seu substantivo correspondente *événement* (evento).

²⁴ Tradução livre. No original: *L'événement au sens événemential, en effet, est ce qui éclaire son propre contexte et qui ne reçoit nullement son sens de lui: il n'en est pas la conséquence, explicable à l'aune de possibles préexistants, mais il reconfigure les possibles qui le précèdent et signifie, pour l'advenant, l'avènement d'un nouveau monde. Non pas que l'ancien monde, comme tel, disparaisse entièrement; mais c'est son sens qui apparaît si radicalement modifié, le tout des projets et de finalités qui l'habitaient et qui lui conféraient sa structure signifiante que si révèle à ce point altéré, que ce n'est plus, à proprement parler, le même monde: l'événement, en survenant, rend le ancien monde insignifiant, puisqu'il n'est plus compréhensible à l'aune de son contexte [...]*(ROMANO, 1999, p. 55 –grifos no original)

Transtornamento do próprio mundo, porque a encontro, enquanto que evento, não se inscreve no mundo prévio, no **meu** mundo [...], mas, ao contrário, ele [o encontro] introduz nesse sempre "meu" mundo a estranheza de um mundo – incomparavelmente – "outro", aquele do **outro** e transforma o meu, assim, de uma ponta à outra: lá onde há verdadeiramente encontro, é o evento mesmo quedá o acesso a isto que eu não poderia acessar de maneira nenhuma por mim mesmo, o mundo do outro, e me permitir "ver" meu próprio mundo e "ver" a mim mesmo a partir dele. Quebrando o mundo solitário e introduzindo nele, por ele mesmo, os possíveis que não se pre-desenhavam de maneira alguma nele mesmo, o encontro significa, para o *advenant*, uma **metamorfose do mundo** (ROMANO, 1999, p. 66 –grifos no original)²⁵

Estão associados à transformação da ipseidade e à instauração de um mundo os outros dois traços fenomenológicos de evento no sentido eventual: sua constituição an-arquica e sua impossível datação. Romano (1999) coloca que a constituição do evento é an-arquica porque o evento não tem causa, sua origem não é encontrada no mundo que o precede, o evento instaura um mundo e é sua própria origem:

Puro começo a partir de nada, o evento, no seu surgimento an-arquico, se absolve de toda causalidade antecedente. Não que o evento não seria preparado nem prefigurado por nada, não que ele não teria ponto de ancoragem numa história e surgiria misteriosamente sem nenhuma relação com ela; do evento, ao contrário, pode-se dizer que ele tem, tal como o fato intramundano, suas causas, mas suas causas não o explicam ou, antes, se elas "o explicam" **não é mais do que** no nível do fato enão no nível do **evento** em seu sentido eventual (ROMANO, 1999, p. 58 –grifos no original).²⁶

Romano (1999) explana que o que entendemos por causa pode ser aplicado, por exemplo, às explicações sobre porque e como se deu o encontro (fisicamente falando) de Kafka e Milena, ou seja, podemos detalhar as causas da dimensão factual do encontro, por exemplo: ambos têm idades próximas e gostos parecidos, por conta disso, frequentaram um mesmo lugar, o que proporcionou o encontro face a face entre os dois. No entanto, ainda que as idades próximas e os gostos semelhantes possam explicar a con-sonância surgida entre eles, a verdade é que outras tantas pessoas tinham a idade próxima à deles e, também gostos

²⁵Tradução livre. No original: *Bouleversement du monde lui-même, car la rencontre, en tant qu'événement, ne s'inscrit pas dans un monde préalable, dans **mon** monde [...], mais elle introduit au contraire dans ce monde toujours « mien » l'étrangeté d'un monde « autre » – incomparablement –, celui de l'**autre**, et transforme ainsi le mien de part en part : là où il y a véritablement rencontre, c'est l'événement même qui ménage l'accès à ce quoi je ne pourrais accéder aucunement par moi-même, au monde de l'autre, et me permet de « voir » mon propre monde et de me « voir » moi-même à partir de lui. En brisant le monde solitaire et en y introduisant, par là même, des possibles qui ne se prédeussinaient nullement en lui, la rencontre signifie, pour l'*advenant*, une **métamorphose du monde*** (ROMANO, 1999, p. 66 –grifos no original)

²⁶Tradução livre. No original: *Pur commencement à partir de rien, l'événement, dans son surgissement anarchique, s'ab-sout de toute causalité antécédente. Non que l'événement ne serait préparé ni préfiguré par rien, non qu'il n'aurait point d'ancrage dans une histoire et surgirait mystérieusement sans aucun rapport à elle ; de l'événement, au contraire, on peut dire qu'il a, tout comme le fait intramondain, ses causes ; mais ses causes ne l'expliquent pas, ou plutôt, si elles « l'expliquent », ce dont elles rendent raison ce n'est précisément **jamais que** du fait, et non point de l'**événement** en son sens événemential.* (ROMANO, 1999, p. 58 –grifos no original)

parecidos, frequentando os mesmos lugares, mas nada explica ou os preparava para o encontro exatamente entre os dois, por isso, por essa impossibilidade de previsão, por não estar figurado entre os possíveis preexistentes, o evento no sentido eventual é an-arquico. Dessa forma, o autor atenta que é um traço do evento no sentido eventual ser sua própria origem:

Se o evento transcende assim sua própria efetuação, se ele não realiza um possível prévio, mas possibilita o possível no seu brotar an-arquico, é em tanto que ele se **origina** a si mesmo, e que seu sentido não saberia ser compreendido senão dentro deste horizonte que ele mesmo abriu ao surgir. (ROMANO, 1999, p. 60 – grifos no original)²⁷

Essa impossibilidade de prever o evento e a impossibilidade de explicar suas causas fora do sentido e do mundo que ele mesmo inaugurou se conjuga com sua impossível datação, quarto traço fenomenológico do evento no sentido eventual:

Metamorfose do mundo, entretanto impossível de datar, diferente do **fato** da apresentação efetiva, porque ela aparece àquele que a prova senão quando ela já aconteceu, de tal modo que o primeiro momento, que o começo do amor, que o começo de uma amizade, são sempre já "perdidos": quando o evento "é produzido", é já tarde, não somos nunca contemporâneos de sua efetuação, nós não podemos vivê-los senão quando ela já ocorreu, e é porque o evento em sua eventualidade advém somente segundo o segredo de sua latência. O encontro não é o fato datável de apresentação e que dá sua carga de *avenir*[futuro]: ela é este transtornamento silencioso que se introduz, a partir do outro, no meu mundo próprio, e que reconfigura do exterior minhas possibilidades, anterior a todo um projeto de um poder-ser autônomo. (ROMANO, 1999, p. 66-67 – grifo no original)²⁸

Enquanto sujeitos de atribuição de um evento, nós sempre perdemos o momento de seu acontecimento: nós só o sabemos quando estamos ali, instalados na transformação da nossa própria ipseidade, espantados com o transtornamento do nosso mundo.

Por último, o que Romano (1999) destaca após discorrer sobre esses quatro traços fenomenológicos do evento é o fato de que a relação entre evento e ser funda uma ontologia. Nesta última, não se pensa o sujeito como uma substância (algo) permanente, sólida e bem

²⁷Tradução livre. No original: *Si l'événement transcende ainsi sa propre effectuation, s'il ne réalise pas un possible préalable, mais possibilise le possible dans son jaillissement an-archique, c'est donc en tant qu'il s'origine à soi-même, et que son sens ne saurait être compris que dans cet horizon qu'il a lui-même ouvert en surgissant.* (ROMANO, 1999, p. 60 – grifo do autor)

²⁸Tradução livre. No original: *Métamorphose du monde pourtant impossible à dater, à la différence du fait de la présentation effective, car elle n'apparaît pour celui qui l'éprouve que quand elle a déjà eu lieu, de tel sorte que le premier moment, que le commencement d'un amour, que le début d'une amitié, sont toujours déjà « perdus » : quand l'événement s'« est produit », il est déjà trop tard, nous ne sommes jamais contemporains de son effectuation, nous ne pouvons en faire l'épreuve que quand elle a déjà lieu, et c'est pourquoi l'événement en son événementialité n'advient que selon le secret de sa latence. La rencontre n'est pas le fait datable de la présentation et qui lui donne sa charge d'avenir : elle est ce bouleversement silencieux qui s'introduit, à partir de l'autre, dans mon monde propre, et qui reconfigure de l'extérieur mes possibilités, avant tout projet d'un pouvoir-être autonome.* (ROMANO, 1999, p. 66-67 – grifo do autor)

diferente e separada de eventos, que seriam acontecimentos que acertam essa substância sólida, permanente. Ao contrário, quando o fenomenólogo propõe a hermenêutica eventual e, com ela, a substituição do termo sujeito pelo termo *advenant*²⁹, o que ele quer atentar é que o que se entende por um sujeito permanente não existe e que o evento não é um contrário, exterior e longe desse sujeito permanente (idêntico a si mesmo, com uma ipseidade imutável). São os eventos que ocorrem que perfazem a ipseidade desse sujeito, transtornando-a, sem volta. Nesse sentido, o que há de permanente em relação ao sujeito é que ele é sempre mudança da ipseidade e que o que ele é depende de sua **aventura** (ROMANO 1999; BEAUDOIN, 2004). Sobre essa relação entre evento e ser, o filósofo afirma:

Se o *advenant* é o fundamento fenomenológico da aparição de todo "sujeito", por conseguinte, isto implica necessariamente que o "sujeito" é, ele próprio, algo que **advém**, que ele deve, ele próprio, ser pensado eventualmente. Deste ponto, a estranha mudança que se produz na maneira de formular a questão sobre a "subjetividade", ou, mais justamente, da ipseidade: de fato, não se trata mais de pensar o evento como o que sobrevém "do exterior" para um sujeito autônomo, autárquico e livre de toda implicação daquilo que lhe acontece, mas, inversamente, de pensar a própria "subjetividade" como aquilo que **sobrevém** somente a partir do evento³⁰. (ROMANO, 1999, p. 74 – grifos no original)

E assim, de par com o pensamento de Romano (1999), perguntamos: o que o choque ou os outros termos usados na definição de resiliência (crise, problemas, perturbação) têm em comum não é, justamente, a referência a uma transformação da ipseidade e do mundo, como a realizada pelos eventos no sentido eventual? O caráter teleológico da resiliência não estaria justamente ligado a uma resposta aos transtornamento da ipseidade e do mundo? Teleologia presente nas definições de resiliência na forma de expressões como: resiliência tem como objetivo conservar funções essenciais; objetivo de manter a mesma função, estrutura e identidade daquele que sofre evento; não colapsar; recompor condições pré-existentes; voltar ao estado original; objetivo de voltar ao normal após o evento. Dessa forma: uma experiência concreta de resiliência do lugar não começaria sempre ali, quando o lugar

²⁹ Beaudoin (2004) comenta também, concernente à ontologia de Romano, a substituição do termo "existência" pelo termo "aventura", no intuito de salientar esse vir dos eventos, a provação que eles exigem, o transtornamento. Para nós, é importante também atentar que o termo "*aventure*" (aventura) continua o jogo de palavras com o mesmo radical que a palavra "*événement*" (evento): "*venir*" (vir) "*advenir*" (advir), "*survenir*" (sobrevir), "*advenant*".

³⁰ Tradução livre. No original: [...] si l'*advenant* est le fondement phénoménologique de l'apparition de tout « sujet », cela implique nécessairement, en retour, que le « sujet » est lui-même quelque chose qui **advient**, qu'il doit être pensé lui-même événementialement. De là l'étrange renversement qui se produit dans la manière même de formuler la question de la « subjectivité » ou, plus justement, de l'ipséité : il ne s'agit plus, en effet, de penser l'événement como ce qui survient « de l'extérieur » à un sujet autonome, autarcique, et libre de toute implication dans ce qui lui arrive, mais, inversement de penser la « subjectivité » elle-même [...] comme ce qui ne **survient** qu'à partir d'un événement. (ROMANO, 1999, p. 74)

vive um evento que transtorna, ao mesmo tempo, tanto o que o que ele é (ipseidade) quanto o contexto em que ele existe (mundo)?

Entretanto, apesar da potência das reflexões de Romano para pensar a vivência do evento e, por conseguinte, a resiliência do lugar, uma questão chama a atenção. Romano (1999) fala sobre eventos no sentido eventual atentando que eles chegam somente a pessoas; ele não menciona lugares.

Os eventos no sentido eventual para o filósofo são sempre individuais e subjetivos. Individuais, pois são eventos que atingem exclusivamente a pessoa (nunca mais de uma): seu próprio nascimento, uma doença grave que a acomete, o luto pessoal em relação à morte de alguém muito próximo. A ênfase demandada pela discussão desses eventos de escala individual é tal que há uma passagem do livro para diferenciar a hermenêutica eventual (interpretar a aventura humana a partir dos eventos que o indivíduo vive) da antropologia e da psicologia; onde Romano destaca que a antropologia e psicologia estão interessadas nas causas dos eventos que transtornam as pessoas, enquanto sua hermenêutica eventual (orientada pela fenomenologia) estaria preocupada com as formas como esse transtorno aparece, se mostra nele mesmo. Ainda, o evento no sentido eventual seria sempre subjetivo não só por sua escala (individual), mas também por conta da possibilidade de sua compreensão mais justa: somente aquele que tem sua própria ipseidade transtornada sabe de maneira mais concreta a medida, a profundidade e o sentido desse transtorno.

Por outro lado, todos os eventos do tipo fato intramundano são, na análise de Romano (1999), sempre coletivos e objetivos. Coletivos, pois, não possuem, como já dito, um único sujeito de atribuição ôntica, são tantos os sujeitos que vivem esses eventos (por exemplo, tudo e todos que estão sob a chuva ou que a vê) que não seria possível determinar apenas um sujeito de atribuição ôntica. E esse tipo de evento é da ordem do objetivo porque, afirma o autor, suas causas são bem conhecidas (causas sendo um fato, uma coisa ou um estado-de-coisas que são postos em jogo para que o se efetue). As causas do evento serem conhecidas se liga diretamente com o fato desse tipo de evento ser considerado uma mudança que pertence ao mundo e não uma mudança do mundo, como no evento no sentido eventual.

O que chama atenção, ao observar as características dos dois tipos de evento e as reduções fenomenológicas realizadas por Romano (1999), é que o lugar não está presente nas análises sobre eventos no sentido eventual, mas está presente nas reflexões sobre os fatos intramundanos, mesmo que o termo lugar não seja utilizado. Quando o autor discute a indeterminação da atribuição ôntica dos fatos intramundanos, ele afirma:

Porque à qual ente privilegiado atribuir por exemplo o evento tão banal: “neva”? Este evento designa bem uma mudança se produzindo a si-mesma e que sobrevém indissociavelmente ao céu na medida em que ele escurece, ao ar ambiente que resfria, à paisagem inteira que é coberta de neve ou, ainda, amim mesmo, o qual observa da janela os flocos rodopiar e que sente a mudança de temperatura, que arre pia... (ROMANO, 1999, p. 38)³¹

À pergunta “à qual ente privilegiado atribuir, por exemplo, um evento tão banal quanto nevar?”, respondemos aqui: ao lugar, ou, antes, ao corpo-lugar. O corpo-lugar é o sujeito de atribuição ôntica desse fato intramundano e de todos os outros fatos intramundanos que Romano analisou.

Afirmar que eventos (sejam fatos intramundanos ou eventos no sentido eventual) acontecem aos lugares é resgatar a dimensão ontológico-existencial do lugar. Para Romano (1999) importa o transtornamento da ipseidade da pessoa por conta de um evento de escala pessoal como o luto do ente amado, o encontro com a pessoa que será o amor de vida, a vivência de uma doença fatal, o nascimento de um filho enquanto eventos que transtornam a existência. O que estamos dizendo é que o lugar, vivido a partir de nossos corpos fenomenais, ao sofrerem eventos também podem transtornar nossa existência; tal qual quando a melancolia atinge o estrangeiro em exílio; quando o banzo matava (melancolia onde se amalgamava a tristeza pela perda de liberdade, desgosto pela violência sofrida e saudade da terra natal); quando envelhecemos e o corpo nos obriga a viver menos lugares e nossa vida vira outra; quando decidem que o lugar em que moramos deve desaparecer, como na Linha, ou quando a cidade em que moramos perde (ainda que lentamente) quase cinquenta por cento da população, como em Mourenx. Como coloca Dardel (2011), se trata, aqui, de uma geografia enquanto condição e destino do homem.

A mudez da presença do corpo-lugar nas descrições e análises dos fatos intramundanos, empreendidas pelo filósofo, revelam uma oposição (ou antinomia): do lado dos fatos intramundanos estão o coletivo, o objetivo, o causal, a simplicidade (causal, mecânica) da natureza e o lugar (corpo-lugar); do lado dos eventos no sentido eventual estão o individual, o subjetivo enaltecido como avesso à causalidade, o poder instaurador de mundo da consciência e a complexidade do espírito. Essa tese não trabalha a partir dessa oposição, pelo contrário.

³¹Tradução livre. No original: “Car à quel étant privilegie assigner par exemple l’événement si banal : « il neige » ? Cet événement désigne bien un changement se produisant soi-même, et qui survient indissociablement au ciel, dans la mesure où il s’assombrit, à l’air ambiant, qui refroidit, au paysage tout entier, qui se tapisse de neige, ou encore à moi-même qui observe de ma fenêtre les flocons tourner et qui ressens le changement de température, qui frissonne...” (ROMANO, 1999, p. 38).

Ao pensar a vivência do evento ao qual ser resiliente, buscando a carne da resiliência, nós estamos, por um lado, retirando o corpo-lugar do reino do simples (do objetivo, do causal, do natural) para pensá-lo enquanto constituinte e matriciador da existência; por outro lado, evitando considerar a consciência como uma entidade solipsista, separada do corpo-mundo. Pensando a partir do fenômeno do corpo-lugar, o desafio é o de pensar sem separar o que está intrinsecamente relacionado na experiência sensível, na concretude da vida (mas, separado na tradição científica).

Dessa forma, o que propomos aqui, é que fatos intramundanos e eventos no sentido eventual não ocorrem só para pessoas (tal como desenvolve Romano), mas ocorre também aos corpos-lugares. Isso porque o mudar, que é a razão do evento, não se restringe a sujeitos; corpos-lugares também mudam, também sofrem eventos. Como já destacamos antes, a mudança que se realiza via fatos intramundanos ocorrem aos corpos-lugares (o chegar do trem, o nevar), mas eventos no sentido eventual também.

Quando eventos no sentido eventual sobrevêm ao corpo-lugar, há uma mudança no sentido das coisas, das ações, dos cantos, das vidas; inaugura-se um novo **mundo**: com um outro sistema de valores, um outro horizonte de possíveis, uma outra forma de ser (ROMANO, 1999). Eventos no sentido eventual transtornam a ipseidade do corpo-lugar (aquilo de mais particular, que o faz ser o que ele é), colocando em xeque sua existência, tal como ela vinha se realizando. **E é aqui, no entremeio da vivência da ameaça à atual forma de existir do corpo-lugar e do novo mundo que se inaugura que deve ter início uma experiência significativa de resiliência.**

Há um caráter teleológico que estrutura o conceito de resiliência, de acordo com suas definições mais correntes. Essa teleologia está expressa no fato de resiliência ser pensada e apresentada como um processo, com um fim específico: um sujeito (cidade, pessoa, área, lugar) sofre um choque, muda, entrando em um estado de anormalidade e se ele consegue reverter essa mudança, essa anormalidade (fim a ser alcançado), ele é resiliente; a resiliência é entendida como a capacidade de fazer frente à mudança. Assim, só há resiliência, nessa maneira de concebê-la, se houver essa sucessão de estados do sujeito, alcançando o objetivo de retornar à existência anterior ao evento.

No entanto, é necessário destacar que ao termo das considerações mais específicas sobre o evento no sentido eventual, Romano aponta que viver os eventos e ser aquele que é implicado neles (ter a ipseidade transtornada) seria a determinação mais originária do homem (ROMANO, 1999). Mais originária, na medida em que o processo de subjetivação e, por conseguinte, de construção de si de cada sujeito se daria pelos eventos que cada um vive,

sofre. Os eventos constroem a ipseidade. Para nós, também o corpo-lugar tem sua ipseidade erigida pelos eventos e mudanças que vive; também o evento no sentido eventual é uma das determinações mais originárias do corpo-lugar, responsável pela construção de si. Nesse sentido, se a mudança da ipseidade faz parte do movimento de ser, por que insistir na resiliência? Ou ainda, que é resiliência dentro desse contexto? Aqui, a teleologia que atestaria a resiliência não faz sentido. Como, então, pensar a resiliência? Como buscar sua carne?

Pensamos aqui a resiliência a partir de uma perspectiva ontológica. Compreendendo que a ipseidade é, necessariamente, mudar, mas continuar sendo o mesmo, a resiliência não seria uma espécie de processo para reverter uma mudança. Trata-se, sobretudo, de pensar os eventos no sentido eventual que acontecem aos corpos-lugares e, junto com os eventos, a “passagem” do tempo, não como algo extrínseco. Não pensar ambos, o evento e o tempo, como fatores de fora que vêm degenerar uma ipseidade cristalizada; a ipseidade que lá está e que é transtornada é ela mesma fruto de eventos passados, do tempo vivido. E se houveram outros eventos que transtornaram a ipseidade do corpo-lugar, mas o corpo-lugar continua ali, o que temos é a resiliência sempre presente na aventura dos corpos-lugares. Finalmente, o que a hermenêutica de Romano (1999) clarifica é que a existência (a aventura) é um contínuo movimento de mudar (ao ter a ipseidade transtornada por eventos), mas continuar o mesmo.

Ela seria, sim, o movimento para que o corpo-lugar continue existindo, ainda que de forma diferente, a despeito de um evento que ameace sua existência. Aqui, nos aproximamos de um pensar a resiliência, tal como Eduardo Marandola Jr., em sua fenomenologia do ser-situado, voltada para os lugares sob riscos ou que sofreram perigos ambientais: continuidade da narrativa existencial (MARANDOLA JR., 2016).

CAPÍTULO 3.

SUBITAMENTE ILHA, INEXPLICAVELMENTE VAZIO

3.1 Subitamente ilha

Ela estava cheia de energia, fizera o almoço bem mais cedo, comeram rapidamente. Sem parar por um minuto, lavara a louça e arrumara a filha. Arrumara-se também, mas menos. Enquanto caprichara num bonito penteado na filha e lhe pusera um vestido que combinava tanto com a cor da fita no cabelo quanto com as sandalinhas que ia por na filha. Pra si mesma providenciara apenas uns jeans menos rotos e uma camiseta limpa, bem passada. Saíram de casa, estava em cima da hora do ônibus passar, mas ia dar tempo. Sempre dava.

Caminhar depressa. Dos lados da estrada, ora pasto, ora cerrados, sempre cercas. Caminhar do sítio perto do Fogueteiro até o Jd. Itaguaçu, caminhar na estrada de terra, ambas vestindo chinelos. Suas próprias sapatilhas e as sandálias da filha iam na sacola que carregava na mão esquerda, na mão direita, firmemente, trazia a mãozinha da filha. A menina contava histórias de amiguinhos da escolinha, a mãe ia falando “am-ham” como se escutasse, mas pensava cotidianos. Caminhavam rápido. A menina com um rabo de cavalo bem caprichado e enfeitado, o cabelo bem penteadinho e mantido no lugar pelo gel. Cada raro carro que passava pela estrada levantava a terra bege-amarelada, atrapalhando um tanto a visão e um tanto da terra que voltava a se assentar na via se depositava sobre o cabelo da filha. Rotina do caminhar quase dois quilômetros, na estrada de terra; vestindo chinelos.

Chegam ao ponto de ônibus. A mãe, ao mesmo tempo, faz a filha sentar no banco (improvisado com pedaços de madeira) e pega o celular muito antigo na bolsa, pra ver as horas. Atrás do banco, se elevava uns 50 centímetros de solo, depois uma cerca; para além da

cerca se entendia um enorme terreno, parte pasto, parte sobras de cerrado. Estavam um pouco adiantadas, o ônibus, com certeza, não tinha passado; mas passaria logo. Apressada, ela põe a bolsa ao lado da filha e retira da sacola de plástico as sandalinhas e as sapatilhas. Rapidamente coloca as sandálias na filha. Espia o horizonte e nem sinal do ônibus; então, aproveita que tem tempo e veste também suas sapatilhas. Guarda, ligeira, os pares de chinelo dentro da sacola, aperta os chinelos bem forte fazendo um nó bem apertado com as alças da sacola; enfia tudo no fundo da bolsa, bem no fundo, pra não ficar atrapalhando na cidade, quando tiver que pegar a carteira ou outra coisa. Senta no banco, faz a filha ficar em pé, entre seus joelhos e rapidamente limpa o penteado da menina, bate as mãos pelo vestido para tirar o excesso bege de terra, passa as mãos pelo rostinho. A menina fica quietinha; é uma boa menina. Ela faz tudo rápido, gestos precisos, pois o ônibus logo chegaria.

O Ceará, que mora no Helvetia, mas trabalha probacana lá da Linha e faz uns bicos lá no haras perto de sua casa, passa a cavalo, seus dois cachorros vira-latas o seguindo, mantendo distância segura das patas inquietas do cavalo. Conforme vai se aproximando, vai diminuindo o passo do animal. Antes de parar já diz de longe:

— Ôoo! – sorrindo. — ‘Tão indo gastar um dinheirinho na cidade, é?

Ela ri. Respondendo:

— Opa, vou gastar sim! Vou gastar pagando um monte de conta! – ambos riem. —
Mal vai sobrar pra voltar pra casa!

Enquanto trocam algumas novidades, a menina fica a olhar os cachorros, embevecida. Ela sai do transe quando escuta Ceará, que pela terceira a vez a cumprimenta, mas agora num tom mais alto:

— Oooi, minina! Oi!

Ela sorri. A mãe explica que ela adora cachorro. A menina responde o cumprimento sorrindo um sorrisinho pequenino, simpático de menina banguela dos dois pequenos dentes da frente. Enquanto trocam as últimas palavras, ela dá mais uns toques de arrumação no vestido da menina. Ceará se vai, comentando que logo o ônibus deve estar chegando né? Ela responde que sim, que estava um pouco atrasado já, mas quando é que não atrasava. Riram. A menina ficou por muito tempo vendo os cachorros saltitarem atrás do cavalo, os cachorros, que tinham pêlos brancos de manchas caramelas, no entanto eram, há muito tempo já, beges como a terra. Conforme se afastam, as sombras das matas dos dois lados da estrada os encobriam.

Quinze minutos esperando. O ônibus não chega. Vinte e cinco minutos. A menina vai se entediando e começa a recolher pedrinhas coloridas (brancas, marrons-escura, beges...) na

margem da estrada. A mãe ralha, manda a menina se sentar senão vai sujar as sandálias. Trinta minutos, trinta e cinco. A mãe se remexe no banco, impaciente, a bolsa no ombro, a menina brinca de classificar as pedrinhas que pegara (brancas, marrons-escura, marrons-clara, beges). Quarenta e sete minutos, a menina um pouco longe do banco já, agachada na margem da estrada, pegando mais pedrinhas. A barra do vestido arrastando na terra: pedrinhas brancas, marrons-escura, marrons-clara, beges, amarelas, amarelas com faixinhas beges. As sandálias já adquiriram tons pastéis, assim como os pés e as canelas da menina. Sessenta e três minutos; e nada. A mãe está inquieta, brava. Cogita pegar a filha e voltar pra casa, mas tem medo de dar trinta passos de volta e o ônibus passar, veloz, e elas o perderem. A menina, agachada na terra, começa a brincar fingindo que as pedrinhas são criancinhas na escola e inventa diálogos e brincadeiras entre elas.

A mãe, quando escuta um barulho longínquo de veículo, sempre se levanta ligeiramente do banco, esticando o pescoço. São raros os veículos ali, então, ela sempre tem esperança de que seja o ônibus. Mas, mais uma vez não era. Setenta e quatro minutos. É um caminhão. Cada vez que um veículo passa, ela grita, chamando a atenção da filha, mandando ela sair da estrada, embora a menina, pelo contrário, esteja sempre bem colada à margem, longe do meio da via. Se voltasse pra casa aquele momento, daria tempo de lavar rapidamente a roupa que deixara de lado e botar pra secar, com o sol que fazia nesse início de tarde, secaria rapidinho. Poderia ir na cidade amanhã. Mas amanhã seria sábado, a cidade estaria muito lotada. Se fosse segunda, não poderia levar a filha, que gostava de passear; a menina já faltara na escola dessa vez, ia faltar na segunda de novo? Mas e se amanhã não tivesse ônibus também? Será que ele não vinha porque tinha acontecido alguma coisa? Ou será que era greve? Melhor era voltar pra casa e parar na casa da Elaine pra perguntar se ela sabia alguma coisa sobre o ônibus. Mas tinha medo de sair dali, se afastar e, então, ver o ônibus sacolejar estrada abaixo, levantando um poeirão e indo embora sem elas. Talvez fosse melhor ir sábado mesmo, ia falar com o marido e... o ônibus despontou na curva da estrada, sacolejando. A mãe gritou chamando a menina e já se pondo de pé, rapidamente. Não deu sinal para o ônibus parar. Ali não precisava dar sinal, pois, só há um ônibus que passa na região, só há três motoristas que fazem o itinerário, só há uma estrada, todos se conhecem e só há uma razão para estar de bolsa no ombro parada naquele banco. O ônibus parou, elas subiram.

Ajudou primeiro a filha a subir, pois ela é pequenina e os degraus do ônibus ficam bem longe do chão da estrada. Ela entrou logo após a filha, também com dificuldade, pois é baixinha. Mas já entrou perguntando o que tinha acontecido, o porquê do ônibus ter atrasado tanto. Ele respondeu:

— Ah, mas mudou os horários! E mudou o itinerário também! A senhora não viu? Aí ó a plaquinha com aviso. Faz uma semana que ‘tá aí.

De fato, tinha um papel com o aviso de que o itinerário mudaria, porque fecharam a estrada que saía do asfalto e entrava direto no Itaguaçu, por conta do início das obras no aeroporto. O aviso dizia também que o ônibus tinha novos horários de sua saída de lá do Terminal Ouro Verde em direção ao Itaguaçu. Ajudou a filha passar por debaixo da roleta enquanto olhava o aviso. Ao olhá-lo, ela não precisou contar a diferença de minutos entre cada um dos horários de partida, em menos de um segundo já percebeu que a tabela de horário atual era bem menor do que a tabela antiga e já soube que havia, portanto, menos ônibus.

O motorista continuava a falar, comentava sobre como o caminho ficara mais trabalhoso por conta do tanto a mais que tinha de andar, dado o fechamento da estrada. Comentava que uns diziam que a estrada fora fechada pra sempre e que fora a Infraero que fechou, outros diziam que tinha sido fulano, dono da fazenda do lado direito, aquela lá, com uma lagoa, ele que tinha fechado porque aquela área da estrada era dele e que ele estava tendo problema com as pessoas que passavam ali. Ela passou a roleta. Por fim, ele perguntou:

— Mas a senhora não tinha visto o aviso ainda?

— Não, não tinha. Faz mais de semana que não vou na cidade.

A única que fora na cidade recentemente fora sua mãe. Ela até podia ter visto o aviso, mas ela não sabe ler bem. A menininha ficou parada ao lado de um dos bancos do ônibus que é mais alto, olhando pra mãe e sorrindo, como quem pede autorização para se sentar ali (pois, sendo mais alto, era mais legal; a menina simplesmente adorava). Elaine também fora na cidade e deve ter pegado esse ônibus, com o aviso, mas ela não comentara nada também. Como a mãe estava entretida conversando com o motorista, a menina não esperou a autorização e sentou, contente, no banco mais alto. O motorista continuou contando sobre a reforma da estrada de asfalto que leva para o aeroporto e que agora ele sentia que ia sim começar realmente as obras lá no Viracopos.

Ela foi finalmente se sentar ao lado da filha, ficou sentada por alguns segundos, pensativa, e logo voltou pra frente, pra falar com o motorista de novo. Foi perguntar sobre os horários, olhar direito esses novos horários, pois, não queria correr o risco de perder o último ônibus para a casa. Depois de se informar, voltou gingando para junto da filha, o ônibus sacolejando na estrada de terra; essa sorria seu sorrisinho banguela, segurando bem firme na barra de ferro a frente pra não cair. Ela gostava quando o ônibus sacolejava bem. A mãe se

sentou ao lado da menina e fechou, meio brava, a janela do banco à frente delas, se perguntando por que as pessoas abriam as janelas se sabiam que o ônibus levanta uma terra danada e essa poeira sujava os bancos dentro do ônibus, depois não dava pra sentar, sujando tudo as roupas, as mãos.

Distraída, pegou de dentro da bolsa o casaquinho fino que trouxera pra ela mesma. Dobrou a blusa deixando o avesso pra fora e, com gestos precisos, ela pôs-se a limpar a terra que se acumulara no alto do cabelo de sua filha.

Quando voltaram da cidade, ao andar pela estrada num quase noite já, encontraram o Ceará, em seu cavalo e com os cachorros. Ela contou a ele o que acontecera à tarde, contou sobre o fechamento da estrada, sobre a Infraero e o dono da fazenda lá, disse que o motorista ouviu dizer que agora ia começar de verdade as obras no Viracopos. Ao circular pela Estrada, ela foi circulando informações.

* * *

Em 2015, cortaram definitivamente o ônibus que circulava na região a sudoeste do Aeroporto Internacional de Viracopos, mas mantiveram uma linha que fazia o caminho entre o interior do próprio Aeroporto até o interior do (bairro) Pouso Alegre, a Linha. Os moradores de toda a região dependem desse único ônibus que, atualmente, faz apenas o itinerário pela via que os moradores chamam de Estrada, mas que, oficialmente, se chama Rua Cinco (ver Figura 1, p. 51).

Para aqueles que não possuem carro, as opções que se desenharam a partir daquele ano foram as seguintes: para os que moram na Linha, era possível pegar esse ônibus no próprio bairro, descer no ponto de parada do Aeroporto, ali pegar um ônibus até o centro de Campinas (mais raro) ou um dos ônibus que iam até o Terminal Ouro Verde (há aproximadamente 15 quilômetros dali) e dali pegar um ônibus para outro local da cidade, mesmo para o centro. O Terminal Ouro Verde é concentra as linhas de ônibus que distribui, na zona oeste de Campinas, o fluxo de pessoas que vêm do centro da cidade para a periferia, assim como o caminho inverso.

A outra opção era ir andando até o Aeroporto (há uns três quilômetros do bairro) e de lá pegar um ônibus para o centro ou para o Terminal Ouro Verde. O ônibus que faz o caminho entre Aeroporto e Linha possui apenas quatro horários no dia: madrugada, manhã, tarde e início da noite. Para quem não mora na Linha, fica a opção de andar até a Estrada, onde este

ônibus passa, e pegá-lo em um desses quatro horários ou andar até o Aeroporto para pegar os outros ônibus que levam ao Terminal Ouro Verde ou ao Centro de Campinas.

A retirada de ônibus, as mudanças de linhas, de itinerários, de horários, foram à mesma época em que o novo terminal de passageiros passou a funcionar no Aeroporto, com a reforma do asfalto da pista de acesso ao mesmo e o prosseguimento das obras de ampliação no entorno imediato de Viracopos. Nos terrenos ao lado do Aeroporto era patente a movimentação de caminhonetes, tratores e caminhões e trabalhos de adequação de terreno como aterramento de áreas e nivelamento do solo. Próximo dessas obras, o extinto Jd. Itaguaçu tinha virado um campo com destroços, escondidos pela vegetação que começava a crescer, cercado por alambrados, onde estavam distribuídas a cada centenas de metros grandes placas com os dizeres “Propriedade do Comando da Aeronáutica”. Era justamente ali a principal entrada da região; a Estrada que saía do asfalto (da Av. José Amgarten) atravessava o Jd. Itaguaçu e dava acesso a outras estradas de terra (que levam à Estrada do Fogueteiro, à Nova Friburgo, à Helvetia, à Linha e outros). O território do Aeroporto avançando sobre o território dos bairros.

A retirada do ônibus e o fechamento da estrada, para os moradores da Linha e de outros bairros, foram como um fio (que perpassa os cantos, as matas, as mãos, as ruas, as entranhas) subitamente tensionado. Um fio que era ligado a diversos outros fios e que acabou, assim, por tensionar, polarizar toda a trama, o entremeado de fios, tensionando todo o tecido que são os corpos-lugares.

Um morador da Linha, João³², com problemas de saúde e necessidade de fazer tratamentos, ia com recorrência ao Hospital Maternidade Celso Pierro, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (Puccamp). Este hospital atende também pacientes do Sistema Único de Saúde, via pela qual esse morador podia se tratar. Mas ser atendido via serviço público implica em enfrentar filas. João saiu da Linha para ir à PUC (tal como ele e outros campineiros chamam o Hospital Celso Pierro), somente para marcar exames; para evitar filas precisou sair bem cedo.

O caminho que o Seo João fez era: pegar o ônibus da Linha até o Aeroporto. No Aeroporto pegar o ônibus até o Terminal Ouro Verde; deste, pegar o ônibus que passava pela Puc. Às onze horas da manhã, Seo João já havia conseguido marcar seu exame, pegar o ônibus para o Terminal Ouro Verde e deste para o Aeroporto. Chegando em Viracopos ainda no meio da manhã, já sabia que o ônibus que vai até sua casa só passaria à tarde. Ele podia

³² Todos os nomes dos conversantes foram substituídos por nomes fictícios.

ficar ali, esperando o ônibus ou voltar caminhando. Seo João tem aproximadamente 70 anos. Preferiu caminhar.

Depois de sair de Viracopos, andou ao longo da rodovia asfaltada, passou embaixo do viaduto novo, depois pelas empresas de logísticas e pelas obras mais recentes da ampliação. Depois de tudo isso, o asfalto acabava e começava então a estrada de terra, único caminho para a Linha. Já ali começou a levantar o dedo e pedir carona a todo veículo que passava. Qualquer veículo que passasse ali passaria, forçosamente, pela sua casa, pois só havia aquela única estrada a partir dali. Graças à carona, evitou uma caminhada sob o sol de meio-dia e chegou a tempo para o almoço.

Para quem possui veículo próprio ou para aqueles que sempre vão de carro às suas segundas residências, ficando somente no fim de semana, a supressão do ônibus ou o fechamento da estrada os tensiona de formas diferentes. Caminhos mais longos a percorrer, talvez, um o surgimento ou aumento suave da demanda por favores daqueles que não têm veículos. Mas o tensionamento da vida-corpo dos que não possuem veículo ou cujo único veículo da residência está com a pessoa que sai dali para ir trabalhar, é ainda mais agudo; principalmente se atentarmos ao fato de que perto da Linha ou nela mesma não há muitos serviços oferecidos (somente o Restaurante à beira da Estrada e o boteco no interior do bairro).

Adriana contou que depois do fechamento da estrada e com o fim do ônibus que entrava por ela, tudo piorou. Mercado, escola, ponto de ônibus fica tudo há uma hora de caminhada a pé. Toda terça ela e uma amiga vão à igreja no centro de Campinas. Toda terça ela e a amiga caminham por uma hora, pegam o ônibus, onde ficam por mais quarenta minutos, até chegar em Campinas. Para retornar, a mesma coisa: descem do ônibus e caminham mais uma hora até suas casas. Ela reafirmou que ficou muito ruim, que era como se tivessem ilhado eles ali.

3.2 Inexplicavelmente vazio

Ao conversar com uma moradora de Mourenx, pioneira³³, disse (com um agudo desgosto atravessando seu dar de ombros e o timbre bravo de sua voz): “*Et maintenant, les gens se contentent de regarder de leurs balcon, de leur fenêtres...*” (“E agora, as pessoas se contentam em olhar de suas sacadas, de suas janelas...”).

³³ Os primeiros moradores da cidade são chamados de pioneiros. A *maison de retraite* da cidade, que no Brasil corresponderia ao asilo para idosos, é chamada *Maison des Pionniers* (Casa dos Pioneiros).

* * *

Anualmente, há um pouco mais de uma dezena de anos, é organizada a *Fête du Quartier* (Festa do Bairro), que acontece no bairro Jules Ferry (um dos *îlots* constituídos por um conjunto de barras, dominado por uma torre). Apesar do nome, a festa é para todos os moradores de Mourenx que queiram participar. Cada pessoa leva um prato, contribuindo assim para uma grande e variada refeição, dividida por todos. Sendo pioneira de Mourenx, a Senhora participara de quase todas. Quando soubera da data da festa daquele ano, já se preparara para comprar na Feira de quarta os ingredientes para fazer a salada de tomate com queijo de cabra, prato típico dessa época.

Gostava de preparar esta salada porque era relativamente fácil de fazer e sempre agradava bastante em piqueniques, pois ela rende bem e é prático de se servir. Ademais, é época dos tomates; junho é o mês em que aparecem os primeiros tomates de verdade, bem suculentos, com bastante sabor, bem diferentes daqueles de supermercados, cheios de água e insossos, cultivados artificialmente. Fazia já alguns anos que ela não levava sua salada de tomates com queijo de cabras para a *Fête du Quartier*. Quando a levava era felicitada e elogiada, quando não a levava, as pessoas lhe perguntavam onde estava sua deliciosa salada. Fazia-lhe bem saber que seu prato era apreciado por todos.

Sentada em uma das compridas mesas, postas na praça especialmente para a festa, ela olhava ao redor. O objetivo da festa sempre fora o de integração, de mistura, entre velhos e novos moradores, entre as pessoas de diferentes nacionalidades, presentes na cidade: árabes, franceses, espanhóis, portugueses. Ela olhava ao redor, sua mesa estava cheia, havia pessoas do seu lado, a sua frente; mas não era, de longe, como as festas de antigamente. Eram, talvez, uma quarentena de pessoas ali. Antes todos iam às festas, elas ficavam lotadas. Talvez ano passado tivesse sido uma trintena, mas ano passado havia Margot, fazia uns dois anos que ela não vinha. Margot fora sua vizinha na década de 70, lá nas casas geminadas. Elas passaram um bom momento na festa do ano anterior. Andavam juntas pela festa, se serviram juntas e enquanto comiam comentavam entre si os pratos, os ingredientes, os inconvenientes de terem mudado o horário da festa para aquele ano. Iam juntas às rodas de conversas, comentavam as novas sobre os presentes e os ausentes. Margot era divertida. Relembrou os tempos em que moraram com seus maridos e filhos lá no *Quartier Est*. Mas dessa vez, Margot não tinha ido à festa, talvez o filho caçula, um quarentão, não estivesse bem, ouvira falar algo sobre isso.

Margot não estava e, assim, ela teve oportunidade de se sentir um pouco, só um pouco, deslocada. As senhoras ao seu lado, com quem conversava, eram, claro, muito simpáticas e

educadas, velhas conhecidas. Todas elas, ali na mesa, mantinham uma boa conversação, nem efusiva demais, mas tampouco entediante. Falavam sobre os dois novos funcionários da MJC que vinham propondo novas atividades-animação, falaram sobre os serviços do Mobilacq³⁴, sobre a loja que fechara no *Quartier Libre*(shopping a 30 minutos de Mourenx), sobre quem estava doente ou quem falecera, sobre os planos de fazerem uma super mediateca no centro da cidade. Porém, de alguma forma, tal como já ocorrera na *Fête du Quartier* de algum outro ano não no ano passado, certamente, pois havia Margot; nem na do ano retrasado... Mas, como já ocorrera outras vezes, ela tinha tempo de olhar. E quando olhava, não gostava do que via.

Embora a conversa fluísse perfeitamente bem em sua mesa, com as velhas conhecidas, ela tinha tempo de olhar, olhar ao redor. Talvez fosse por conta de que as senhoras, em sua maioria, tinham seus 20 ou 10 anos a menos que seus 70 anos; não que esse número de anos fosse muito no momento, mas sim, porque fora muito antes, no início da cidade. Logo que Mourenx fora construída, ela se mudara como uma jovem casada, com seus filhos ainda bem pequenos, enquanto a maior parte das senhoras que ali estavam eram as filhas dos casais que acabavam de se mudar. E... De alguma forma, ali na festa, ela tinha tempo... Ela podia se ausentar das conversas por diversas dezenas de segundo e isso não fazia diferença para o bom prosseguimento das conversações. Ela tinha tempo para se ausentar durante alguns segundos e, como tinha tempo, ela olhava e não gostava do que via.

Ela não olhava para a festa propriamente dita. Como era junho, era quase 21h da noite e o sol ainda estava relativamente alto no céu. Mesmo assim, haviam trazido luminárias grandes para iluminar a praça, junto aos convivas e o presidente da associação já as acendera, mesmo que o sol ainda estivesse lá, caminhando para o poente. Isso fez uma dupla camada de luz sobre os rostos das pessoas, sobre as dobras dos leves casacos de primavera, sobre as mechas de cabelos, sobre a mesa e sobre a comida em cima da mesa: a luz do sol iluminando, as luminárias em-dobrando a luz do sol sobre a festa. Não que as luzes das luminárias estivessem sobre a luz do sol; as duas luzes se mesclavam, era como se a luz do sol tivesse modulasse diferentemente ali na festa, como se ela tivesse sido acrescida de tom, re-tom, as coisas retomadas por esta modulação. Assim, ali havia sido cavado, na meia-sombra amarela do fim do dia, um centro mais luminoso; e uma fronteira fora estabelecida: junto ao calor das conversações e risadas foi acrescida essa modulação de luz, o cinza do cimento do chão e da parede do edifício, estava morno dessa luz. Fora dali, fora da festa, as coisas, o mundo, tinham a cor habitual dos tons de cinza e pastéis de Mourenx em um fim de dia de primavera.

³⁴ Serviço de transporte público sob demanda do passageiro.

Ela, por ter tempo (Margot não viera neste ano), olhava para além do círculo sutil de luz da festa e não gostava: havia pessoas nas janelas dos edifícios do entorno e nas sacadas. Enquanto observava, discretamente, entre as brechas das conversas, notava os padrões: haviam aqueles que quase não saíam da janela, haviam aqueles que iam e retornavam várias vezes, em outros apartamentos. Havia duplas ou trios na sacada, mesmo na janela. Todos assistindo à festa, de longe. Ao invés de descerem e se juntarem a eles.

Tinha tempo de olhar e via os jovens também, passando ao largo. Na festa do ano passado havia Margot; junto com Margot, sem se dar conta, seus olhos se mantinham no denso de vozes e comida e conversas da festa, mas dessa vez tinha tempo de olhar para fora, por alguns segundos roubados da conversação. E olhava, mantendo uma mão delicadamente pousada no colo e a outra mão ficava junto ao pingente de seu colar, mexia o pingente entre os dedos distraidamente, os olhos pousados para o além do círculo reluminoso da festa. E via-os. Via os jovens, parados em esquinas, ao longe, assistindo à festa, ao invés de se juntar a eles. Via as pessoas ostensivamente os observando na festa, de suas janelas.

No momento de ir embora, a filha que estivera ali, mas junto aos mais jovens (40, 45 anos), voltara a ficar perto dela. Sua filha conversou um pouco com as outras senhoras à mesa e, depois, as duas se puseram no caminho de volta. Fora uma agradável festa, a senhora disse à filha, enquanto se distanciavam calmamente. Fora uma agradável festa, mas sempre era; no entanto, fora uma reunião meia vazia, a filha não achava? Comentaram sobre os pratos, sobre aquela torta que a massa se esfarelava demais, sobre as sidras providenciadas pela associação que fora uma boa ideia para acompanhar as sobremesas, falaram sobre as notícias de antigos moradores que há muito não viam, falaram sobre a nova banca de produtos industrializados na Feira, falaram sobre as castanhas assadas e sobre... a senhora, subitamente crispou o rosto, ao mesmo tempo em que o abaixava levemente, as rugas entre os olhos se acentuando, perguntou baixo, o corpo de sua voz tinha uma braveza mal disfarçada: a filha tinha visto? Tinha visto as pessoas olhando de suas janelas, olhando de longe? Por que não desciam? Após alguns segundos de silêncio, continuou, a voz mais irada: eles se contentam em ficar olhando em suas janelas... Antes, as festas de Mourenx não eram assim, todos iam... Havia um desejo de se conhecerem, de se misturarem. A filha permaneceu em silêncio, caminhavam lentamente em direção ao seu carro.

Com voz mais branda, acrescentou que adoraria que os jovens fossem às festas, que continuassem a tradição. Mas eles também não iam. Ficavam as pessoas em suas sacadas, se contentando a olhar. O tom bravo voltou: a festa era aberta para todos, por que não desciam? Antes, todos iam às festas da cidade; agora, as festas ficavam vazias.

Mais uma vez a mãe começara a reclamar da cidade, falando sobre como Mourenx mudara radicalmente, que antes não era assim, as pessoas eram mais dispostas, mais abertas, todos se conheciam, que todo mundo ia as festas. Com paciência, mais uma vez, ouviu a inconformidade da mãe. Enquanto entravam no carro, a filha, pela enésima vez, fora elencando pacientemente pontos que explicavam essa mudança da cidade, dizendo que, por exemplo, muita gente de antigamente já morrera, muita gente fora embora e etc.

O que a filha falava fazia certo sentido; mas não explicava a festa vazia e as pessoas olhando de suas janelas, os jovens assistindo das esquinas. A mãe escutava pacientemente, quieta, o rosto torcido de contrariedade.

* * *

Para alguém, por exemplo, que tenha vivido em cidades brasileiras e que tenha passado quase metade da vida morando em um apartamento no interior de conjuntos de habitações populares, chegar de ônibus à Mourenx, no interior do sudoeste francês, pode ser confortável e desconcertante, ao mesmo tempo

Há um único ônibus que passa pela cidade e que tem exatamente dois pontos de parada dentro dela, um junto a uma das entradas da cidade, no bairro *Quartier Est*, e o outro no centro da cidade, junto à delegacia de polícia. O conforto vem quando se desce no centro e se encontra, já, frente aos diversos edifícios, padronizados. Eles formam uma paisagem modernista, toda feita de ângulos retos, muitas e muitas janelas, as cores dos prédios, ainda que diferentes, mantêm um mesmo tom, reforçando a unidade da paisagem; e tudo isso é bastante semelhante aos conjuntos de edifícios de habitação popular no Brasil. E, diante dessa paisagem algo familiar, um conforto inesperado surge, conforto anterior à consciência desperta: o corpo já conhece essas angulações, essas relações entre altura e largura, essas esquinas, essa infinitude de janelas, essas portas de edifício, esse subir e descer de escadas. No entanto, chegar à Mourenx pode ser desconcertante, porque você desce do ônibus já sabendo que descera no centro da cidade e, quando você ali chega, duvida: é, aqui, realmente o centro da cidade?

Conforme se anda, se explora aos poucos o lugar, a pergunta desconcertante permanece: aqui é o centro? Os olhos procuram as placas ou qualquer outro indício de que se esteja no centro de Mourenx; mas placa nenhuma dá esses indícios. Frustração e insegurança se misturam: a informação prévia é de que aquela parada de ônibus era no centro da cidade. Que aconteceu? Eu tinha descido na parada errada? Ou ali era realmente o centro? Como ter

certeza se ali era o centro ou não? Melhor perguntar para alguém que passasse pela rua se ali era o centro? Mas, antes de ir falar com os outros cabia se perguntar: por que a dúvida se ali era realmente o centro? Por que essa sensação de que, talvez, não o fosse?

Vazio. Um dia de semana, em horário comercial e tudo ao redor vazio. As muitas janelas de apartamentos residenciais, mas sem presenças de pessoas por elas. Entre os edifícios, pelas passagens entre eles, pelas calçadas das ruas havia quase ninguém. Onde estavam as pessoas? Onde estava a centralidade? Onde estava a densidade de sons, de pessoas, de cores, de lojas? Onde estava a concentração, densidade, traço de centro de cidade?

É aos poucos que se vai vivendo o sentido da paisagem do centro de Mourenx. Depois de por ali andar, percebe-se um vão e que esse vão é único na paisagem: no interior de uma área com muitos prédios (de no mínimo 4 andares), uma parte sem prédios. Dali da parada de ônibus, o que primeiro chama atenção são os muitos prédios que ocupam, não somente, quase todo o primeiro plano da vista, mas também um segundo e terceiro plano conforme a declividade do terreno vai diminuindo suavemente. Quando se atravessa a rua e, sem pensar, anda-se na passagem entre dois conjuntos de prédio é que o vão começa a se fazer mais distinto: na borda dessa passagem os edifícios são mais baixos que a maioria. E continuando-se o caminho por essa passagem, que atraíram os pés, é que se sente que ela dá lugar a um espaço aberto, reto, chão de cimento, com canteiros de flores na borda: uma praça. As escadas que se seguem a esse espaço aberto levam a um outro espaço aberto, uma praça em segundo nível. A partir desta última, tem outra escada que leva a uma rua só de pedestres, também ladeada, de um lado, por prédios mais baixos. Andando na passagem, vivendo o vão entre os edifícios, estando implicado corporalmente com o vão, é nesse momento que é possível começar a deixar a dúvida sobre se ali é o centro (o vão tem, aproximadamente, um quilometro quadrado).

Andando, explorando é que se percebe que esses prédios mais baixos que ladeiam o vão, ao lado do nível mais alto da praça, são salas comerciais. Todas têm a frente feita de paredes de vidro; e, assim, como estão uma ao lado das outras, formam uma única, contínua e longa vitrine; mas, ao mesmo tempo, não formam. Não formam porque os letreiros das lojas não chamam muita atenção, estão algo obliterados pelo teto da marquise, pela sombra que o teto da marquise deita sobre as entradas. E porque uma parte das salas comerciais estão fechadas, persianas baixadas, portas fechadas e uma outra parte está sem locatários, com papel manilha tampando o interior (não vazio, mas) esvaziado (cheio de marcas de que houvera algo ali dentro). As salas fechadas ou esvaziadas se intercalam entre as poucas abertas, impedindo a vivacidade de uma extensa e contígua vitrine.

É após explorar o vão e seu entorno que o centro de Mourenx começa a se fazer corporalmente compreensível: o que parecia uma larga passagem se revela também praça; o que eram prédios baixos se mostram centros comerciais. E dessa maneira, o que era vão, se faz core (*coeur*, coração). A partir desse ponto, notando que o que está junto ao vão é central, é que se olha uma segunda vez para os mesmos edifícios da borda do vão e se reconhece, então, a prefeitura da cidade e a MJC. Depois, ao notar que tudo que ali não for barra ou torre é algum tipo de serviço ou prédio institucional, é que se nota o cinema, a biblioteca, a floricultura, mais um centro comercial. A concentração dos prédios baixos e de serviços do vão contrasta com o entorno de edifícios mais altos, todos residenciais e a dúvida sobre o onde é o centro some. No entanto, o vazio, a ausência de pessoas pelas ruas, pelo comércio, pelo centro ainda faz a experiência dele desconcertante.

A senhora, uma das pioneiras de Mourenx, que sempre vai à *Fête du Quartier* diz que a cidade é bastante calma, sua filha mexe a cabeça com firmeza, fazendo sinal de que concorda. E a senhora deixa claro que essa calma é bastante agradável.

Já a mulher que mora em Pau e vem aos sábados ajudar sua mãe (também moradora de Pau) que possui uma lanchonete em Mourenx, é enfática em dizer que nada acontece em Mourenx, que ninguém se mexe, que as pessoas são fechadas ali. Uma de suas clientes, antiga moradora da cidade acaba por reconhecer que sim, “*il y a une morosité*” (“há uma certa morosidade”), no entanto, ela faz questão de ressaltar outros pontos de Mourenx: há grandes e bons equipamentos esportivos (piscina, pista de atletismo, quadras, campo de futebol, centro de artes marciais), muitas associações (para aprender a tocar instrumentos, esportivas, de animação de bairro, de nacionalidades, como a dos portugueses ou a dos *pieds-noirs*³⁵), tudo é perto e ao alcance de uma caminhada. Ela conclui que Mourenx tem tudo que uma cidade precisa ter pra ser uma cidade animada, movimentada: mas ela reconhece que apesar disso não é animada, que as pessoas não saem de suas casas e ela não sabe muito bem explicar por que.

A pioneira faz questão de frisar o quanto Mourenx era diferente *antes*, embora ela não consiga precisar bem quando ocorreu a grande mudança. Ela enfatiza que todos se encontravam e se conheciam, que todos tinham desejo de se conhecer. Ela conta que todos eram jovens e tinham filhos. Sua filha conta que durante a infância fora divertido: muitas crianças, brincando juntas, por todos os lugares, sobretudo na quarta-feira, único dia da semana que havia aulas apenas de manhã e a tarde era livre. Os eventos na cidade eram

³⁵ Termo utilizado para cidadãos franceses que nasceram e/ou viveram no norte da África durante o domínio francês da área.

aguardados e amplamente frequentados. Havia interesse e engajamento na construção de uma vida social mourenxois; no livro que comemorou os 50 anos de Mourenx, reunindo diversos testemunhos de moradores e fotos da época, há ênfase nos relatos sobre as festas e eventos e certo orgulho e empenho, dos mourenxois, em realizá-los e frequentá-los (PEAUCELLE; BRUNETON-GOVERNATORI, 1997).

Agora, há uma morosidade. Há uma morosidade e ela tem os ângulos retos dos muitos prédios e cor cinza-calçamento-ausente-de-pessoas. No dia 21 de junho de 2016, uma terça-feira, estava programada a *Fête de la musique* em Mourenx. Esta festa está no calendário oficial da França, todo dia 21 de junho cidades francesas, em sua maior parte, médias e grandes organizam a festa.

Dia 21 de junho é o solstício de verão, é o dia com maior fotoperíodo (há luz do sol até, aproximadamente, 22h) e é quando começa as grandes férias. Este dia, também, é logo após o fim dos exames do *baccalauréat*, realizados pelos alunos do último ano do (que corresponderia no Brasil ao) Ensino Médio (normal, profissional ou tecnológico). O *baccalauréat* é um exame importante, pois só se o aluno for aprovado nele é que obterá seu diploma e, conseqüentemente, poderá ter acesso às universidades, caso queira. Enfim, vários fatores contribuem para uma sensação coletiva de comemoração, sensação que marca as *Fêtes de la Musique*: são organizadas nos centros das cidades, às vezes concentradas em uma grande praça ou, também, espalhada, em palcos dispostos em diferentes partes do centro, com vários shows, diferentes estilos musicais. A filha da pioneira diz que ouvira falar que haveria a *Fête de la musique* em Mourenx, mas que, ela não sabia por qual motivo, a festa não acontecera e fora remarcada para o sábado. A pioneira, nesse momento, comentou, com um dar de ombros, com um ar de indiferença, que a festa fora transferida porque quando ela deveria começar, no dia 21, não apareceu ninguém.

Para a pioneira, o que provocou a mudança tão brusca em Mourenx é o fato de todos agora terem carro e televisão, o que faria com que os moradores atuais de Mourenx se abstivessem de socializar. Para a dona da lanchonete, a questão é que as pessoas não saem de casa porque não têm dinheiro, o poder de compra delas teria caído. Uma outra moradora balbuciava, como se pensasse alto, que a questão era a mentalidade das pessoas que havia mudado, por isso elas não saem de casa.

A pioneira via as pessoas nas janelas. A festa era feita para estreitar laços, para receber o outro, para todos se conhecerem, festa aberta a todos. Antigamente as festas em Mourenx eram um grande evento, todos iam. Mas mais uma vez, a festa estava esvaziada; e as pessoas

que podiam estar-ser ali embaixo com eles, se contentavam a olhar de longe, do alto de suas sacadas e janelas.

3.3 Acúmulo e enovelamento de sentidos: sínteses lugar-corpóreas

Subitamente, o corpo-lugar é uma ilha. Subitamente, o centro de Campinas vira continente. Lá no centro estão o diverso, os serviços, aquilo que é necessário e que na ilha não tem. Para viver o diverso é preciso ir ao continente, entretanto após o início das obras no Aeroporto, sobrevém o desânimo com a ideia de ter de ir.

A sensação de ilha não vem porque a casa, subitamente, teria se tornado uma porção arredondada de terra, cercada de água. É o corpo-lugar cerceado, forçosamente mantido na região da casa, é que é ilha e o mar não é a extensão do caminho, extensão que é a mesma de antes; mas sim a dificuldade de travessia. O corpo-lugar subitamente impedido; o corpo-lugar vivendo uma interdição sem amarras que o segure, interdição sem barras que o aprisione, mas, ainda sim, impedimento. Corpo-ilha porque há uma camada a mais de gestos, de passos, de estratégias, de energias, de cansaço para conseguir atravessar a distância (geometricamente) de sempre; mas, ao mesmo tempo, distância aumentada, do ponto de vista do corpo-lugar

E essa transformação do corpo-lugar em ilha não teve uma data específica, pois fora um **acúmulo**. Gostaria de, em uma pequena digressão, pensar o acúmulo.

Quando algo acumula, esse algo se torna outra coisa, ainda que seja o mesmo. E quando se diz que algo acumula? Quando ele ultrapassa os limites que gostaríamos, não? Ou os limites que consideramos ideais, ou os limites aos quais estamos acostumados. Mas esse ultrapassar limites remete a transbordamento; é preciso, aqui, distinguir transbordamento de acúmulo.

Quando dizemos que algo transbordou, nos instalamos já em alguma espécie de catástrofe: é um algo que ultrapassou as bordas e está causando problemas, o que transborda está atrapalhando, é urgente resolver o transbordamento. Seja um pouco de água que escorre pela pia, seja um monte de água que inunda uma sala, o transbordamento remete à urgência. Por outro lado, a situação é diferente quando a água, ao invés de transbordar, acumula.

Em contraponto a certa urgência ligada ao transbordamento, o acúmulo parece pertencer a um regime mais lento. Às vezes tão lento e discreto, tão próximo do habitual, que não nos damos conta que algo está a se acumular. Ou, ainda, podemos dar-nos conta de que algo se acumula, mas o processo parece tão lento e, por isso, tão facilmente manejável que postergamos a lida com ele (se é que se pretende realmente lidar com ele). Para melhor

acercar essa ideia, podemos pensar o acúmulo, por exemplo, na feitura de um prato ou quando se acumulam, num lugar que lhe é habitual, presenças incomuns.

O taboulé é um prato árabe, servido frio, feito de sêmola de trigo hidratada e diferentes legumes e ervas: tomate, pepino, cebola, hortelã, salsinha, azeitonas. A delícia do prato vem tanto da mistura de sabores quanto de texturas; mas é preciso saber preparar bem. Embora o trigo deva ser hidratado, se não prestar atenção, a água dos legumes pode se acumular lentamente e, então, o trigo amolece demais. Com o trigo muito hidratado, perde-se o encontro entre sua textura algo resistente contra o tenro ou crocante dos legumes. Quando há o acúmulo de água, o prato todo vira uma papa, molenga dentro da boca.

O acúmulo pode se dar, também, no lugar (no corpo-lugar) que se vive. Eu, por exemplo, dava aulas à noite e voltava bastante tarde para casa. Quando notei a presença de um homem, entre as sombras dos postes, fiquei alerta; mas tomei como algo passageiro. Quando o vi outras vezes, comecei a ficar ressabiada. Quando a presença desse um homem na esquina da minha casa virou presença de três ou quatro homens, a cada vez mais dias na semana, o que antes fora um estado de atenção fugidio se tornou um estado de alerta (e medo) permanente. Do acúmulo dessas outras presenças, surgindo um outro corpo-lugar meu, uma outra (eventualmente) eu.

Quando algo acumula, esse algo se torna outra coisa, ainda que seja o mesmo. Tudo isso para dizer que o que ocorre com os corpos-lugares que são desmontados é um acúmulo de pequenas mudanças. E pequenas mudanças podem ser quase imperceptíveis, mas ao acumular, podem se tornar outra coisa.

Primeiro, pequenas mudanças na Linha: fecharam uma estrada e, assim, o ônibus tem o itinerário mudado, assim como o horário. Meses depois, suprime-se o ônibus; colocam outro ônibus, com outro itinerário, bem menor que anterior. Mudanças pequenas, dispersas em um período relativamente longo de tempo, no entanto, ao acumularem é como se, do dia para noite, uma corda fosse subitamente tensionada; com força.

Na primeira mudança, do horário e do itinerário do ônibus de sempre, não há sensação de ilha. O que há é um susto, uma surpresa e junto uma chateação, provavelmente, uma busca de entender o porquê da mudança. Percebe-se que agora há menos opções de horários para ir à cidade, ao hospital, à igreja, ou qualquer lugar fora dali. Bom, cogita-se, ninguém morre porque têm horários a menos para ir ao centro. Há que se andar dois quilômetros a mais para chegar ao ponto de ônibus. Bem, não se tem opção; e a vida toda andara grandes distâncias, não seria agora que caminhar se tornaria um problema; enfim, ia ser difícil, era, mesmo, um absurdo, mas andaria, não havia escolha. A corda é tensionada, mas ninguém sente a tensão, a

data exata em que a vida é tensionada, puxada para um outro lado, um lado que não se quer. Essa tensão só é sentida num acúmulo silencioso no corpo-lugar, um excesso vivido carnalmente.

Os gestos se acumulam. Depois de por três vezes ter que de andar pouco mais de um quilômetro a mais do que os dois quilômetros habituais para chegar à parada do ônibus, compreende-se que é necessário levar comida em uma sacola, para comer durante o caminho para o ponto. Ou ter dinheiro a mais para comer e beber algo logo que se chega à cidade. O mesmo vale para o retorno, é preciso carregar algo para se comer, ou aguentar a fome enquanto se percorre os três quilômetros a pé. É preciso, então, adicionar esse estratagema, esse se alimentar, a toda vez que vai ao centro e volta, pois não dá para andar pela cidade com a sensação de que não pode dar nem mais um passo, de tanta fome.

Com as pequenas mudanças, ir à cidade demanda andar muito mais, arrumar refeições para carregar, gastar o dia todo para ir e voltar, andar por demais nos caminhos e não ter energia para andar no centro. Diante disso, sem se dar muito conta, a pessoa vai rareando cada vez mais as idas ao centro. Como essas idas diminuíram, quando finalmente resolve ir tem-se acumulados uns muitos afazeres, que só resolvíveis no centro. Assim, quando se vai ao centro é necessário se apressar: ir a diversos lugares, numa afobação, numa ansiedade de cumprir tudo o que precisa fazer antes que chegue o horário do último ônibus de volta. Um acúmulo.

Como ir ao centro se tornou essa correria, essas idas foram esvaziadas daquela subentendida e leve sensação de passeio que a ida ao centro tinha outrora. Há, agora, um excesso na ida ao centro. Então, dá-se conta que se vai muito menos à cidade do que antes; que o pensamento de ter de ir ao centro pode trazer desânimo ou raiva; que há uma sensação de desperdício de tempo como nunca ocorrera antes. E quando esse sair muito menos da vizinhança se faz consciente, quando esse excesso de gestos, de estratégias a mais borbulham na superfície da atenção desperta, isso vira assunto. Vira tema de conversa entre os vizinhos. E na medida em esse acúmulo virou tema de conversa, ele ganhou um nome, uma expressão: “é como se tivessem ilhado a gente”, a moradora da Linha me disse.

Um corpo-Mourenx inexplicavelmente vazio. Mas este inexplicavelmente vazio não diz respeito, exatamente, ao número absoluto decréscimo populacional, mas sim ao corpo-lugar que vive (e é) essa ambiência de esvaziado.

Os conversantes mourenxois comentam que muitas pessoas haviam partido, que foram morar em outros lugares e que as encontra ocasionalmente nas pequenas cidades do entorno. Mas poucos fazem uma relação explícita entre as partidas e a atual morosidade de Mourenx.

Ou entre as partidas e o fechamento das indústrias, que ocorreu entre o fim da década de 1980 e início da de 1990.

Talvez porque os fechamentos das maiores indústrias, que impactaram diretamente Mourenx, foram há mais de duas décadas. Talvez porque esse impacto direto, fora, em verdade, gradual: as muitas demissões ocorrendo em etapas, mudando, lentamente, o cotidiano dos corpos-lugar. As pessoas partindo, mas não em movimento de massa, mas sim: uma aqui, outra lá, neste ano, dois anos depois. As lojas mudando de donos. As lojas abrindo em menos horários do que antes. Anos depois, as lojas fechadas. Pequenas mudanças a se acumularem.

Mas é interessante atentar que no tocante à vivência das mudanças dos corpos-lugares, pode haver não só acúmulo, mas também **enovelamento de sentidos**.

Há sentidos nas ambiências de cada parte da cidade, do bairro, em cada parte de qualquer lugar. Para Rabelo (2008) que discute a incorporação da filosofia de Merleau-Ponty nas ciências humanas e sociais, aponta que a reflexão de Merleau-Ponty sobre o **estilo** nos ajuda a repensar o que chamamos de **sentido** das coisas, dos lugares. E assim, a partir da dimensão sensível, temos que o sentido não é uma ideia que carregamos dentro da cabeça, mas sim um estilo no mundo, um estilo das coisas, um estilo dos lugares, “[...] um estilo que nos solicita e nos mobiliza” como afirma Rabelo (2008, p. 118), comentando a noção de estilo junto ao pensamento merleauPontyano.

Ainda no tocante ao sentido ou estilo, quando tenta se considerar se ele está na materialidade daquilo que “possui o sentido” ou na idealidade daquele que “interpreta” o sentido, alguém poderia, por exemplo, dizer que o corpo é signo (matéria, possuidor do sentido) da existência. E que o corpo seria o suporte material que “carrega” esse imaterial (o sentido), que seria a existência. Para Merleau-Ponty (2011; 2012a), a existência não é absolutamente possível sem o corpo, logo, signo (corpo) e significação (existência) não são separáveis. E por isso é possível dizer que, se o sentido ou o estilo têm um germe de abstração, esse germe é tributário da dimensão sensível (e não independente dela). Dentro deste contexto, Rabelo (2008, p. 118) afirma:

Como estilo, a significação não existe independente do sensível, não é uma ideia abstrata que este não faz que representar. Um estilo é ao mesmo tempo fortemente material – relação entre corpos e coisas – e fortemente ideal – orientação que emerge de tais relações e que se cristaliza entorno delas.

Lugares, partes de lugares, cabeleireiros, cantos, vãos, amplitudes, tomates, lojas, supermercados, pessoas, praças, banheiros têm sentidos, estilos, certa ambiência. E às vezes,

quando uma mudança no corpo-lugar se opera, não há simplesmente (ou subitamente) aniquilamento do sentido anterior em função de um novo.

A mudança pode ser lenta; ela pode ser uma série de mudanças que acontecem de forma espaçada e quase imperceptível, e que vão se acumulando. Nesse ritmo, o que os corpos-lugares vivem é o sentido anterior mais um (novo) outro sentido, os distintos sentidos se que se enovelam, se imbricam e passado e presente não são discerníveis.

A Feira permanece em Mourenx, apesar das mudanças da cidade e da bacia de Lacq. A Feira é mais vazia do que antigamente, mas ainda é a Feira. E ir à cafeteria do Centro de Mourenx continua demandando os mesmos caminhos, o dono do estabelecimento é o mesmo, a qualidade do café também. E vai-se à cafeteira pelo mesmo motivo de antes, ver pessoas, trocar algumas palavras (mesmo que quem se vê, com quem se troca palavras e os temas de conversa tenham mudado drasticamente). Há um mesmo sentido (de “sempre”) na Feira, na cafeteria. Mas há também outros sentidos, imiscuídos no corpo que vive a Feira mais vazia, na ausência da reunião dos antigos amigos na cafeteria. A mudança lenta acontecendo, no acúmulo, sentidos antigos se misturam a outros. E, assim, nesses enovelamentos de sentido, antes de dizer que o tempo passa, é mais justo dizer: o tempo vive-se. Isso nos remete à compreensão da geógrafa Livia de Oliveira, que afirma: “[...] lugar é tempo lugarizado, pois entre espaço e tempo se dá o **lugar**, o movimento, a matéria” (OLIVEIRA, 2012, p. 5 – grifos no original). Assim, podemos entender quando os moradores mais antigos de Mourenx se encontram e comentam o quanto, de repente (e inexplicavelmente), a cidade lhes parece vazia.

Subitamente ilha, inexplicavelmente vazio. Tanto a Linha quanto Mourenx não (só) viram, mas viveram e vivem corporalmente mudanças. Aqueles que vivem esses dois lugares dormiram e acordaram ao longo dos anos e o horizonte estivera sempre no mesmo lugar.

Como tantas outras vezes, ambos os lugares viveram pequenos eventos, inesperados. Esses eventos pincelaram uma inabitualidade nos caminhos, temperou os tons das vozes e os temas das conversas; as mudanças foram corporal e intersubjetivamente vividas. Em Mourenx, há festa de sempre, mas agora vazia; na Linha, o mesmo grande ônibus sujo de terra, mas há agora um outro ponto (longe) para embarcar. As mudanças se fazem, elas a sentem e, depois, e mais depois, elas são re-sentidas e o inabitual se faz hábito. Há apropriação e incorporação entre o evento e os corpos-lugar, e é por isso que se denomina, aqui, o acúmulo e enovelamento de sentidos de **sínteses lugar-corpóreas**.

Síntese porque há criação a partir do amálgama de novos pequenos gestos demandados, estratégias desenvolvidas, novos usos, novas virtualizações, novos sentidos e outros sentidos se imbricando, se acumulando lenta e discretamente, tão próximo do regime

habitual da vida que não se dá, imediatamente, conta de que algo se acumula e se transmuta; mudando, mas continuando a ser o mesmo. Da síntese lugar-corpórea, outro corpo-Linha, outro corpo-Mourenx.

CAPÍTULO 4.

CENTRO E ESTRADA: DESCENTRAMENTO DE SI, CENTRAMENTO DE UM NÓS

O evento muda o corpo-lugar. A cada pessoa, que é cada uma um corpo-lugar, há uma forma de viver o evento, de experienciar as mudanças, suas próprias sínteses lugar-corpórea. No entanto, ser corpo-Linha ou corpo-Mourenx implica já em viver, de forma corporal, intersubjetivamente os eventos. Neste capítulo, observamos mais detidamente as experiências do corpo-Linha e do corpo-Mourenx, atentando aos seus cotidianos e aos seus ritmos, onde se destaca o movimento de constituição de uma intersubjetividade corpórea.

4.1 Centro de Mourenx e o encontro com o outro

O centro da cidade é uma preocupação constante entre aqueles que pensam a cidade e seu modo de vida, o urbano. Tradicionalmente (até fim do século XX, ao menos) o Centro é o coração da cidade, lugar que reúne a maior parte dos serviços, dos prédios administrativos, do lazer, do espaço público. Em outras palavras, o centro da urbe é o lugar máximo da convergência de pessoas e da aglomeração, que são alguns dos traços mais marcantes do urbano.

Nas quatro últimas décadas, acadêmicos (principalmente urbanistas e geógrafos) apontaram e analisaram o que seria uma crise dos centros de cidade. Essas crises estariam expressas na forma do esvaziamento populacional, degradação, processo de empobrecimento e perda de funções do centro em detrimento, sobretudo, do surgimento de serviços oferecidos em grande superfície como os *shopping-centers* e hipermercados (geralmente, longe dos centros das cidades). Concomitante a essa crise, o desenvolvimento de outras centralidades nas urbes estaria tornando as cidades cada vez mais segregadoras.

O centro é de tal forma pensado como “alma da cidade” que suas problemáticas foram enfrentadas tanto por acadêmicos quanto por governos, na forma de políticas públicas como as controversas políticas de revitalização ou o fomento para o surgimento de novas centralidades (SIMÕES JR., 1994; GADENS; ULTRAMARI; REZENDE, 2007; PEDROSO, 2007). Ponto de encontro, satisfação de necessidades, animação: o antigo *leitmotiv* do centro (ou da centralidade) (DEVISME, 2005) se revela, assim, como um valor, uma forma ou vivência que deva ser mantida.

Mourenx possui uma topologia como as de urbes ditas tradicionais, onde há um centro único que domina a cidade. Afora o pequeno subcentro comercial, a leste do centro, no *Quartier Est* (que, geralmente, está com a maior parte das cinco ou seis salas comerciais fechadas), o centro de Mourenx reúne massivamente os serviços da cidade: lojas, açougue, padaria, banco, delegacia, cinema, espaços públicos, mercado, restaurantes, farmácias, agência de viagens, ótica, cafés, floricultura, a MJC, o ponto de ônibus (sendo que a cidade possui apenas dois pontos de ônibus). Porém, é difícil perceber esse centro tradicional, essa concentração de serviços quando não há convergência de pessoas (o sentir de pessoas passeando, chegando, entrando e saindo dos estabelecimentos, sentadas nos bancos das praças, se encontrando, conversando).

No entanto, esse centro de Mourenx muda nas manhãs dos dias em que há Feira, às quartas e sábados. A primeira vez que fui à Mourenx no dia da Feira (*Marché*, em francês), anotei: “*Mas, quando cheguei nas proximidades da prefeitura [de Mourenx] e vi o marché, disse pra mim mesma, em português: “Isso sim que é centro”. Estava cheio. Cheio como é o centro de Campinas, tantas pessoas indo e vindo que corre-se o risco de esbarrar uma na outra, é preciso desviar sempre. Eu gosto assim, de vez em quando*” (trecho do Diário de Campo).

Esbarrar. Para uma cidade que vive a maior parte da semana vazia (onde se pode, literalmente) contar nos dedos quantas pessoas se vê pela cidade, ao longo do dia, ter de tomar cuidado para não esbarrar o próprio corpo no outro é uma mudança significativa de ambiência.

A importância da Feira é patente; sempre que se pergunta sobre o cotidiano da cidade aos seus moradores, eles citam o ir à Feira. Um dos conversantes apontou a ida à Feira como tradição de todo mourenxois. E, mesmo para uma pessoa que não mora em Mourenx (mas que trabalha nela), a principal avenida de pedestre do centro (que no Brasil corresponderia ao calçadão) não é chamado pelo nome oficial “*Place Pierre et Marie Curie*”, mas sim pelo nome “*rue du marché*” (rua da Feira).

Essa mudança significativa de ambiência não se dá somente ou exatamente no local onde a Feira está instalada. Essa mudança de ambiência se espalha; ela se faz também no café da *Tour des Célibataires* (Torre dos solteiros), por exemplo. Naquele café de sempre, que é bem organizado, que tem móveis de madeira estofados em bordô, que tem bonitas mesas, sempre vazias, neste café também se dá uma mudança significativa. E se não se está preparado para esta mudança, pode-se levar um susto.

É possível entrar no café e não estranhar as mesas vazias, a presença só de uma cliente (uma senhora com seus 60 anos talvez, lendo um jornal), escolher tranquilamente um lugar e esperar o *monsieur* atendente vir anotar seu pedido; as outras vezes fora assim (somente um ou dois clientes no café). É possível, mesmo, dado estar vazio, ficar olhando contemplativamente para a fora, pela janela, se perdendo em pensamentos, quase como se estivesse sozinho. E então, um outro senhor chega, talvez com uns 50 anos; cumprimenta o atendente, a outra cliente, senta em uma outra mesa junto à janela.

O atendente foi calmamente conversar com o cliente que chegara; se falavam, mas não consistia em fazer o pedido, estavam apenas conversando, dizendo novidades corriqueiramente (sem efusão, como se se vissem, ali, todos os dias). Com o ambiente assim, vazio, é possível voltar a olhar pela janela, tomar devagar o café.

Assim, é fácil se (me) perder em pensamentos, no quase-silêncioda cafeteria. Mas, chegou um casal de meia idade. O homem entrou falando bom dia para todos os presentes e todos responderam. Como eu senti que o bom dia era para quem ele conhecia, eu não respondi. E logo ele me olhou diretamente e, de maneira mais formal, deu um bom dia para mim também, respondi formalmente. O casal cumprimentou a senhora que já estava lá com dois beijos no rosto (na França, é preciso ser íntimo para se cumprimentar assim). O casal não pediu nada, mas o *monsieur* atendente que servia as mesas logo trouxe um café para cada um. Enquanto ele servia o café, o senhor do casal que chegara falava com ele sobre algo do jornal que tinha pegado do balcão. Disseram coisas engraçadas, riam discretamente e pilheravam. Nesse momento chegou um outro casal, um tanto mais velho, todo mundo se cumprimentou, bons-dias e como-vais para todo lado. Sem que se fizesse perceber (sem que eu tenha percebido) havia uma mulher, também atendendo os clientes. O casal que havia acabado de chegar não pediu nada para o atendente, mas assim que eles se sentaram junto com o homem que estivera sozinho em uma mesa, o atendente chegou com três cafés. Logo todo mundo conversava. Eu fiquei, literalmente, embasbacada: era uma festa? Eu nunca vira tanta gente no café. Logo, chegou um homem sozinho, cumprimentou todo mundo, pilherou sobre o tempo que estava fazendo em pleno verão, todos passaram a comentar sobre a chuva e o frio.

Chegou outro senhor, cumprimentou todo mundo, se juntou ao que tinha acabado de chegar. Senti que mais gente ia chegar. Tive a impressão que apenas eu fizera um pedido formal do que queria. Os outros, bastavam chegar para terem seus cafés.

Cada pessoa que chegava se espantava ligeiramente ao me ver ali; e enquanto conversavam, um ou outro me olhava de soslaio, com alguma curiosidade, um ou outro com um meio-sorriso, a maior parte deles me cumprimentaram em algum momento. Mesmo que simpáticos e discretos, foi possível se sentir um pouco peixe fora d'água: diferente de todos os outros, eu estava fora dessa alegria de (re)encontro, de sociabilidade. E eu não circulava pelo café como eles (alguns ficavam sentados, outros em pé, em semicírculo, ou ia a uma mesa, depois a outra), eu não conversava com eles ou como eles; e todos se conheciam, menos eu. Havia uma dinâmica dos corpos-lugar; e eu destoava flagrantemente dela. No café do centro de Mourenx, em dia de Feira, é possível sair da condição de anônimo para se sentir um pouco intruso. Uma mudança significativa, sentida na pele.

Com a Feira é como se o centro despertasse. No vão central de Mourenx, junto à ligação entre uma das praças e o calçadão ficam várias barracas (Figura 3), as mais tradicionais, pode-se dizer. Por exemplo, as barracas de plantas, com vários vasos e mudas, tudo florido, vários tons de verde (ver a barraca e como elas são bem frequentadas, faz lembrar o apreço e cuidado que os franceses têm por seus jardins). Há as bancas de legumes, frutas e verduras, super coloridas também; banca de laticínios (leites, vários tipos de iogurte, vários tipos de queijo), banca de carnes, banca de compotas (doces e salgadas). Ali se concentram os produtores da Bacia de Lacq; é reconhecida a importância de Mourenx enquanto mercado consumidor para os produtores rurais da região (PEAUCELLE; BRUNETON-GOVERNATORI, 1997)

Já às margens do vão, sob a marquises na praça que fica em um nível mais alto do vão (mas, fora da *rue du marché*), ficam os produtos industrializados. Há barracas com produtos têxteis como tecidos, roupas, calçados passando por bolsas, carteiras, cintos, até barracas com utilidades domésticas, bijuterias (tal como em outros lugares do mundo, muitos produtos chineses). Os vendedores desses produtos são, em sua maioria, africanos. Apesar da separação dos tipos de produtos e dos vendedores, as pessoas circulam por todos os lugares, tudo está cheio, em todas as bancas há pessoas. O centro tradicional está vivo e, assim, em seu máximo.

Mourenx é *ville nouvelle*, mas é aparentada com os *grands ensembles* (literalmente, grandes conjuntos³⁶) na medida em que, como estes, possui suas torres e barras, máquinas de

³⁶ Extensos quarteirões com edifícios padronizados, destinados à habitação de interesse popular. À época da construção de *grands ensembles* e *ville nouvelles* (décadas de 1960, 1970) havia um claro embate entre estas

morar, diria Henri Lefebvre (GIRARD, 2006). *Entreville nouvelle* e *grands ensembles*, Mourenx fora reportada como exemplo a ser seguido, na medida em que tem um centro; e, mesmo, um centro com sua própria prefeitura (GIRARD, 2006).

Desvine (2005) discute os ideários sobre a centralidade, os quais orientaram arquitetos e urbanistas franceses na concepção e construção das *villes nouvelles*. O autor destaca que nas décadas de 1960 e 1970, havia um humanismo científico valorizando o centro enquanto alma da cidade, sendo comum na época, ao comparar *villes nouvelles*, afirmar que “[...] não podemos mais confundir Mourenx com Bagnols-sur-Cèze, [ou] Massy com Sarcelles, pelo motivo de que as sociedades locais ganharam vida ali...” (DEVISNE, 2005, p. 25)³⁷. Assim, à época, as *villes nouvelles* Mourenx e Massy (ao contrário das *villes nouvelles* Bagnols-sur-Cèze e Sarcelles) eram consideradas um sucesso, pois, graças à existência de um centro, as sociedades locais se desenvolveram.

Na Feira, as pessoas se encontram e por todos os lados vê-se, escuta-se cumprimentos; mesmo eu, passei a ter meus conhecidos na Feira (*bonjour madame, bonjour mademoiselle*). Carrinhos de compras por todo lado, mulheres em pares, famílias inteiras (pai, mãe, filhos); muitas pessoas brancas, algumas árabes. Muitas cores: das roupas das pessoas, dos carrinhos de compra, das barracas que exibem seus legumes, plantas, flores, queijos, compotas, roupas. Uma mudança significativa, pois, nos dias e horários em que não há ninguém no centro é possível ver, vez em quando, pelas esquinas, os homens (jovens brancos e árabes), que andam em grupos, algazarreando um pouco. Durante as Feiras, eles estão ausentes.

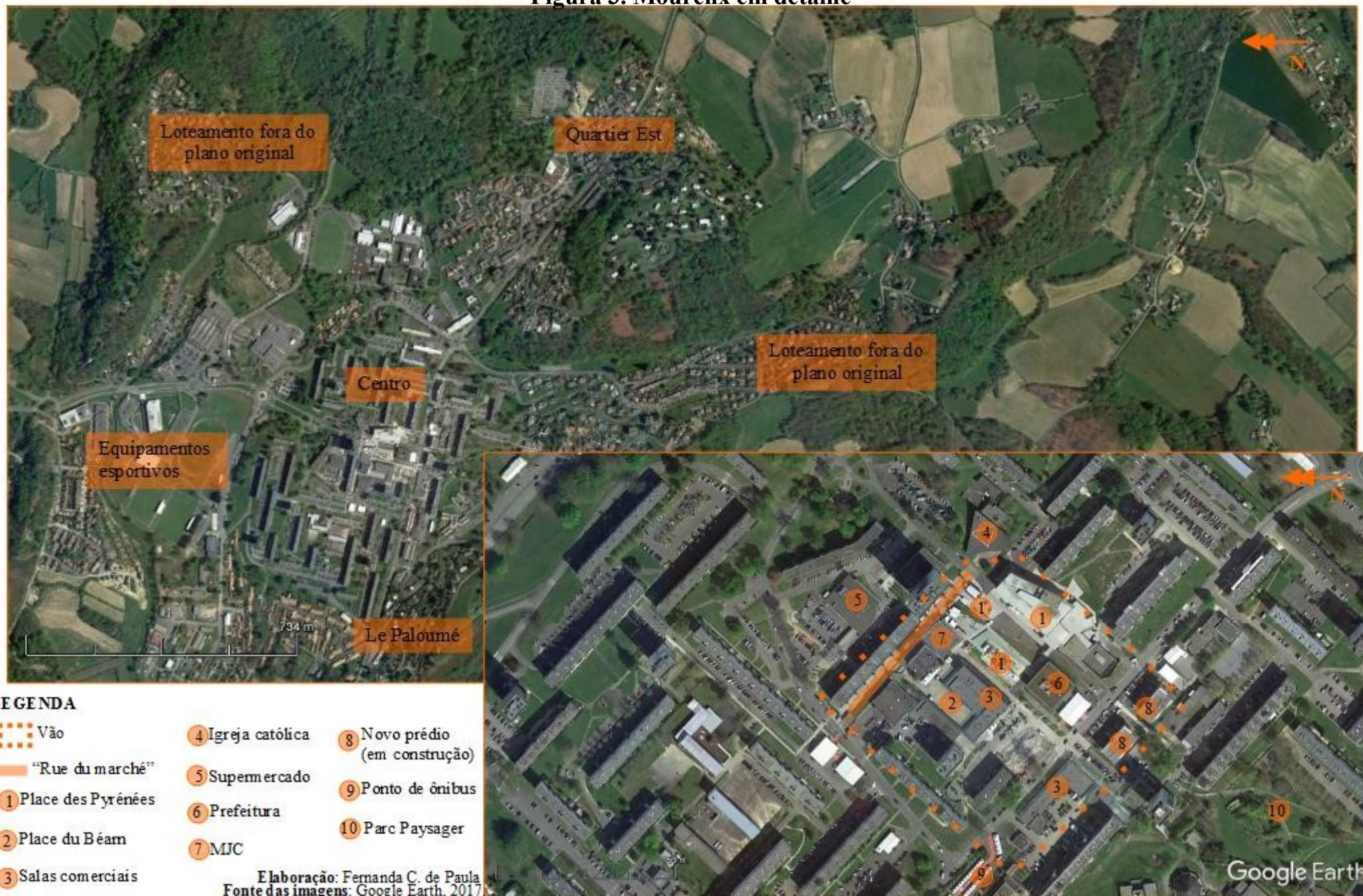
Outra mudança significativa de outros dias é que até mesmo as lojas, salas comerciais que se encontram fechadas nos outros momentos ao longo da semana também se encontram abertas. A loja de roupas e equipamentos esportivos, a ótica, a agência de viagens, as padarias, o açougue, os restaurantes (com exceção de apenas um, mesmo os restaurantes ficam fechados quando não há Feira).

Não só no vão central, mas também andando por entre as torres e barras, nos momentos da Feira, se encontra mais pessoas pelos caminhos: há pessoas indo ou voltando d

duas concepções de política habitacional, onde os *grands ensembles* eram, geralmente, considerados inferiores à *ville nouvelle* visto não planejarem a vida cultural, os serviços e etc. (VADELORGE, 2006).

³⁷Tradução livre. No original : “[...] *l'on ne peut plus confondre Mourenx avec Bagnols-sur-Cèze, Massy avec Sarcelles, au motif que des sociétés locales y ont pris vie*” (DEVISNE, 2005, p. 25)

Figura 3. Mourenx em detalhe



Feira, há aquelas paradas, conversando e há mais crianças brincando por entre os prédios. Até mesmo o subcentro no *Quartier Est*, que fica na entrada da cidade (relativamente longe do centro), se encontra com tudo aberto e mais animado nos momentos da Feira. O café frequentado apenas por homens árabes de meia idade também é mais frequentado durante a Feira. A mudança da ambiência não está restrita ao vão do centro, a Feira faz vibrar toda cidade.

O arquiteto Jean-Benjamin Maneval foi responsável pela concepção de Mourenx e que esteve presente ao longo de toda a construção da cidade, acompanhando de perto a concretização de suas ideias. Seu nome é sempre exaltado nos espaços (livros, placas) onde a história da cidade é contada. No livro “*Mourenx, Batiment A, Rue des Pionniers*” (“Mourenx, Prédio A, Rua dos Pioneiros”)³⁸, há uma declaração do arquiteto sobre a *ville nouvelle*:

Esta cidade deve assegurar aos seus habitantes o máximo de conforto que a técnica moderna pode trazer. Um agrupamento de habitação de 12 mil almas é uma verdadeira cidade, não um burgo ou uma grande aldeia; para que uma cidade exista, ele tem necessidade de um **coração**, para que o coração viva, é necessário uma certa densidade populacional que só é possível obter através dos imóveis (MANEVAL, J. B. apud PEAUCELLE; BRUNETON-GOVERNATORI, 1997, p. 31 – grifo nosso)³⁹

O centro, um coração vivo. O geógrafo Jacques Lévy, no intuito de refletir sobre a essência da cidade, aborda o centro, pensando a relação deste com os habitantes. O autor coloca que essa relação seria, geralmente, considerada satisfatória, certa, quando as pessoas frequentam o centro; e para o centro ser frequentado seria preciso:

1/uma diversidade de atividades em um mesmo lugar de modo que os encontros aleatórios de indivíduos e de funções se produzam frequentemente; 2/práticas de espaço que favoreçam os contatos sensoriais (visuais, auditivos ou táteis), que possam se abrir, sem descontinuidade, a trocas mais intensas⁴⁰. (LÉVY, 1986, p. 53)

Dois pontos chamam atenção. Primeiro, o autor coloca que um centro com diferentes atividades atrai pessoas diferentes, com diferentes objetivos, essas pessoas podem tanto resolver seus assuntos quanto, pelo fato do centro oferecer outras atividades, se verem engajadas naquilo que não esperava ou pretendia fazer (uma compra, um encontro, uma

³⁸ Endereço do primeiro edifício da *ville nouvelle*.

³⁹ Tradução livre. No original: “*Cette ville doit assurer à ses habitants le maximum de confort que peut apporter la technique moderne. Un groupement d’habitation de 12 000 âmes est une véritable cité, pas un bourg ou un gros village ; pour qu’une ville existe, elle a besoin d’un cœur, pour que le cœur vive, il lui faut une certaine densité de population que l’on peut obtenir que par les immeubles*” (MANEVAL, J. B. apud PEAUCELLE, 2006, p. 31)

⁴⁰ Tradução livre. No original: “*1/une diversité d’activités en un même lieu de façon à ce que des rencontres aléatoires d’individus et de fonctions se produisent fréquemment ; 2/des pratiques de l’espace favorisant les contacts sensoriels (visuels, auditifs ou tactiles), qui puissent ouvrir sans discontinuité sur des échanges plus intenses.*” (LÉVY, 1986, p. 53)

diversão). Há aqui, um elogio da interação social, a qual a cidade (com seu centro) seria a maior potencializadora. Nesse sentido, não só o suprimento de necessidades é mote para frequentar o centro, mas também a interação social que o centro proporciona se faz razão para frequentá-lo. Uma das faces dessa interação é a tal da “animação”, qualidade esperada de um centro de cidade. O segundo ponto a chamar atenção é o papel da relação entre corpo e lugar na promoção da interação, Lévy afirma: quanto mais contato sensorial, possibilidade de interações mais intensas.

Os momentos de Feira cumprem esses quesitos que tornam, para Lévy (1986) o centro vivo, frequentado: diversidade de indivíduos e atividades, animação; o vão aberto por onde a Feira se distribui potencializando os contatos sensoriais, o vão expõe as barracas e seus frequentadores, exhibe toda as rotas pelas bancas que estão ao longo do calçadão e das praças. O centro animado: ver as coisas, suprir necessidade, saber as novidades, sorrir, conversar, encontrar o outro.

As pessoas se arrumam em suas casas, pegam do armário os (na França) tradicionais carrinhos de feira com suas duas rodinhas, uma alça em cima para arrastá-lo atrás de si. Muitas pessoas chegam caminhando à Feira, dado que a maior parte dos moradores já reside no centro ou na área central e, mesmo aqueles que moram no extremo leste da cidade (ponto mais distante em relação ao centro), estão no máximo há um quilômetro e meio de distância da Feira. Alguns moradores ficam bastante empolgados com os dias de Feira, contentes de encontrar as pessoas, passear pelas bancas; outros podem dizer que não há grandes emoções em ir à Feira, nem gostam muito, tampouco acham ruim ir até lá, apenas vão. Para outros, ainda, pode ser um tédio: já sabem de antemão quem vão ver, quais produtos estarão à venda, quem estará conversando com quem. Mas, imagine, para todos estes, a decepção que um dia de Feira vazio poderia trazer. Imagine que a Feira se esvazie de vez. Imagine, todos eles, comentando entre si, com nostalgia, como era a Feira quando era cheia, bastante frequentada. Por que essa nostalgia? Por que essa decepção?

Que prazer é esse de ver o outro, de andar pela praça cheia de pessoas e coisas, de interagir com o outro, de viver o diverso (diverso de coisas e diverso de gentes)? Que alegria ao diverso é essa? Ou ainda, por que é esse diverso o critério para uma cidade viva, critério para falar de uma Mourenx viva, exemplo a ser seguido por outras *villes nouvelles* e *grands ensembles*? Talvez, a pergunta anterior a todas estas seja: que acontece a nós no encontro com o outro? Minha tendência é responder que acontece um descentramento de si.

Um descentramento de si que é, senão, coexistência, intersubjetividade – se pensarmos junto com Merleau-Ponty.

No senso comum, geralmente o sujeito é pensado como o possuidor de uma subjetividade absoluta, solipsista. Quer dizer, cada indivíduo seria possuidor de um conjunto de qualidades e de atividades internas, pessoais e invisíveis no exterior; o indivíduo as teria dentro de si, dentro sua mente, mais precisamente. O indivíduo, possuidor desse invisível, teria também o direito de escolher o que revelar no exterior ou, ainda, ele poderia fingir que sente ou é algo, mas, internamente, sentir ou ser uma outra coisa. Eu, que sou um outro indivíduo, não teria acesso a tudo isso que está em seu interior, assim como não posso saber o que ele sente, como sente, o que ele vê, como vê, o que ele realmente acha das coisas, do mundo: a menos que o indivíduo me conte essas coisas que lhe são internas, mas, mais uma vez, ele poderia mentir. O indivíduo é uma subjetividade absoluta, idiossincrática; só ele pode conhecer ou saber o que lhe é interior.

Mas, se pensarmos o indivíduo assim, no limite, seria preciso que duvidássemos que o outro existe.

Isso porque, se o indivíduo só tem certeza do que ele próprio sente e sabe e, em contraponto, o que o outro sente e sabe é inacessível, como ter certeza que esse outro sujeito é realmente um sujeito? Como ter certeza de que ele pensa, sente, se emociona?

Ainda: se o indivíduo é essa subjetividade absoluta e solipsista, toda escondida dentro da mente e inacessível ao outro, teríamos cada sujeito como o centro do seu próprio universo, pois tudo o que existisse, existiria apenas em função daquilo que ele tem certeza de conhecer: o si-mesmo. “Como haveria, nessa totalidade que sou, uma vista exterior?” (MERLEAU-PONTY, 2012b, p. 220). Se não há, para o indivíduo, o outro, o mundo todo é centrado em si, calcado em sua perspectiva única. E o indivíduo (cada indivíduo) seria como um deus.

Assim, se fôssemos essa subjetividade absoluta e fechada em si mesma, ir ao centro da cidade e encontrar o outro seria uma espécie de ficção, onde tudo existiria só para mim e em função de mim. Andando pela Feira, eu seria um deus. E os outros, que me parecem semelhantes, são só objetos enquanto somente eu, com certeza, sou sujeito. Mas não é assim. De uma forma não tematizada, você, leitor, já sabe que as coisas não são assim. De onde vem essa sua certeza?

Vem do fato de sermos sujeitos encarnados. Somos sujeitos encarnados, somos corpo-fenomenal: nosso eu é o corpo absolutamente indissociável da sua relação com o mundo; dito de outra forma, o **“interno” é relação ontológica com o “externo”**. E, nesse sentido, quando

o outro faz um gesto, um gesto que seja, sinto que ele é, tal como eu, um sujeito. E, dessa forma, eu não sou o centro do mundo ou seu deus.

Se lido com um desconhecido que ainda não disse uma palavra, posso acreditar que ele vive em um outro mundo no qual minhas ações e meus pensamentos não são dignos de figurar. Mas que ele diga uma palavra ou apenas faça um gesto de impaciência, e ele já deixa de me transcender: então é essa sua voz e são estes seus pensamentos, eis portanto o domínio que eu acreditava inacessível. [...] O solipsismo só seria rigorosamente verdadeiro para alguém que conseguisse constatar tacitamente sua existência sem ser nada e sem fazer nada, o que é impossível, já que existir é ser no mundo. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 484)

Posso até achar, em algum momento, que o “interno” de um indivíduo está fora do meu alcance e que, assim, ele me transcende; no entanto, como colocou Merleau-Ponty, basta um gesto para que ele deixe de me transcender. Na medida em que todo indivíduo existe no mundo, se relacionando ontologicamente com ele, o solipsismo, o encerramento da subjetividade dentro de si é impossível. A subjetividade não é um conjunto de sentimentos e opiniões internos surgidos do nada, ela nasce a partir do que o corpo vive, toca, ama, vê, sintetiza, aprende, odeia, cheira. A subjetividade se constitui na relação entre o corpo fenomenal e o mundo, com os outros e essas relações não são de todo “invisíveis”. Em nossas vidas, estamos ali: vivendo, sentindo, vendo, fazendo gestos, tons de voz, estados de humor e tudo isso (todas essas ações do sujeito) não são resultado do indivíduo conscientemente escolhendo gestos para revelar uma ou outra coisa do que lhe seria interno. Esses gestos, tons de voz, estados de humor, reações, ensimesmamentos são frutos daquilo que vivemos, enquanto corpos-no-mundo: na maior parte do tempo, eu não escolho esses gestos, eu os realizo no contato com o mundo, sem pensar. Isso quer dizer que a subjetividade, enquanto um conjunto de “coisas internas”, separadas completamente do “exterior” e escondidas para sempre dentro da mente, não existe.

E essa relação entre corpo fenomenal e mundo, não é só minha, mas também do outro.

Olho esse homem imóvel no sono e que de repente desperta. Ele abre os olhos, faz um gesto em direção a seu chapéu caído ao lado dele e o pega para se proteger do sol. O que finalmente me convence que meu sol é também dele, que ele o vê e o sente como eu, e que enfim somos dois a perceber o mundo. [...] Quando o homem adormecido entre meus objetos começa a dirigir-lhes gestos, a usá-los, não posso duvidar um instante que o mundo ao qual se dirige seja realmente o mesmo que percebo. (MERLEAU-PONTY, 2012b, p. 222)

No momento em que o homem desperta ao sol e estende a mão em direção a seu chapéu, entre esse sol que **me** queima e faz piscar **meus** olhos, e o gesto que **lá** de longe traz um alívio à minha fadiga, entre essa fronte abatida ali e o gesto de proteção que parece me pedir, um vínculo se estabelece sem que eu tenha de decidir nada; e se sou para sempre incapaz de viver a

queimadura que o outro sente, a mordida do mundo tal como a sinto em meu corpo fere tudo que está exposto como eu, e particularmente esse corpo que começa a se defender-se contra ela. É ela [a mordida] que vem animar o adormecido até há pouco imóvel, e que vem ajustar-se a seus gestos como sua razão de ser. (MERLEAU-PONTY, 2012b, p. 223-224 –grifos no original)

Com o homem adormecido que tateia em busca de um chapéu para aplacar o sol que queima (meu) seu rosto, Merleau-Ponty, retira a subjetividade do solipsismo que lhe é atribuído: minha subjetividade não é fechada em si mesma, ela é aberta ao mundo, o sol me morde. Pelo meu corpo, que sente essa mordida, eu me sei e, ao mesmo tempo, sei o mundo. Ele também descentra a subjetividade: pelo meu corpo, eu sei que o sol me morde e que morde o outro e, logo, sei que compartilhamos o mesmo mundo, o mesmo lugar. Dessa forma, não é possível que eu seja o centro do universo, uma espécie de deus, que viveria em um mundo que é do jeito que é em função de meu ponto de vista, de minhas interpretações. Como eu partilho o mundo com o outro, essa partilha é, necessariamente, descentramento de si.

O sol me queima e, assim, quando vejo o outro se proteger com o chapéu é como se desenhasse, também, dentro de mim um rastro de alívio; ou quando em um dia excepcionalmente calorento, nos incomodamos sobremaneira com alguém que use um pesado casaco; é nesse sentido que Merleau-Ponty afirma que “[...] um vínculo se estabelece sem que eu tenha de decidir nada” (MERLEAU-PONTY, 2012b, p. 224). O que ele quer dizer é que minha consciência desperta não decide fazer esse vínculo com o mundo e com o outro, esse vínculo que me permite saber por que o homem levanta o chapéu e põe sobre o rosto; esse vínculo é realizado pelo Eu anterior: o corpo fenomenal que se anima, que gosta, que arrepia, que se abaixa com exatidão, sem parar calcular, para não bater a cabeça nos galhos da árvore, que se emociona e gosta de um lugar sem saber, exatamente, o porquê. Assim, Merleau-Ponty (2011) coloca que nosso corpo fenomenal é um Eu anterior porque ele toma partido pelo mundo, decide coisas, antes da consciência desperta, o que cria em nossas vidas uma margem de existência quase impessoal.

Enquanto habito um “mundo físico”, em que “estímulos” constantes e situações típicas se reencontram [...] minha vida comporta ritmos que não têm **razão** naquilo que escolhi ser, mas sua condição no meio banal que me circunda. Assim, em torno de nossa existência pessoal aparece uma margem de existência **quase** impessoal (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 124 – grifos no original).

Há este Eu anterior, o corpo fenomenal, que vive em coexistência com o mundo, com os outros. E é por conta desse Eu anterior (desse seu corpo), que já tomou partido pelo mundo, é que você, leitor, tinha uma certeza não tematizada de que o sujeito não seria o

centro absoluto do mundo, como um deus, e que os outros não seriam apenas objetos, tal como falávamos antes.

Interessante atentar, ainda, que essa vivência corporalmente intersubjetiva não é só a oportunidade de confirmar que meu mundo é o mesmo que o seu. É mais do que isso. Essa vivência corporalmente intersubjetiva é a via pela qual eu vivo também opiniões contrárias às minhas, ou diferentes, pela qual eu posso aprender outras formas de lidar com as coisas, pela qual posso intensificar minhas próprias emoções, viver o debate a partir de outros pontos de vista.

Tudo isso para dizer que (1) pelo corpo e o encontro com o outro, eu vivo, intersubjetivamente, o mundo e (2) que estar com o outro é se descentrar. E, ainda, esse descentramento de mimé, irrecusavelmente, abertura e desdobramento (diversificação) do mundo, desde meu campo perceptivo (MERLEAU-PONTY, 2007). Ou seja, a cada coisa, som, situações, pessoa, gesto, opiniões, cheiro, medos que se faz presente a mim, eu vivo uma diversificação do meu mundo, um alargamento de horizontes e uma convocação (um convite) a formas de ser, agir. Não é à toa que grandes viagens por lugares desconhecidos são consideradas formas de educação, um caminho para erudição ou para a sabedoria: a cada novo outro (agudamente outro) lugar, uma nova e outra abertura e desdobramento de mundo via corpo fenomenal.

Ir à Feira é, lugar-corporalmente, abertura e desdobramento de ser.

* * *

Os momentos de Feira fazem vibrar a cidade, faz existir movimento e encontro, o centro se fazendo o coração que garante a vida social da cidade, como preconizava o ideário relativo ao centro, da época da construção de Mourenx. Mas uma conversante, moradora antiga de Mourenx, faz questão de ressaltar que a Feira perdeu bastante importância, que não é o que já fora.

Na conversa com pessoas que vivenciam Mourenx, sendo moradoras ou não, elas falam sobre como a cidade é muito calma, mas que nos momentos de Feira a cidade muda significativamente. Uma dessas pessoas, que trabalha em Mourenx, confirmou que a Feira era muito animada sim, mas, ressaltou que logo que a Feira acaba era assim e ela apontou para que eu observasse para além das portas envidraçadas da sala comercial: lá fora as máquinas e funcionários trabalhavam com afínco para retirar a quantidade chamativa de detritos que a Feira deixara. Afora esses funcionários, mais ninguém no centro; não há tampouco as

barracas,o que se revela um vazio contrastante em relação há uma hora. E ela acrescentou, com um tom de voz e um gestual que misturava desprezo e desprendimento: “E vai ficar assim até a próxima Feira”.

“E vai ficar assim”: tão vazio que os raios de sol sobre os tons de cinza refletem e cegam como se o chão e os prédios fossem uma espécie de espelho.

4.2 A Estrada e a Linha

Escola, chaveiro, mercado, papelaria, farmácia, praça, posto de saúde: nada disso tem na Linha. Nem perto dela. É por isso que a Estrada é de suma importância na vida dos moradores.

Ligar um lugar ao outro, essa é a função de uma estrada. O filósofo Otto F. Bollnow, interessado pela experiência humana do espaço, se detém, dentre outros temas, na reflexão sobre as vivências relacionadas à estrada. Neste contexto, ele destaca que no mundo contemporâneo são raros os lugares em que não há estradas, esses caminhos pré-definidos, destinados a potencializar (em qualidade e velocidade) as ligações entre os lugares (BOLLNOW, 2008).

Fernand Braudel, historiador francês, ao refletir sobre o Mediterrâneo e o papel da transumância nesta região, destaca que é a estrada que historicamente facilita as trocas entre os lugares. Dessa forma, lugares desprovidos de algo podem suprir sua falta a partir do que há em outra localidade: produtos manufaturados, mão-de-obra, matéria-prima, costumes. O historiador, portanto, dá à estrada e à mobilidade que ela promove o papel de agente da constituição dos lugares e da possibilidade do devir ou da sobrevivência deles (BRAUDEL, 1988). Na medida em que a mobilidade permite que lugares divergentes (tais quais, por exemplo, planície e montanha) se complementem (e se misturem, influenciando um ao outro), as estradas (e a circulação que ela promove) se fazem motores da história (LIRA, 2008).

Há apenas um caminho (excetuando-se caminhar pelo leito da ferrovia) para se chegar à Linha: a via que oficialmente é denominada Rua Cinco, mas que os moradores dali chamam de Estrada. Toda ela é de terra. Ao norte, junto ao Aeroporto, a “Rua Cinco” compreende duas estradas, ambas de terra, uma a nordeste e outra a sudeste (Figura 1, p. 51).

Aquela que é a nordeste surge como entroncamento com a pequena estrada de terra que leva à Estrada do Fogueteiro⁴¹. Esta via da Rua Cinco tem aproximadamente três quilômetros e meio entre seu entroncamento com a pequena estrada (onde também passa a linha do trem) até sua união com a outra via da Estrada. A maior parte desta via da “Rua Cinco” contorna terrenos do aeroporto (notadamente o que passou a ser o local do novo terminal de passageiros). Em 2015, época dos trabalhos de campo, essa pista de terra fazia solicitações específicas ao olhar: de um lado, o enorme descampado em vias de ser terraplainado para o início das obras e do lado oposto, pastos.

Na margem da Estrada onde está o Aeroporto de Viracopos, havia o cinza dos prédios do Aeroporto ao fundo e dominando o primeiro plano o marrom-bege da poeira constantemente levantada pelos tratores, o amarelo-marrom dos próprios tratores, o cinza dos alambrados também ligeiramente amarronzados pela terra sempre em suspensão, no ar. Também amarronzadas eram as folhas de um verde escuro-acinzentado das árvores de cerrado, em porções remanescentes de mata em meio ao descampado de pastos. Tudo plano. Ao andar por ali, como dos dois lados da Estrada a amplidão dominava, o horizonte aparecia e os olhos acabavam atraídos por pontos distantes, pelas vistas longínquas desnudadas. Com essa amplidão toda, o sol e o céu ganham um peso a mais sobre os ombros, densificam metade do olhar, são a metade da paisagem. O fato de não haver casas, sítios ou plantações e de ninguém passar nessa parte da Estrada se amalgama com essa amplidão.

Já a porção sudeste da Rua Cinco é diferente: os olhos não são atraídos pelo horizonte, pois o primeiro plano é denso e próximo, chamando a atenção, fazendo o olhar se ancorar na Estrada. Essa porção da via sai da Avenida José Amgarten, alça de acesso da Rodovia Santos Dumont em direção ao Aeroporto. A ligação desta avenida do Aeroporto com a Rodovia Santos Dumont é a forma mais utilizada de entrada na porção sudoeste do Aeroporto de Viracopos, onde se localiza a Linha.

Quando se sai da Rodovia Santos Dumont e se alcança a avenida, não é difícil notar a diferença entre a qualidade do asfalto, das sinalizações e mesmo dos *outdoors*: a avenida é flagrantemente melhor mantida do que a rodovia. A pista asfalta parece sempre brilhante, com as cores das linhas pintadas no chão reluzentes de novas. Em suas margens o verde das árvores, gramas e arbustos são agradáveis, adornando a avenida. Dos dois lados, esses adornantes verdes são barreiras visuais: de um lado escondem as fazendas, a Estrada que leva

⁴¹Esta é mais famosa das estradas da área. Ao longo dela estão bairros com chácaras e sítios mais sofisticados, tudo muito próximo de uma paisagem urbana; além disso, há nela alguns pesqueiros que são bastante frequentados por pessoas de fora, aos finais de semana.

à Linha e outros bairros da região; do outro lado, os verdes adornantes escondem partes do terreno do Aeroporto. Essas barreiras visuais nas margens dessa reluzente avenida dão a impressão de que Viracopos está localizado no meio de um enorme verde, de uma mata desabitada. Ao passar por essa avenida e não ver rastro nenhum da Linha ou do caminho para ela, dos outros bairros, das pessoas que vivem por detrás das barreiras visuais verdes, essa invisibilidade me fazia pensar: quem se importa com aquilo que não vê?

Ao fim dessa avenida, há um balão que oferece dois caminhos: um para entrar em Viracopos, bem sinalizado com placas; junto ao segundo caminho não há placa nenhuma, se alguém que não conhece a área entra nesse caminho, não sabe onde ele vai chegar.

Pegando esse segundo caminho (passando por sob o viaduto que se configura a nova saída do Aeroporto), passa-se por uma paisagem dominada por empresas e estacionamentos; logo, chega-se a outro balão e lá sim há uma placa marrom (ou seja, de turismo) indicando o caminho para o bairro rural Nova Friburgo. O único caminho para sair deste balão que não seja ir até as empresas, é uma descida. Ao final da descida há uma curva de 90° e, nesta, acaba o asfalto e começa a estrada de terra e: tudo muda.

Estrada de terra estreita, com as duas margens com desníveis de um metro ou mais; de uma só vez os prédios cinza das empresas são substituídos por vegetação. Cercas ou alambrados dos dois lados, atrás das cercas, às vezes há pastos, mas predominam árvores (com faixas de cerrado, cerradão, mata atlântica). Chama a atenção a composição constante: terra amarela, estrada estreita, cerca simples, moitas, cerrado, o pó de terra sobre as plantas abegando o verde. Esta é a porção sudeste da Rua Cinco; após, aproximadamente, dois quilômetros, essa via encontra a porção nordeste da Rua Cinco e ambas se tornam uma estrada só.

Para os moradores da Linha ou, no geral, para os moradores dos bairros dessa porção sudoeste de Viracopos, a Estrada é fundamental na medida em que, como já mencionado, na área não há equipamentos (públicos ou privados) para atender quem ali vive. Para ir ao mercado, ao médico, ao centro da cidade, às igrejas, à escola, passear, viajar é preciso, sempre, pegar essa mesma estrada. A possibilidade de se ligar a outros lugares se faz fundamental para quem mora ali (Figura 4).

Na união entre as duas porções da Rua Cinco há uma espécie de pequeno quarteirão triangular. Nesse triângulo, há casas, um tanto cacofônicas (como boa parte de casas pela Estrada): feitas de diferentes materiais, com tamanhos e formatos não padronizados. Cacofônicas, pois, dada a reunião de diferentes materiais dos quais são feitas, formatos e objetos diferentes entre si, é difícil classificar ou compreender que atividades são realizadas

ali (se só moradia tal como uma casa urbana, se é sítio e moradia, se é pequeno haras ou apoio a haras maiores, ou se é tudo isso, junto). Galinhas ficam no meio da via, perto da entrada das casas (calçadas não há). A Estrada continua de terra e vai descendo, às vezes levemente, às vezes com declividade mais acentuada. As árvores, em diversos pontos da Estrada, formam abóbodas, cobrindo o céu e, aqui e ali, é possível ver entre elas, uma ou duas casas

cacofônicas, com suas frentes voltadas para a via de terra. A Estrada segue até o fundo do vale do Ribeirão Capivari-Mirim; após este, que se faz limite entre Campinas e Indaiatuba, a estrada passa a ser asfaltada e ganha o nome de Rodovia Eng.º Paulo de Tarso Souza Martins.

De um modo geral, a circulação de veículos pela Estrada é baixa; são raros os momentos em que passa alguém ou nenhum tipo de veículo. Quem e quais veículos passam depende da parte da Estrada.

A porção nordeste é a porção menos movimentada, os veículos são mais raros e não se observa pessoas a pé andando por ela. No geral, o que há, são três tipos de veículos que passam por ali. Primeiro, os poucos carros e caminhonetes que passam muito de vez em quando, se dirigem aos sítios e fazendas perto da Estrada do Fogueteiro; se um desses veículos passam, não é difícil, depois, vê-lo estacionado no interior das propriedades, às margens das estradas. Nesta porção da Rua Cinco passam também os ônibus escolares que recolhem e trazem as crianças que estudam, todas, fora dali (houvera só uma escola pública, perto do Aeroporto, mas esta fora desativada em 2014). O terceiro tipo de veículo são alguns caminhões carregando terra nas proximidades das obras do Aeroporto.

Por outro lado, a partir da porção sudeste (vindo da Avenida José Amgarten) indo até Indaiatuba, o movimento na Estrada é constituído por outros tipos de veículos e de dinâmicas. Existe o movimento de veículos “estrangeiros” à área e veículos internos. Dentre os estrangeiros, há os veículos (carros de passeio, caminhonetes e caminhões) a serviço de empresas e indústrias que, ao passarem por ali ao invés de seguirem para Indaiatuba via Rod. Santos Dumont, não precisam pagar pedágio. Em horário de almoço, é possível ver um ou outros desses carros comerciais estacionados na Estrada junto ao Restaurante da Linha. É interessante atentar que, com o projeto de expansão de Viracopos, outro veículo passou a circular, a caminhonete que faz a segurança patrimonial do Aeroporto: os funcionários verificam se não há pessoas habitando em terrenos já desapropriados. Aos finais de semana, os carros das pessoas que alugam as chácaras percorrem a Estrada, a Linha.

Figura 4. Linha em detalhe



Dentre os veículos que podemos chamar de internos à Estrada e à Linha há os ônibus escolares, assim como os caminhões pipas, que vêm abastecer com água as casas onde os poços não são tão bons. Cada vez mais raro, desde o início da ampliação do Aeroporto, há o ônibus circular de Campinas, cujo ponto final é dentro da Linha. Os moradores da Linha também chegam em seus carros, no geral pequenos veículos de passeio, se movendo com um ritmo particular (lento, observando os passantes a pé, os outros veículos, se cumprimentando), pela Estrada. Há também motos entres os moradores.

Além dos veículos automotores, por essa parte da Estrada é possível observar pessoas que se locomovem em charretes ou a cavalo. E há, sempre, as pessoas a pé, raramente andando sozinhas, sempre em duplas ou trios, subindo ou descendo a Estrada.

Apesar dessa miríade de pessoas que passam, em diferentes tipos de veículos ou a pé, há vários momentos em que não passa ninguém na Estrada. E sua dinâmica é tal que, qualquer veículo ou pessoa que destoe desses padrões de uso da Estrada chamam atenção dos moradores, podendo virar tema de conversa rapidamente.

A Estrada tem uma ponte sobre a linha de trem. Difícil notar que é uma ponte: a terra acumulada cobre o chão de cimento da ponte, não diferenciando-o do restante do chão de terra batida da estrada. As muretas da ponte são baixas e de cimento, mas a cor do cimento deu lugar à cor da terra também, o que confere uma relação orgânica entre ponte e Estrada.

Diferente das pontes sobre rios, em que o vão do leito do rio chama atenção, o leito de pedras dos trilhos é estreito e a mata em suas margens, com as grandes copas das árvores, preenchem o vão lá embaixo e ele já não parece tanto um vão. É preciso estar bem atento para perceber que se está passando por uma larga, mas curta ponte. Logo após a ponte, há a área arredondada de chão de terra batida, com casas urbanas no perímetro; também aqui é preciso estar atento para perceber que o que parece um pátio de terra é o começo da rua que dá entrada à Linha. Logo no começo dessa rua que se desmembra da Estrada, ali, sob as árvores, tem uma lixeira.

É uma lixeira feita de madeira, uma lixeira bem grande: larga, com pernas bem compridas. A madeira possui uma pintura vermelha, seca e descascada, sugerindo o quão antiga é a lixeira.

* * *

Parar para conversar com alguém, ali na rua principal da Linha, próximo à entrada do bairro, é uma oportunidade de ver o contínuo circular de pessoas e veículos tanto pela Estrada

quanto desta em direção à Linha. Se ficar parado muito tempo, vai ver as mesmas pessoas que foram, voltarem; as que chegaram separadas, saírem, depois, juntas; alguém chegar de moto, mas depois, passar de novo, só que a pé. Enquanto estava ali, perto da lixeira com um antigo morador da Linha, Seo João, um outro homem mais novo, por volta dos seus cinquenta anos, parou um pouco para trocar umas palavras.

Em dado momento, o homem mais novo deu uma batida na lixeira e, de um jeito simpático, comentou que a reformou, consertando uma coisinha ali, outra aqui, disse que tinha umas tábuas que estavam caindo e tal. Seo João exclamou, sorrindo, que isso era bom, que ela estava precisando e logo se pôs a pedir desculpas por não ter ajudado, pois estivera doente, por isso não estava por ali e não pôde ajudar na reforma. O homem enfatizou que, não, que não precisava se desculpar, que só comentava por comentar e, em meio a isso, Seo João avisou: “mas eu coloco minhas sacolas de lixo arrumadinhas aí viu? Fechadinhas. Eu até dou um nó a mais nas outras sacolas que ficam aí”. O homem concordou, rindo.

Continuando a conversa, logo Seo João comentou meio desanimado que havia um gato abrindo todas as sacolas de lixo. O homem mais novo riu e disse de um jeito maroto, enfatizando a conjugação do verbo no passado: “**Tinha** um gato... Não tem mais, o cachorro pegou” e com o queixo apontou um grande e bonito cachorro branco (meio bege de terra) sentado tranquila e inocentemente perto de nós. Seo João chama o cachorro de “Grandão”, eu havia já perguntado se o cachorro era dele, ele disse que não, que era de ninguém, que era um cachorro que ficava solto ali e que era comum pessoas que não queriam mais seus gatos e cachorros irem para ali e os abandonar na Estrada. Lembro de ter perguntado, espantada, sobre como então o cachorro se alimentava; Seo João respondeu sorrindo que ele comia o que achava, caçava.

Seo João arregalou os olhos, de um jeito surpreso e risonho, indagando se realmente o Grandão tinha matado o gato. O homem respondeu, também meio rindo, que sim, que achara o gato “todo destroçado” lá embaixo (apontou com a mão para algum ponto vago, em direção ao fundo do vale) e enfatizou que “ele [o Grandão] mata mesmo”. Logo, um pouco desanimado, Seo João disse que isso não adiantava muito, pois determinada pessoa ali tinha dezenas de gatos no quintal, o homem mais novo concordou e disse que sim, que todos os gatos por ali eram dela e seguiram comentando sobre os gatos ali pelo bairro. Eles fizeram questão de me mostrar, dali onde estávamos, a casa onde havia uma multidão de gatos.

Minha sensação é de que mesmo que não haja esquinas feitas por ruas que se encontram, as pessoas ali se fazem esquinas: um ponto de reunião de dois caminhos, ponto de

encontro. E nos encontros, nesse ser-esquina, vivem intersubjetivamente o lugar, desdobrando-o, desdobrando-se. Desdobrando-o-se.

Sobre estradas, ainda, Bollnow coloca que nossas casas são ponto-zero a partir do qual vivemos e sentimos o mundo e, logo, um centro em função do qual nossa vida se polariza. Discutindo o par casa urbana e rodovia, o filósofo afirma que ao entrar na estrada nós saímos do espaço polarizado pela nossa casa para entrar em um espaço excêntrico, a estrada:

É o que acontece quando eu deixo a própria casa e me lanço numa estrada (ou, de modo mais claro, quando eu, dentro de um veículo, me lanço à estrada, ou quando tomo a estrada de ferro): eu me ligo a uma rede de estradas e caminhos que não mais é referida à minha casa como centro. Entro em um outro espaço, supra-individual, cujo ponto central pode ser um centro de trânsito, ou um centro próprio – que não é meu centro (BOLLNOW, 2008, p. 110)

Na Linha é o contrário. A estrada não é parte de um espaço excêntrico, ela é justamente, parte do espaço polarizado pela casa. Ainda que seja conexão para outro lugar, essa via não é só para passagem, ela é também centro.

Ao conversar com os moradores da Linha, tem-se a impressão de que há algo de irresistível ou irrecusável na Estrada, pois cada pessoa ou veículo que passa pela Estrada lhes atrai o olhar. Só o barulho ao longe, de uma charrete ou carro vindo, já os faz esboçar um discretíssimo gesto de atenção à pista, a quem ou ao que passa. Quando o que está vindo se revela algo bastante conhecido (como um vizinho em sua moto), merece só uma rápida olhadela, se for algum amigo, a pé, então se faz oportunidade de alguns dedos de conversa. Se é um veículo diferente daqueles que habitualmente passam, a pessoa interrompe a conversa por alguns segundos, o tempo de acompanhar atentamente a passagem do veículo. Passagem que, dado a Estrada dificultar altas velocidades, permite que se dê uma boa olhada no rosto dos ocupantes do veículo. De qualquer forma, os olhares-corpos estão sempre atentos à Estrada, ao cotidiano da Estrada. Embora sejam os olhos os protagonistas dessa atenção à Estrada, essa atenção é realizada pelo corpo todo (ou, dito de outra forma, por todo o corpo-lugar).

Há o “Restaurante da Linha”, comida caseira, lugar simples (um dos raros serviços dali). Se ficar sentado no Restaurante, é possível (vi)ver esse cotidiano. Logo após o meio-dia, tem-seas crianças arrumadas indo para um dos lugares da Estrada onde o ônibus escolar as busca; os trabalhadores de determinada empresa da região almoçando ali, no restaurante, conversando e um mostrando para os outros vídeos no celular, o carro da empresa estacionado ali, no canto da Estrada. No mesmo horário, um homem que trabalha em uma empresa, provavelmente junto ao Aeroporto, sai de uma das casas cacofônicas à beira da Estrada, já

com o uniforme do trabalho. E ele põe-se a andar num ritmo compassado e seguro, Estrada acima. Ali, no Restaurante, é um bom lugar para ver as pessoas circularem pela estrada.

Se você passar a circular pela Estrada e pelas ruas da Linha, a pé, como os moradores, rapidamente se vê mergulhando no cotidiano deste lugar. Ao circular, vai encontrando outros, que vão circular ou na mesma direção (mas, talvez, em outra velocidade) ou na direção contrária. Encontra-se João que saiu de sua casa a cavalo e vai a fazenda do patrão passar remédio nos bois; encontra-se a moça bonita que vem deixar no Restaurante a revista de compras por catálogo que ela havia pegado ali, alguns dias atrás; encontra-se o homem que vai pescar ali por perto, as filhas de não sei quem que estão indo resolver um problema não sei onde; encontra-se o veículo “estrangeiro”, de uma empresa, cujo motorista queria falar com o dono de um bar, mas que não acha mais o bar de jeito nenhum (e é interessante lembrar que o bairro tem apenas quatro ruas). Foi preciso avisá-lo que o bar que ele procurava deixara de existir, pois o dono entregara as chaves para a Infraero e o bar fora demolido. Pela única estrada, diversos encontros.

Bollnow (2008, p. 110) comenta o que é sair do espaço da casa e entrar na estrada para transitar: “O indivíduo, ao confiar-se à rua, é tomado por esse trânsito, é por ele absorvido. Se em casa ele era indivíduo, na rua se torna anônimo”. Ao morar na Linha o que ocorre é justamente o contrário. A conjunção entre haver apenas quatro ruas de bairro associadas a elas, uma única Estrada pela qual transitar, a atração de seus-nossos olhos pelo que acontece na via e o sempre encontro com o outro faz com que ser absorvido pela rua se configure, justamente, dificuldade de ser anônimo. E digo seus-nossos olhos porque também eu vivi (intersubjetividade) a atração pela Estrada.

Nessa dinâmica de difícil anonimato, é comum reencontrar as mesmas pessoas em lugares e horários diferentes, mas ainda assim, na mesma Estrada ou nas poucas ruas da Linha. Neste contexto, cumprimentar o outro (esse ritual de reconhecimento da presença e de abertura a essa outra presença) é, relativamente, mais comum do que na área urbana, com suas milhares de ruas, eu diria.

Quando Bollnow (2008) discorre sobre o homem na estrada, enfatiza, também, a função pela qual esta foi construída: ligar lugares. Por isso é que ele afirma que na estrada só um comportamento tem sentido, o ir à diante:

Para os lados, o viajante pode mover-se somente pouco, o tanto necessário para desviar de quem vem no outro sentido, ou para permitir a ultrapassagem. Se quisesse ir mais para o lado, deveria descer e deixar seu veículo. E ir para trás significaria regressar. Isso suspenderia o sentido do caminho. A direção à diante é a que resta, e para ela serve a estrada. Há nela

somente um comportamento sensato: ir para frente e cada vez mais para frente, até chegar ao destino (BOLLNOW, 2008, p. 113)

Talvez por viver a maior parte das estradas dessa forma é que alguém que ande pela primeira vez pela Linha e pela via que leva até ela, pode estranhar o que é um hábito ali: ao se encontrar com alguém e parar para conversar, esse parar pode se dar tranquilamente quase no meio da Estrada. Os encontros podem ser díspares: alguém a pé e o outro a cavalo, ou alguém a cavalo e o outro de carro e assim por diante. A diferença de meios de transporte não impede a pausa no caminho e a troca de algumas palavras ou conversas mais longas, sérias ou inconsequentes, soturnas ou animadas. Se o encontro se dá quase no meio da rua ou da Estrada, não há problema nenhum: é comum que nesses casos, os veículos, que por ventura passem, se desviem. É comum também que os ocupantes do veículo que passa conheça aqueles no meio da rua e parem para trocar umas palavras também, de dentro mesmo do carro ligado, parado no meio da Estrada.

Como comentado, a única construção comercial da Estrada é o Restaurante da Linha. A placa do Restaurante é pintada à mão, posta bem na entrada, nos portões que parecem sempre abertos. O Restaurante nunca está lotado, quando muito, há quatro, seis pessoas almoçando ali. Localizado pouco antes da ponte, na área entre a Estrada e a linha do trem lá embaixo, o Restaurante está numa espécie de quintal: há, no terreno alambrado onde ele está, umas quatro casas. Uma é o próprio restaurante, ou antes, a cozinha dele; a área de refeição fica do lado dessa casa, com um teto de brasilit puxado sobre o quintal de chão de cimento. Há umas quatro ou cinco mesas, várias cadeiras, uma televisão no alto e ao canto, junto à casa onde está a cozinha, fica o balcão, que faz as vezes de um bar também. Há, meio obliterada pelo Restaurante uma casa mais ao canto, que parece ser um antigo bar e outra meio escondida, na parte de cima do terreno, meio atrás do restaurante. Do lado contrário da Estrada, logo em frente ao Restaurante, tem uma construção pequena e quadrada, rodeada por alambrado, há um cão, mas dado o tanto de tigelas e outras coisas, parece que ali é lugar onde podem ficar outros animais também. As árvores frondosas, altas, dominam as margens da estrada de terra, estão ao redor do restaurante, do canil, sombreando os lados da via. O terreno do Restaurante é todo ladeado por um alambrado, logo, todo visível da Estrada e a Estrada está toda ali, eu diria, dentro do Restaurante. Quem circula pela Estrada vê o que acontece dentro do Restaurante, quem está nele tem como ambiência a Estrada, o circular.

A fronteira entre a Estrada e o Restaurante é deveras fluida, porosa. Ou, a partir da perspectiva do cotidiano corporalmente vivido, antes do que falar de uma fronteira entre um ponto (Restaurante) e uma linha (Estrada), é preferível dizer que não há fronteiras, há apenas

uma outramodulação de um mesmo movimento: o circular. Circula-se pela Estrada, subindo-a, descendo-a, a pé, de moto, carro ou cavalo e ao passar pelo Restaurante, circulando-se pela Estrada, a cabeça se vira levemente (sem que a consciência desperta ordene esse movimento) e o olhar circula Restaurante (observando quem ali está, o que se faz). Ou, ainda, ao circular pela Estrada fazer o semicírculo dentro do Restaurante: sair da Estrada para entrar rapidinho ali (tomar uma pinga, trocar palavras, buscar algo, avisar qualquer coisa) e depois continuar seu caminho. Circular pelo Restaurante faz parte do circular pela Estrada.

Eu almoçava no Restaurante da Linha, quando passava o dia fazendo trabalho de campo lá. Não me lembro quando, mas com o tempo passou a ser um costume, ali, no Restaurante, perguntarem aonde eu tinha ido andar, explorar, daquela vez. E mesmo, perguntarem, explicitamente, sobre como andava o processo de desapropriação em outros bairros da região. Foi então que me vi já mergulhada no circular pela Estrada e compreendi que é um circular-circulando informações. O circular pela Estrada é indissociável do ser esquina, de um circular novidades.

Um outro dia, em que eu comentava com moradores da Linha meu desejo de andar pela linha do trem, tal como há pessoas dali que o fazem, me alertaram que era melhor não. Imagine, mulher, sozinha, andando pela linha; ainda mais eu, que já estava manjada; podia ter gente mal-intencionada esperando a oportunidade de me abordar. Devo ter feito uma expressão de surpresa nesse momento, pois me confirmaram: “Sim, você já está manjada. Indo pra lá e pra cá, você e seu carrinho já estão manjados”.

Eu percorri a Estrada, às vezes a pé, às vezes de carro, circulei-circulando e, nesse ínterim, também fui circulada: fui tema de conversa, debates, trocas de informações. Fui, eu-mesma, desdobramento de mundo, desde dentro do campo de presença de seus corpos-lugar.

4.3 Descentramento de si, centramento de um nós

Cada pessoa uma vida, um corpo fenomenal, uma relação com um lugar, uma forma de viver as mudanças do lugar. Mas, cada pessoa sente e comunica (se); mesmo que não quera; e esse sentir e comunicar faz de cada um de nós intersubjetivos.

Intersubjetividade designa o fato de que a subjetividade, em verdade, se faz no encontro entre subjetividades e, como discutimos anteriormente, esse encontro de subjetividades se dá pelo corpo fenomenal em contato com outros corpos e com o mundo. No encontro com o outro se perfaz nossa vida intersubjetiva e o encontro com o outro não é no

vazio, num vácuo. Em Mourenx e na Linha, respectivamente, a Feira e a Estrada são os pivôs desse encontro ou, o corpo da intersubjetividade: concretude de ser-com.

O lugar enquanto pivô do por-em-presença já foi discutido nos estudos de lugar. Ligia Saramago, comenta como Heidegger reflete a relação entre sentido e lugar:

[...] cada coisa ganha seu sentido apenas a partir da **conjuntura** em que a encontramos e jamais a partir de si mesma, tomada isoladamente. Não é difícil perceber portanto a profunda conexão entre os sentidos das coisas e seu lugar próprio (ou entre **sentido e lugar**). (SARAMAGO, 2012, p. 195 – grifos da autora)

Nada existe fora de um lugar e o lugar é essa conjuntura, feita de coisas, corpos fenomenais e inter-relações de diferentes tipos e direções entre tudo. Dessa forma, os sentidos das coisas, das situações, de nós mesmos, dos outros, está estritamente ligado com o lugar. Da mesma forma, pensando lugar enquanto circunstancialidade, Marandola Jr. (2012b, p. 234) afirma:

O ser se constitui, portanto, por essa circunstancialidade [lugar] composta pelos entes (as coisas do mundo) e os seres, os quais se dispõem de determinada maneira relacional. [...] Somos em relação aos objetos, às pessoas, a nós mesmos, sempre em dado espaço temporalizado.

E, dado essa maneira relacional de ser, pela Feira e pela Estrada é que o corpo-lugar, eventualmente, se faz intersubjetivo. Eventualmente porque os encontros são eventos, fatos intramundanos que pertencem aos lugares, que constituem sua ipseidade (aquilo que os faz únicos). A ipseidade do corpo-lugar, logo, não é algo estático, e sim o que advém dos fatos intramundanos, dos encontros, do **corriqueiro mudar**. Enquanto na Linha esses eventos são mais corriqueiros, em Mourenx os encontros ocorrem tradicionalmente nas manhãs de quarta e sábado. Na Linha, os encontros são compulsórios, desde que se saia de casa para fazer qualquer coisa, já se está na Estrada e se está fadado a encontrar alguém; já em Mourenx, ir à Feira e encontrar o outro é, de certa maneira, uma escolha (uma rendição a um convite do lugar).

Talvez os mourenxois escolham ir à Feira porque há, muitas vezes, uma alegria em se comunicar com o outro, um algo irresistível (como quando ficamos empolgados com a expectativa de contar uma boa notícia para alguém, partilhar uma novidade). É como se a alegria do outro, quando comunico a notícia, redobrasse minha própria felicidade, ampliando-a. A, não só, alegria de uma novidade que gostamos de comunicar, de compartilhar, mas também a braveza com algo, a percepção de uma mudança, ou a opinião sobre um tema. Há essa amplificação de nossos próprios sentimentos quando os comunicamos, mas, também, pode haver diversificação, tempero, descentramento.

Posso também sentir, tecer opiniões, ter informações, porém, o encontro com o outro pode presentificar perspectivas diferentes das que eu tinha, ou negar o que eu pensava ser o correto (descentramento de mim). Eu tenho certeza do que sinto, penso e acho e o outro vem, disposto a destruir minha certeza, pois a minha certeza ameaça a sua própria. Entretanto, esse outro, que vive e pensa o contrário de mim, não é necessariamente vivido como uma negação de minha perspectiva:

[...] os pensamentos de outrem certamente são pensamentos seus, não sou eu quem os forma, embora eu os apreenda assim que nasçam ou que eu os antecipe, e mesmo a objeção que o interlocutor me faz me arranca pensamentos que eu não sabia possuir, de forma que, se eu lhe empresto pensamentos, em troca ele me faz pensar (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 475)

Merleau-Ponty toca, nessa passagem, no fato de que mesmo que o outro pense o contrário do que eu penso, eu posso conseguir antecipar o que ele vai dizer e isso só mostra essa partilha de mundo quesomos. Assim como, dialogar com o outro pode ser um momento de descobrir em mim pensamentos e lógicas antes não tão claros para mim mesmo. Assim, no encontro com o outro há tensão, negociação, informação, despertar de ideias, trocas de impressões, reforço de sensação, dúvidas, decisões tomadas, debate sobre decisões.

Rabelo (2008) atenta que a discussão de Merleau-Ponty sobre o outro direciona para uma questão específica: a de que o descentramento de si tem como contrapartida uma sociabilidade primária (o centramento de um nós, eu diria).

A reflexão sobre o corpo produz assim um descentramento do sujeito [...]. Ao mesmo tempo enfatiza a cumplicidade operante entre corpo e mundo, não apenas expondo a presença do mundo e do “outro” no fundo da própria subjetividade, como também revelando a sociabilidade enquanto condição existencial que funda qualquer processo de subjetivação. Minha existência encarnada se tece sob o horizonte de existência do outro, nos seus gestos descubro minhas intenções. Através de nossos corpos, nossas ações entrecruzam-se, referem-se mutuamente e por vezes adquirem uma fluência ou um ritmo que nos configura enquanto um nós, sujeito coletivo de práticas e discursos. Habitamos um mundo comum e é dessa sociabilidade primária que posso surgir enquanto sujeito [...] (RABELO, 2008, p. 110)

O que gostaríamos de ressaltar aqui é que graças a essa sociabilidade primária, que se realiza pelo por-em-presença da Estrada e da Feira, é que podemos compreender que os eventos atingem, ao mesmo tempo, de forma distinta cada corpo-lugar e de forma intersubjetiva todo o corpo-lugar. Cada um sofre, vive e lida com as mudanças à sua maneira, mas esta maneira se amalgama às outras maneiras, às outras vivências, aos outros corpos-lugares, num descentramento de si, numa abertura de mundo e num centramento de um nós: ao mesmo tempo.

CAPÍTULO 5.

ESTRADAMENTE GOVERNAR, CENTRALMENTE SE APRUMAR

Neste capítulo, retomando o sentido eventual do desmonte para os corpos-lugares, destacamos como junto às sínteses lugar-corpóreas se traçam estratégias e engajamentos tácitos. Movimento que consubstancia uma política encarnada enquanto componente da resiliência dos corpos-lugares.

5.10 evento do desmonte: lugar de onde partir

De formas bem diferentes, os eventos que transtornam a ipseidade tanto a Linha quanto Mourenx fazem de ambos lugares de onde partir. Ainda que as razões de partir sejam diversas, ainda que as forças que solicitam esse partir operem de maneiras e intensidades bastante distintas, a partir é a própria concreção da ameaça à existência dos corpos-lugares. Mas, que é, finalmente, esse partir? Como o ter de partir se alastra pelos corpos, lugares, dias? Como essa sensação de ser lugar de onde partir se perfaz?

A Linha se tornou lugar de onde partir de duas maneiras. Primeiro, pela compulsoriedade da desapropriação; segundo, estreitamente ligada à primeira maneira, pela dificuldade do cotidiano dos corpos-lugar

A obrigatoriedade de partir veio do processo de desapropriação para a ampliação de Viracopos. A partir do decreto que tornou públicas as terras a sudoeste do aeroporto. Assim, do ponto de vista legal, a saída da Linha não seria uma opção. O único fator negociável, no caso de quem detinha a escritura de seus terrenos, seria o do preço que o poder público teria que pagar pelo terreno; para aqueles que não detinham a escritura, a pressão para deixar a

residência era maior, cabendo ao poder público promover acesso a outra moradia nos conjuntos habitacionais populares da cidade.

E assim, a forma como o decreto se fez presente no/ao corpo-lugar veio transmutando. Como já comentado, primeiro apareceram os técnicos da Infraero; sumiram por volta de dois anos, mas retornaram. Depois de negociações, vieram as primeiras entregas de chave, as primeiras demolições. Depois, passou a surgir a caminhonete(enorme, preta) de segurança patrimonial da Infraero, passando devagar, fiscalizando para ter certeza de que os terrenos desapropriados não voltavam a ser invadidos. O Jardim Itaguaçu sumiu quase todo restando por volta de umas quatro casas em detrimento das dezenas que havia ali (as casas que restaram estão fora das quadras onde a maior parte das residências se concentravam). Casas na Estrada também foram demolidas e, no início, a demolição era uma espécie de espetáculo macabro; mas com o tempo, passou a ser mais uma informação trocada num encontro pela Estrada: “Você viu? Vão derrubar a casa do Zézinho hoje, lá em cima. Os trator já chegou, já”.Em um sítio de internet, cada morador podia conferir como andava o processo de negociação e pagamento de sua desapropriação. Muitos recorreram a advogados (ou ao advogado, dono de uma fazenda mais ao sul do aeroporto, que não queria ser desapropriado também).

A presença do decreto no corpo-lugar teve diferentes texturas: por algum tempo, os moradores que não queriam sair da Linha e dos arredores de jeito algum se uniram, no quintal da presidente da associação de moradores, onde funcionava a própria sede da associação, com benfeitorias (construídas com a contribuição dos moradores) para a realização das reuniões. Uma moradora da Linha destacou como a presidente da associação era contra a desapropriação e mobilizava as pessoas para lutar contra. No entanto, do dia para a noite, sem aviso, a presidente entregara suas chaves à Infraero, fora embora, sua casa (e junto as benfeitorias da associação) foram demolidas. Depois da presidente, muitos outros terminaram por também entregar as chaves e irem embora.

Entre aqueles que se negam a deixar suas casas, a negociar a desapropriação, o funcionário responsável pela desapropriação tornara-se uma figura comum. Ele fora descrito como uma espécie de carniceiro: passando várias vezes na semana pelas casas dessas pessoas, tentando convencer parentes (tal como filho, irmã) a convencer um ou outro proprietário a desistir logo da casa; ameaçando avançar com os tratores; realizando pressão psicológica; mentindo; fazendo acordos escusos. Um provocador, a andar agitado pelas (poucas) ruas da Linha, subindo, descendo, já conhecendo todo mundo pelo nome, tagarelando, provocando.

A presença da obrigação de ter de partir também teve a forma de um prédio. Fizeram um prédio novo junto ao Aeroporto, dentro dele, um andar com funcionários à disposição das pessoas a serem desapropriadas. Um prédio, novo, sólido que dizia que a desapropriação era nova, mas também sólida e tão permanente quanto o prédio construído. Quando os moradores falavam desse prédio, a impressão é de que o próprio prédio faz um jogo duplo: por um lado, o prédio está de portas abertas para receber os moradores, os funcionários prontos e abertos para ajudar em qualquer dúvida quanto à desapropriação; por outro lado, chegar pequeno e sozinho nessa sólida construção que se faz concentração (na forma de tijolos e móveis e internet e fios e paredes decoradas e computadores e funcionários) da racionalidade e da efetividade da desapropriação.

A segunda forma pela qual a Linha se tornou um lugar de onde partir foi pela dificuldade do cotidiano dos corpos-lugar. Essa dificuldade começou com o fechamento de uma parte da Estrada (junto à avenida que liga a Rodovia Santos Dumont ao Aeroporto), o que aumentou o caminho a ser percorrido para entrar na área sudoeste à Viracopos e, conseqüentemente, chegar à Linha. Junto com o fechamento da Estrada veio a mudança de itinerário do ônibus, mudança de horários.

Depois disso, a supressão da linha de ônibus que servia a região e a criação de uma outra, bem menos frequente e de percurso reduzido. Novas estratégias, horários, frequências, energia despendida para sair da Linha; era como se tivessem ilhado o corpo-lugar.

Com as obras no Aeroporto, a antiga escola que atendia as crianças dali deu lugar a um novo prédio de armazenamento de maquinário. Com isso, crianças tiveram de ser matriculadas em escolas do centro de Campinas. A filha pequena de uma moradora da Linha perdeu um ano escolar por conta de todo esse processo; ela reclama que o ônibus escolar que levaria as crianças para o centro da cidade não descia até a Linha e que a menina fora reprovada por falta. Comentou ainda que para ir para o centro de Campinas de manhã, no horário de pico, demora mais ou menos uma hora (o percurso de, normalmente uma hora, dobra de tempo por conta do tráfego da manhã); com a supressão da escola, todos são obrigados a acordar de madrugada para aprontar as crianças para ir ao centro.

Os moradores da Linha atentam também que a Estrada passou a não ser mais arrumada e nem tornada segura como era antes do processo de desapropriação. Disseram que a polícia passava bem menos por ali e que a quantidade de assaltos na Estrada tinha aumentado. O maquinário do poder público vinha regularmente terraplanar o terreno da via, comprimir a terra, fechar sulcos e buracos, garantindo a qualidade da estrada de terra; no entanto, essas máquinas vinham cada vez mais esporadicamente para ali. Quando chovia, a terra não

comprimida vira lama que dificulta a caminhada, atola os veículos e os buracos e sulcos se aprofundam com a força da água da chuva.

Não só maquinário passa cada vez mais raramente, mas também o caminhão-pipa pode atrasar um ou dois dias em relação ao habitual. A Linha não possui sistema de abastecimento de água, as residências possuem poços ou captam água de acordo com sistemas criados por eles próprios; aqueles que não tiveram a sorte de ter bons poços, que estão sempre cheios, dependem da vinda do caminhão-pipa da empresa de água e saneamento básico, que enche as caixas d'água. Também em relação à energia elétrica os moradores notam uma piora. Disseram que é comum que a energia caia, mas que geralmente, em poucas horas, a empresa de fornecimento de energia elétrica enviava funcionários. No entanto, ultimamente, desde que “tudo isso” havia começado, eles demoravam até dois dias para fazerem a energia elétrica voltar. Quando os moradores relatam os problemas, deixam entrever a sensação de um abandono geral, uma dificuldade proposital da vida, uma forma de expulsá-los dali; o corpo-Linha, um lugar de onde partir.

De Mourenx vários partiram.

Na década de 1980, a cidade vê sua população começar a diminuir. Os prédios do centro, os mesmos que conferiam um ar de futuro e modernidade, reluzentes, estavam se deteriorando a olhos vistos. Os apartamentos se degradavam internamente, os revestimentos se desfazendo, problemas na isolamento térmica; e externamente os prédios pareciam descamar, as pinturas estavam desbotadas. Quando moradores de Mourenx contam sobre essa deterioração dos edifícios, explicam que isso ocorreu porque a cidade planejada para durar 30 anos, mesmo tempo que durariam as reservas das jazidas de gás e, conseqüentemente, a presença das indústrias. Eu, particularmente, me perguntava quando ouvia essa explicação: Uma cidade com um fim programado anunciado? Seria isso: ao cabo de trinta anos, todos deveriam partir? Girard (2006), atenta às desventuras arquiteto-urbanas de Mourenx, aponta que essa deterioração ocorreu por conta da construção muito rápida e da pouca manutenção das construções.

Nesta década em que se fez visível uma deterioração de Mourenx, começaram também os programas de demissão que vão até o início da década de 1990. As pessoas partem. Partem porque o trabalho começa a rarear. Partem também porque não é possível ter ascensão imobiliária ali fora do ambiente das indústrias, com SCIC continuando a ser proprietária da maior parte dos imóveis da cidade. Partem porque, diz um morador, ninguém quer morar em um lugar deteriorado. A Feira, cada vez mais vazia, o centro cada vez menos mais vazio, as festas das associações e as próprias associações cada vez mais vazias. Não só as tintas

desbotadas e descamadas se tornam cada vez mais visíveis, mas também os ângulos retos dos edifícios, das praças, das calçadas, das muretas, dos bancos: as linhas retas que eram, antes, quebradas em cor e lineariedade pela presença das pessoas agora estavam ali, expostas, nuas em sua retinealidade.

Em um livro escrito no fim da década de 1980, por um ex-prefeito de Mourenx, é destacada a preocupação que recai sobre a cidade diante do anúncio, no início de 1988, da “morte de uma *ville nouvelle*” (é essa a expressão utilizada pelo jornal *Le Monde* que publicou a notícia), chamada Vaudreuil, localizada no norte do país (BLAZY, 1988). Vaudreuil, *ville nouvelle* feita para abrigar, também, trabalhadores (mas no intuito de descentralizar o crescimento populacional de sua região), desde sua criação, nunca foi ocupada a contento, as finanças (entre arrecadação de impostos e gastos) estavam cumulando o governo francês de dívidas, até que o próprio este acabou, por fim, decretando a falência da cidade e começando um processo de liquidação que duraria alguns anos⁴². O que aconteceu à Vaudreuil assustou, notadamente, porque a impossibilidade de “prosseguimento na ascensão imobiliária”⁴³ e a deterioração dos edifícios são imputados como as causas de um processo de esvaziamento da cidade na década de 1980; e este é exatamente o problema que Mourenx começou a enfrentar (BLAZY, 1988; PEAUCELLE; BRUNETON-GOVERNATORI, 1997). Os moradores atuais de Mourenx contam como é corriqueiro encontrar antigos moradores que atualmente residem nas cidades vizinhas. O movimento foi tão expressivo que uma moradora de Lahourcade (vilarejo ao lado de Mourenx) agradece à existência da *ville nouvelle*, pois, para ela, se não fosse essa migração de mourenxois em direção às cidades vizinhas, Lahourcade não existiria mais (PEAUCELLE; BRUNETON-GOVERNATORI, 1997).

Durante conversa com um ex-morador de Mourenx, que atualmente vive em Mourenx Bourg, ele narrou com orgulho como conseguira se tornar proprietário da bonita casa com grande jardim, contou também como a casa era antigamente e quais foram as reformas empreendidas por ele mesmo, sozinho. Quando estávamos na rua, falando sobre a vizinhança, ele apontou casa por casa da rua, classificando-as entre morador-proprietário e morador-locatário. Quando perguntado se não gostaria de viver novamente em Mourenx Ville (ele morara lá na década de 1980, com a família, nos apartamentos), ele enfatizou que não, não

⁴²“L'Etat renonce à l'expérience du Vaudreuil (Eure): la mort subite d'une ville nouvelle”, *Le Monde*, 2 de jan. 1988.

⁴³ No geral, o ideal imobiliário do francês é ser proprietário (o termo “ser proprietário é bastante empregado e quem “é proprietário” afirma-o com orgulho) de uma casa, unifamiliar, com quintal, jardim. Em Mourenx, morar em uma casa unifamiliar e com jardim era possível apenas para quem tinha alto cargo nas indústrias e, mesmo assim, foi apenas na década 1980, 1990 que a SCIC (*Société Centrale Immobilière de la Caisse des Dépôts* – órgão governamental responsável pelo investimento em habitação, ligado ao banco do estado) abriu mão da propriedade de alguns imóveis vendendo-os para locatários que tinham interesse em se tornar proprietários.

voltaria, porque lá era a *cit  * (termo que pode ser pejorativo, se referindo a uma área com pessoas pobres e problemas de delinq  ncia).

Contra seu auge de 12 mil habitantes, na década de 1980 esse número caiu para entre 9 e 10 mil habitantes. Na entrada da década de 1990, a cidade tinha aproximadamente 7.500. O censo de 2014 aponta que Mourenx contava com 6.653 habitantes⁴⁴ naquela data; aproximadamente, metade de pessoas que poderia abrigar.

Não só indústrias e habitantes partiram; as lojas têm também foram embora. Uma moradora sublinha que havia bastante lojas de roupas no centro, mas que elas partiram, não conseguiram sobreviver. Outra moradora comenta que não só em Mourenx há bastante lojas fechadas, mas também em cidades vizinhas como Artix (que também faz parte da Bacia de Lacq). Todos que comentam sobre a partida das lojas, lembram do lugar para onde partem agora, privilegiadamente, os mourenxois: o *Quartier Libre*, o grande shopping da região de Pau. Quando, em uma das conversas com um grupo de Mourenx foi comentado que era uma pena existir apenas um ônibus para Pau (  nibus que, por sinal, passa pelo *Quartier Libre*), uma mourenxoise exclamou que era melhor não haver mais ônibus, senão isso deixaria a cidade mais vazia ainda. E Mourenx se perfaz assim, senão um lugar de onde partir para sempre, lugar de onde partir por enquanto.

Uma pessoa que trabalha em Mourenx (mas, mora em Pau) atesta que a cidade tem, para alguns, a imagem de *cit  *, comentando que fora trabalhar em Mourenx imbuído de preconceitos (os mesmos que moradores de Pau têm em rela  o    cidade, ele deu a entender) que foram se desfazendo ao longo do tempo. Ele comenta sobre os jovens que ficam pelo centro, agrupados em esquinas, fazendo um pouco de algazarra; outros moradores comentam também um pouco sobre esses jovens. Os mourenxois fazem pouco caso dos jovens que vivem *agal  re*⁴⁵, dizendo que sempre houve um grupo ou outro assim. Para quem    de fora de Mourenx (mas que trabalha na cidade), esses jovens chamam mais aten  o; atestam que eles são uma espécie de baderneiros, fruto do desemprego que atinge toda a cidade. Na pesquisa de antropologia, relaciona a presença desses grupos de jovens não são ao desemprego, mas também    ausência de uma inicia  o na vida social adulta que consistia, em Mourenx

⁴⁴ Dados obtidos no arquivo “Fichier p  pulaire 6814” que reúne os totais de popula  o das comunas francesas desde 1968 até 2014; disponível no sítio internet do Insee (Institut Nationale de la Statistique et des   tudes   conomiques). <https://www.insee.fr/fr/information/2008354>

⁴⁵ Termo antigo para designar criminosos que tinham como pena serem remadores de galeras, navio movido a remo (LAROUSSE, 2010). Na linguagem corrente na França, designa jovens que andam em grupo, sem ter uma atividade formal que lhes ocupe o tempo, com ares de delinquentes, mas que, na maior parte dos casos, não são realmente (L  ROU, 1993).

Ville, em ter como primeiro emprego um trabalho nas indústrias, tais como seus pais e irmãos mais velhos (LAROU, 1993).

A dona de um pequeno restaurante em Mourenx, ao reclamar da falta de clientes, diz com firmeza que o problema é que não há emprego e que os jovens partiram, “há menos pessoas, menos! Os jovens, eles partiram. Não há jovens...” (“*il y a moins de monde, moins de monde. Les jeunes ils sont partis, il y a pas de jeunes*”). A professora da escola de ensino médio e técnico diz que ela nota pais e alunos que temem o futuro, porque ali não há emprego e os jovens terão de partir. Há alunos, não todos, ela enfatiza, que têm esse medo de ter de partir para cidades maiores como Bordeaux, Toulouse; e há os pais que têm medo de deixar o filho partir.

Há, na fala dos moradores de Mourenx, uma clara falha na aventura da cidade, um antes e depois bem marcado: quando havia as indústrias, cidade cheia, emprego para todos os homens; agora, uma cidade que, ainda que não falida como Vaudreuil, uma sombra do que já fora. Para essa mourenxoise que é professora do liceu e que viveu esse antes e depois da cidade, a diferença é bem clara, segundo ela, no início Mourenx era uma cidade a ser construída, mas, agora, era uma cidade de onde partir.

Um desmonte é acabar com algo, mas acabar aos poucos, acabar minando um elemento, depois outro, dificultar essas ou aquelas dinâmicas, depois mais outras, porém o todo permanece (ainda que cada vez mais manco, ou cada vez mais outro) ali. Acabar aos poucos: partem os empregos, mas ainda tem os prédios, as moradias, o seguro desemprego. Tiram a estrada e, depois, o ônibus, mas resta a Estrada, ainda que deteriorada. Os prédios deteriorados, o centro degradado, partem as pessoas, os moradores deixam Mourenx e vão povoar as cidades vizinhas, mais ainda se tem as Feiras, ainda se tem as festas (de sucesso dubio), o centro ainda se anima. Vão-se os vizinhos, ficam as casas demolidas, foram-se as lojas, vai-se ao *Quartier Libre* foi-se a associação de moradores, fica lama, as charretes, fica o bar vazio na Estrada, fica o bar vazio no Centro de Mourenx. Mas continuam a ser os mesmos (ainda que outros) bares. E, por fim, o limite do desmonte de um lugar é esse: que no soçobramento daquilo que ele é, que repercute em acúmulo e enovelamento (sínteses lugar-corpóreas), se delineia um lugar de onde partir.

A relação com esses desmontes do corpo-lugar são variadas, multifacetadas. Às vezes o acúmulo e o enovelamento podem pincelar nas coisas, nos gestos, no corpo o alívio que seria, finalmente, partir dali. Ou às vezes, o que dá forças para continuar no lugar é se agarrar a esses mesmos novos gestos, se apropriar deles ou ser por eles apropriados, pois a outra alternativa, que seria partir dali, figura na vida como algo impossível. É grande a miríade de

possibilidades do que fazer diante do desmonte do lugar, mas é inegável que ele afeta a todos que (carnalmente) o vivem. E na medida em que todos somos os lugares em que estamos, ter de partir do corpo-lugar é ter de partir de si.

* * *

Lugares não são estáticos. Lugares mudam, vivem mudanças, engendradas por eventos, eles são suas aventuras. Estes ao chegar aos lugares, provocam fissuras, curvas, pontos de inflexão nas aventuras dos lugares, temporalizando-os, se fazendo motor de suas histórias. Acompanhando as reflexões de Romano (1999) sobre evento, temos a oportunidade de não só constatar a mudança do lugar, mas de detalhar e refletir sobre como e quão a mudança transtorna e, nesse movimento, constitui o lugar.

Retomando, os eventos que temporalizam a aventura são os eventos no sentido eventual. Romano (1999) destaca que são quatro os traços fenomenológicos destes tipos de evento: (1) o transtornamento da ipseidade, sendo esta última aquilo que faz algo ser ele mesmo; (2) a instauração de um novo de mundo, pois um novo ou outro conjunto de valores e possíveis se fazem presentes; (3) a impossibilidade de sua datação, na medida em que não é exatamente no momento cronologicamente definido do evento que nos damos conta dele, mas sim, *a posteriori*; e (4) sua an-arquia constitutiva, que referencia o fato de que todo o transtornamento causado pelo evento tem origem apenas nele mesmo.

A partir da dimensão sensível, a ipseidade do corpo-lugar é seu estilo, oriundo da relação intersubjetiva entre corpos-fenomenais, coisas, fatos intramundanos, paisagens, ritmos. Estilo que é fortemente material e fortemente ideal, ao mesmo tempo (RABELO, 2008); e que se faz presente carnalmente, de um só golpe, quando se está corporalmente presente dentro do corpo-lugar, com suas paisagens, ambiências, ontologicamente indissociáveis das práticas subjetivas e intersubjetivas. O movimento generalizado de partidas de corpo-Mourenx (partida das lojas, dos moradores, das indústrias, dos jovens), assim como o acumulado de pequenas mudanças (negativas) que atravancam o cotidiano dos corpos-Linha, são, inegavelmente uma quebra do estilo dos corpos-lugares, de sua ipseidade, tanto quanto uma ameaça à sua existência.

E é nessa ameaça que reside uma das diferenças entre um fato intramundano e o evento no sentido eventual. Um fato intramundano seria uma mudança que pertencesse ao mundo desses lugares; já o desmonte, em sua marcha lenta, feita de acúmulos de mudanças e enovelamentos de sentidos, revela, subitamente, um corpo-lugar diferente, talvez mais

difícil de se viver (de ser), do qual seria plausível partir. Logo, o desmonte não é uma mudança pertencente ao mundo dos corpos-lugares, mas uma mudança que muda o mundo dos corpos-lugares.

Neste ponto é que está a instauração de um novo mundo, com seus novos valores e novos possíveis. Essa instauração se revela, sobretudo, na pergunta (ainda que não fortemente formulada) sobre o futuro; na reflexão que tenta projetar o que deve ser feito, visto que as certezas, valores e os possíveis que existiam antes foram postos em xeque pelo transtornamento da ipseidade do corpo-lugar. Nesse contexto, o corpo-Linha se vê perdendo casas, daqueles que finalmente (após negociações com o agente da Infraero, encontros com os outros, diálogos, debates, tentativas de cálculos de perdas e ganhos) decidiram entregar as chaves e partir. Em Mourenx, a antiga habitante já verbalizou a sensação da mudança de valores, de possíveis, a instauração do novo mundo: Mourenx que passou de cidade onde o futuro estava para ser construído para ser cidade de onde partir.

O outro traço fenomenológico, do evento no sentido eventual, é a impossível datação do evento; a impossibilidade de apontar a data ou momento exato do transtornamento da ipseidade e do mundo. Para Romano (1999) esse transtornamento só se faz claro quando aquele que vive o evento já está ali, embasbacado, dentro de sua própria ipseidade transtornada, em seu mundo que é, de repente, outro. Com o evento do desmonte não é diferente: subitamente ilha, inexplicavelmente vazio, por acúmulo e enovelamento de sentidos os corpos-lugares vivem a sensação de estar, ao mesmo tempo, no mesmo corpo-lugar e em outro corpo-lugar. Quando os corpos-Linha e corpos-Mourenx se deram conta do transtornamento de suas ipseidades, já estavam instalados no interior dela, vivendo-a.

E a impossibilidade da datação tem relação direta com o quarto traço fenomenológico do evento no sentido eventual: sua an-arquia constitutiva. Com esse termo, Romano (1999) quer destacar que a constituição do evento é an-arquica no sentido de não estar submetida a causas anteriores ao próprio evento. Ainda que as causas do fato (como a morte de um ente querido, após uma longa doença) sejam conhecidas e tenha sido prevista, não há, antes do acontecer do evento (do transtornamento da ipseidade, da instauração de um novo mundo) nenhuma possibilidade de prever como a morte do ente querido, então, dilacera e muda o sentido de tudo, de uma forma jamais imaginada, jamais prevista. Por isso Romano (1999) afirma que o transtornamento que é o evento só tem seu sentido, só tem suas causas (possíveis, compreensíveis) a partir do mundo que o próprio evento inaugurou. Pelo mesmo motivo é que a intensidade, amplitude e as texturas do evento (do transtornamento de si e de seu mundo) só são plenamente conhecidas por aquele que (carnalmente) o vive. É o que

Romano (1999, p. 87-88—grifos no original) comenta a partir de uma interessante passagem de um livro de Joseph Conrad:

É assim que, no romance de Joseph Conrad *The End of Tether*, se revela o sentido da decisão tomada por um capitão, que está envelhecendo, de vender seu veleiro agora ultrapassado, enfrentando concorrência com os barcos a vapor: “o que, para as outras partes, foi somente a venda de um navio, representava aos seus olhos um evento de primeira importância, que engendrava uma visão totalmente nova de existência. Ele sabia que depois deste navio, ele não teria nenhum outro; as esperanças da juventude, o exercício de suas competências, todos os sentimentos, todos os sucessos de sua maturidade tinham sido indissociavelmente ligados aos navios. Ele tinha servido em navios; ele tinha possuído navios; e mesmo os anos em que ele tinha sido efetivamente homem do mar aposentado tinham sido suportáveis pela ideia de que bastava estender uma mão cheia de dinheiro para comprar um navio. Ele tinha podido se permitir a ilusão de ser proprietário de todos os navios do mundo. A venda do *Fair Maid* tinha sido um negócio penível, mas quando o barco lhe escapou enfim, quando ele tinha assinado o último recibo, ele teve a impressão que todos os navios tinham, juntos, desaparecido do mundo, o deixando à costa de inacessíveis oceanos com setecentos livros entre as mãos.” Mesmo que seja tão esperado, em certo sentido, mesmo que seja tão explicável por seu contexto – a história econômica, a história das técnicas –, compreender isso sobre o que ele se volta aqui, com este evento, é compreender em qual sentido a decisão, uma vez tomada, suscita um colapso do mundo, agora enterrado inteiramente sob os escombros de um passado morto. **Sentido singular, indeclinável**, que reveste esta decisão, aberta unicamente a uma compreensão em primeira pessoa [...] (ROMANO, 1999, p. 87-88 —grifos no original)⁴⁶

É grande a miríade de sentimentos, opiniões, sensações, conscientes ou não em relação ao desmonte do corpo-lugar. Em sua an-arquia constitutiva, a intensidade, as nuances, a gravidade, os novos possíveis e valores abertos têm sentido somente na vivência lugar-corpórea evento.

O advir de eventos no sentido eventual é o que constitui a aventura (existência) do corpo-lugar e que orienta o processo de sua individuação (construção de si mesmo). Nesse

⁴⁶Tradução livre. No original : “C’est ainsi que, dans le roman de Joseph Conrad, *The End of Tether*, se révèle le sens de la décision prise par un capitaine vieillissant de vendre son voilier désormais concurrencé et surpassé par les bateaux à vapeur : ‘Ce qui, pour les autres parties, n’était que la vente d’un navire, représentait à ses yeux un événement de première importance, qui entraînait une vision totalement nouvelle de l’existence. Il savait qu’après ce navire, il n’y en aurait plus d’autre ; et les espérances de sa jeunesse, l’exercice de ses compétences, tout les sentiments, tout les succès de sa maturité avaient été indissolublement liés aux navires. Il avait servi sur des navires ; il avait possédé des navires ; et même les années où il avait été effectivement homme de mer en retrait avaient été rendues supportables par l’idée qu’il lui suffisait d’étendre une main pleine d’argent pour acheter un navire. Il avait pu se permettre l’illusion d’être propriétaire de tout les navires du monde. La vente du *Fair Maid* avait été une affaire pénible, mais lorsque le bateau lui échappa enfin, lorsqu’il eut signé le dernier reçu, il eut l’impression que tout les navires avaient ensemble diaprú du monde, le laissant sur la rive d’inaccessibles océans avec sept cents livre entre les mains.’ Aussi attendu soit-il, en un sens, aussi explicable soit-il par son contexte – l’histoire économique, l’histoire des techniques –, comprendre ce dont il retourne ici, avec cet événement, c’est comprendre en quel sens la décision, une fois prise, suscite l’effondrement d’un monde, désormais enfouit tout entier sous les décombres d’un passé mort. **Sens singulier, indéclinable**, que revêt cette décision, ouvert uniquement à une compréhension en première personne [...] ” (ROMANO, 1999, p. 87-88 —grifos no original).

movimento, para que o transtornamento da ipseidade não seja a narrativa do início do fim do corpo-lugar, é necessária a apropriação ou, antes, incorporação do evento a si, para que ele possa, então, fazer parte de sua aventura; e, assim, ser resiliente.

5.2 Centralmente se aprumar, estradamente governar

Em Mourenx, a incorporação do desmonte é feita no Centro e pelo Centro.

O protagonismo do Centro é um ponto forte de Mourenx. Ainda que, em comparação com as primeiras décadas da cidade, o centro seja hoje flagrantemente mais vazio, a vivência que ali se realiza é, antes que evidência de degenerância, uma expressão de que Mourenx mudou, mas que continua a ser a Mourenx, só que em outra parte de sua aventura.

Na pequena cidade o Centro é o *locus* privilegiado de convívio, mesmo em tempos em que as pessoas realizam muitas de suas atividades fora da cidade (indo ao *Quartier Libre* ou à Pau). Foi no Centro que o desmonte foi sentido intersubjetivamente; foi sentido no esvaziamento das atividades coletivas como a Feira ou as pequenas festas organizadas por associações, na forma do esvaziamento dos edifícios e da partida de lojas. E foi no Centro que a lida contra esse desmonte se fez presente, desde a década de 1980.

No ponto mais alto da cidade (onde ficam as casas antigamente reservadas aos engenheiros e executivos), que dá vista para três dos quatro sítios industriais e para toda Mourenx, há um mirante. Ali, há uma grande placa que explica os locais da cidade observáveis dali do mirante, assim como, apresenta a história de Mourenx. É uma história contada, sobretudo, na forma de surgimentos de problemas *versus* a maneira (vitoriosa) como a cidade lidou com eles. É destacada nesta história a participação da cidade em uma política pública nacional que concedeu verbas para que os municípios revitalizassem, no fim da década de 1980 e ao longo da década de 1990; o que garantiu a Mourenx a reforma de espaços públicos, edifícios residenciais e construção de novos equipamentos coletivos.

A historiadora Girard (2006) cita os vários trabalhos de reforma e embelezamento do Centro de Mourenx, os quais foram empreendidos como forma de lidar contra a deterioração e esvaziamento da cidade. Para a historiadora há proximidade entre o que pensa a população da cidade e as tomadas de decisão em relação às suas problemáticas, o que caracteriza para ela um “sistema decisional interno”: “[...] as decisões tomadas, certamente negociadas com a SCIC, levam em conta o ponto de vista dos habitantes das torres e barras, que são largamente

majoritários” (GIRARD, 2006, p. 106)⁴⁷. Dizemos que esse “sistema decisional interno” é, antes que uma política explicitamente adotada, uma política explicitamente (e corporalmente) já vivida.

Explicitamente vivida, porque a cidade é pequena, todos se conhecem. Aqueles que são políticos eleitos também são: vizinhos, tios de crianças brincando no parque, pais de alunos de uma das escolas, frequentadores da única Feira, da única igreja, do único açougue. E, se não se encontram em Mourenx, os habitantes da cidade acabam por se encontrar no *shopping* que os mourenxois frequentam, o *Quartier Libre* (aliás, que é o único *shopping* da região e, para o padrão de grandes cidades brasileiras, é um *shopping* pequeno).

A partida das indústrias, de pessoas, das lojas, a morosidade da cidade, a partida dos jovens surgiu na fala de diferentes conversantes, em diferentes situações, com diferentes corpos-Mourenx. Isso só reforça que o sistema decisional é interno porque a distância entre os tomadores de decisões oficiais (ligados à prefeitura do município) e a sociedade civil de Mourenx é curta; e essa distância entre estas duas instâncias seria dificilmente grande: quando se sai de casa, se não tem intenção de sair da cidade, só há uma única área de convívio, que reúne todos os espaços públicos, o Centro. Assim, por ele cada indivíduo sente o desmonte, nele cada um viu o processo de degradação dos edifícios, por ele cada indivíduo se encontra e se descentra comentando, discutindo, dialogando o desmonte com o outro. E, nesse ínterim, pelo Centro nasce a lida com o desmonte: um construir e se reconstruir, como em um movimento contínuo da cidade tentando se aprumar, se reequilibrar.

Entre fim de 2015 e início de 2016 foi possível acompanhar novas grandes obras de revitalização do Centro de Mourenx: a reforma da praça no vão central, abertura do Mix (mediateca), as reformas de uma antiga barra e a construção de novos edifícios de moradia, também junto ao vão central. Sendo os recursos para tanto conseguidos pelos políticos da cidade que travaram uma longa negociação com a proprietária da maior parte dos imóveis, a SCIC (lembrando que esta sociedade é responsável pelas políticas habitacionais do governo francês e ligada ao banco do estado); negociação onde ficou previsto a liberação de recursos anuais, até a década de 2020, para investimento no espaços públicos e habitações de Mourenx.

A praça reformada conta agora com um novo e enorme espelho d’água, bancos e árvores. Estas são não frondosas e possuem madeira clara, o que as faz se integrar aos tons (claros) de cinza dominante. O espelho d’água que percorre toda a praça termina em uma pequena cascata, onde a água some diretamente, no subterrâneo do centro. No lado da praça

⁴⁷Tradução livre. No original : “[...] les décisions prises, certes négociées avec la SCIC, tiennent compte du point de vue des habitants des tours et des barres, qui restent largement majoritaires” (GIRARD, 2006, p. 106).

que fica em frente ao Mix, há um sistema de iluminação novo: lâmpadas azuis estão distribuídas no chão. À noite, quando acesas, dão uma outra cor à praça e iluminam, também, o Mix.

O Mix é uma mediateca em um edifício inteiramente novo, grande, sofisticado e quadrado. As paredes dos dois lados mais compridos do prédio do Mix são inteiramente de vidro, nos seus dois andares. O edifício possui vários ambientes e fica exatamente no centro da cidade, no local do primeiro edifício que fora construído em Mourenx. A mediateca possui cinema (gratuito), um restaurante e café sofisticados (com anúncio de funcionamento nos sete dias da semana; o que realmente chama atenção, já que, mesmo em grandes cidades francesas, são bastante raros os serviços que funcionam no domingo), a biblioteca, videoteca, audioteca e ambientes para leitura, para escuta de CDs e sala para eventos, apresentações. A área com revistas e os jornais do dia, com seus bancos e mesas para lê-los está sempre frequentada.

Ao lado da prefeitura, uma barra foi esvaziada para reforma; além de renovação da fachada, dos isolamentos (acústico e térmico) e dos revestimentos, um elevador externo será acrescentado ao edifício. Do outro lado da rua, duas grandes guias marcam presença na construção de duas barras novas, de arquitetura sofisticada, balcões com portas de design moderno e portas-janelas grandes e de vidro.

Um morador de Mourenx, no meio de nossa conversa, revelou que era um *élu* (eleito) da cidade, o que corresponderia ao vereador municipal no Brasil. A partir desse ponto, ele passou a explicitar uma das principais preocupações da prefeitura: a de que os jovens estão partindo.

Ele explicou a recente conquista de Mourenx junto à SCIC, garantindo investimentos na cidade até a próxima década. Ele frisou a importância desse investimento, contando que em Mourenx, o jovem cresce, encontra uma namorada, consegue um emprego e resolve morar junto com ela. Mas quando vão procurar lugar para morar, em Mourenx encontram só apartamentos que já estragaram, que são velhos, onde ninguém quer residir. Então, os jovens acabam indo morar nas cidades das imediações. Ao explicar essa partida dos jovens, com gestos das mãos, ele desenhava no ar uma cidade que progressivamente murchava.

Ele mostrou os dois prédios novos, em construção, explicou a reforma do outro, comentou a verba gasta na revitalização recente. Enquanto andávamos e notávamos a qualidade da reforma e dos novos prédios ele ressaltava: “Vê como esse investimento é importante? Uma verdadeira vitória pra gente”. E ele continuou, falando mais baixo: “Se não conseguíssemos esse investimento...” e sua voz parou. Olhou para mim, os olhos um pouco arregalados, o rosto ligeiramente pasmo. Repetiu a frase: “Se não conseguíssemos esse

investimento...” e seu tom de voz era o de quem ia explicar, passo a passo, o que aconteceria caso não conseguissem o investimento. Mas, de novo, ele emudeceu bruscamente, me olhando boquiaberto.

Eu não sou ele. Eu não leio pensamentos. Mas o solipsismo não existe e eu sei o que aconteceu com ele. Ele tentou organizar a sequência lógica do que aconteceria a Mourenx se não conseguissem o investimento em habitação e, assim, os jovens continuassem a partir. Quando ele começou a pensar a sequência lógica, uma multitude de consequências, diferentes, porém integradas lhe vieram à mente: um emaranhado de problemas, indesejáveis e não facilmente articuláveis na fala, ali, espontaneamente. Ele abriu os dois braços, como se fosse tentar falar algo grandioso, mas os deixou cair pesadamente ao lado do corpo, num gesto de impotência. Ele levantou as sobrancelhas e, finalmente, disse: “Eu não consigo nem imaginar o que aconteceria caso não conseguíssemos esse investimento”. Mas, eu consigo dizer em uma frase o que ele imaginou, mas não conseguiu dizer: a cidade morreria.

* * *

Em Mourenx há um (re)construído Centro para se reequilibrar, para fazer frente ao esvaziamento. Já na Linha, a lida com o desmonte anda pela Estrada.

Lá, a Estrada não é só a via pela qual passar para sair e entrar do bairro, mas justamente por ser essa via e, mesmo, obrigatória, ela se faz campo de presença a partir do qual o desmonte é sentido, reverberado e manejado, tal como outras questões, assuntos e problemáticas do bairro. Por exemplo, o problema do lixo.

O caminhão de lixo não passa tão frequentemente ali quanto na cidade, tampouco ele percorre as ruas da Linha, recolhendo o lixo de cada casa. O caminhão de lixo para ali, na Estrada e recolhe o lixo que encontrar na grande lixeira, no começo da rua principal do bairro. Se os sacos de lixo ficam no chão, os bichos os abrem, os espalham, cachorros, ratos começam a ousadamente se postar ali, comendo o lixo, na frente de todos. O lixo revirado começa a feder, a juntar vermes. Os cheiros de putrefação atraem os urubus. Um pequeno caos se instala. E nenhum funcionário da empresa de limpeza urbana recolhe lixo aberto e remexido. O lixo passa a se acumular.

Para o bem comum, a coisa se resolve ali mesmo, entre os moradores. Um mutirão, grossos pedaços de madeira que sobravam na casa de alguém e pronto, uma grande e coletiva lixeira é feita. Alguém usa a tinta que sobrou da pintura de um muro e pinta-a também. Quem

passava e via a nova cor da lixeira, comentava alegremente a pequena surpresa, se perguntava quem havia pintado, dizia que tinha ficado bom, que dava uma cor na rua. Só a lixeira não basta mais. Uma moradora dera para juntar mais e mais gatos no quintal dela e alguns dos gatos abrem os sacos de lixo e o pequeno caos se instala: começam a juntar bichos, o lixo é espalhado, os vermes, a putrefação, sacos abertos que não são recolhidos, o lixo se acumula, alguém precisa juntar o lixo espalhado e lavar a lixeira. Alguém resolve lavar, chama mais duas pessoas para ajudar. Quem se encontra pela Estrada avisa o outro do que acontecera, conta dos gatos, diz que agora, o jeito (já que não se podia acabar com os gatos da mulher) era fechar os sacos de lixo bem apertado, para os gatos não sentirem o cheiro ou não conseguirem abrir. A recomendação sobre como fechar os sacos de lixo se espalha; mas um ou outro se esquece e põe um saco meio aberto, o problema recomeça, um ou outro tenta descobrir quem foi que colocou o saco de lixo meio aberto, para cobrar a pessoa de lavar a sujeira que o saco semi-aberto provocou na lixeira. Um governo entre eles, da Estrada e pela Estrada organiza o corpo-lugar. A obrigatoriedade da passagem pela Estrada e do encontro potencializa a troca, o diálogo, a discussão, a governabilidade.

No que tange a desapropriação e a ampliação do Aeroporto, não é diferente. Há, por exemplo, uma economia dos destroços das residências já demolidas. Há destroços que são protegidos por alguém que ainda não deixou o bairro, pois o ex-dono do terreno quer aproveitar materiais do escombros. Há escombros liberados, que qualquer um pode pegar. Pergunta-se se alguém sabe quem está cuidando dos destroços de tal ou qual casa. Pedacos de madeira, de tijolos, pedras, azulejo, telhas tudo que for aproveitável, reutilizável é usado; com esse material as pessoas consertam coisas em suas próprias casas, montam pequenas construções novas, reformam. Quando via as pessoas perguntando se podia pegar material de casa demolida me perguntava se ela própria achava que sua casa não seria demolida também; logo, para que construir, reformar?

Há, também, um circular pela Estrada, circulando informação. Quem ia fazer algum tipo de serviço lá na Fazenda Invernada do Sertão, voltava trazendo notícias de como essa história de desapropriação estava ocorrendo lá do outro lado. Na Estrada, ao se encontrarem, um fala que ficara sabendo que as desapropriações aconteceriam até 2020, outro comenta que ouviu dizer que tentariam tirar todo mundo dali até o fim do ano. As informações, os pedidos de informações ou aquelas dadas gratuitamente também giram entorno de como está o processo de desapropriação de pessoas em específico: quanto estavam pagando por metro quadrado para fulano? Por que para ele oferecem tudo isso e para outro, que mora só 50m distante, estão oferecendo um valor menor de indenização por metro quadrado? O dono da

casa amarela tem escritura? Sim? Então ele está tranquilo. Aquela chácara é de uma senhora que mora lá na John Boyd (avenida bem conhecida, de Campinas), ela vem poucas vezes para cá, já decidiu entregar as chaves. Não só informações, mas estratégias também são trocadas com o intuito de fazer frente à Infraero.

Pela Estrada, entre casas, também se faz e se sabem acordos. Há aquela pessoa que é proprietária de mais de um terreno e que, como está devendo bastante dinheiro para um antigo empregado, propôs um acordo. Parou de pagar salário de vez ao homem e, no lugar dos salários atuais e atrasados, o patrão vai deixar com o empregado o dinheiro da indenização de seu pequeno terreno. Terreno no qual o empregado já mora há algum tempo. Há o senhor que habitava de favor em uma casa que fora demolida e, então, passara a habitar de favor em outra casa em que o dono não frequentava. Há aqueles que fogem, ostensivamente, de conversar com o funcionário da Infraero, criam estratégias de desencontros, de fugas responsável pela desapropriação. Pela Estrada, pelos encontros, pelo visto, pelo sentido, estratégias, políticas encarnadas vão se fazendo. A Estrada, pivô do encontro e do descentramento de si, é, por isso mesmo, pivô de um governar intersubjetivo do corpo-Linha; meio pelo qual fazer frente ao desmonte.

5.3 Política encarnada, resiliência do corpo-lugar

Na Linha e em Mourenx, surgem **estratégias corpo-lugar** no contato com o desmonte.

As estratégias corpo-lugar referem-se aos gestos, hábitos, decisões que mudam ou que são criados no contato com as mudanças dos corpos-lugares, no contato com o desmonte, lidando com ele. Essas mudanças ou criações do corpo-lugar podem ser dar conscientemente ou não.

As estratégias podem estar aquém da consciência desperta, na medida em que surgem como sínteses lugar-corpóreas, em um processo de incorporação de hábitos que, por fim, contribuem para a continuidade da existência do corpo-lugar apesar do desmonte que o ameaça. Tal como Merleau-Ponty pensa a incorporação do hábito de usar um chapéu, uma bengala ou um automóvel, podemos pensar a incorporação do hábito de ir ao *Quartier Libre* ou de, finalmente, levar mantimentos para fazer a travessia da Linha até o centro de Campinas:

Habituar-se a um chapéu, a um automóvel ou a uma bengala é instalar-se neles ou, inversamente, fazê-los participar do caráter volumoso do nosso corpo próprio. O hábito exprime o poder que temos de dilatar nosso ser no

mundo ou de mudar de existência anexando a nós novos instrumentos (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 199)

Eu começo esse gesto ou hábito novo ou modificado não pensando explicitamente: “Irei ao *Quartier Libre* como estratégia para enfrentar o tédio e o vazio de serviços em Mourenx” ou “Vou levar o mantimento porque assim crio uma estratégia para continuar indo ao Centro apesar da ausência ou distância do ponto de ônibus”. Não, eu levo a comida porque eu sinto fome, porque meu corpo quase desfaleceu a última vez que tive de ir à Campinas; e eu vou ao *Quartier Libre* porque nas tardes de sábado ficava ou me entediando em casa ou tinha de ir até Pau (muito mais longe) para passear um pouco. O que acontece é uma compreensão prática (carnal) do mundo e um ajustamento, também prático, a situação que o corpo-lugar vive. Enfim, há uma dilatação do ser ou mudança de existência via incorporação do hábito, incorporação que, por fim, pode figurar como estratégia de continuar no lugar apesar das mudanças que se acumulam no dia-a-dia. Ou, estratégia para continuar a ser esse corpo-lugar.

Por exemplo, na Linha essas estratégias lugar-corpóreas incluem também a mudança de itinerários ou horários para sair do bairro, depender mais de caronas de vizinhos e parentes, escutar as novidades sobre a desapropriação do vizinho e, depois, ficar (sem querer) pensando se ocorrerá da mesma forma consigo. Em Mourenx estão incluídas nesse tipo de estratégia ir regularmente à Pau; considerar (sem muita reflexão, mas com bastante convicção) o veículo automotor próprio como necessidade inalienável; as tentativas sucessivas de animação da cidade com suas festas e eventos diversos ou, ainda, simplesmente, continuar indo às Feiras de Mourenx. E assim, com essas estratégias lugar-corpóreas (não necessariamente conscientes), temos que o primeiro gesto resiliente não é, nos mais das vezes, muito diferente de um gesto do cotidiano, pelo contrário, é o próprio gesto cotidiano, ou um leve redirecionamento de um hábito ou a criação (não refletida) de um novo.

As estratégias lugar-corpóreas podem ser, também, conscientes; estratégias que visam, ao menos na fala dos conversantes, um fim específico. Como o morador da Linha que, ostensivamente vai negociando e mudando de residência, no esforço de continuar vivendo no bairro mesmo que a residência onde morara tenha sido desapropriada e destruída; como a contratação por muitos (como já comentado) de um mesmo advogado para representá-los na justiça, contra a Infraero, advogado que também faz frente contra a desapropriação de sua fazenda. Os pedidos de informação sobre os processos de desapropriação dos outros e o debate sobre esses processos, em um movimento ostensivo de obter informações para montar sua própria estratégia.

Já em Mourenx, as estratégias lugar-corpóreas conscientes contam com uma ferramenta institucional: a Prefeitura. Pela Prefeitura é que são pensadas e articuladas os constantes construir do centro, assim como outras estratégias são levadas a cabo, tal como a de tentar atrair empresas para o parque industrial (esvaziado) ou ir negociar com as empresas que estão lá, mas que, no entanto, planejam deixar o lugar.

É preciso compreender essas estratégias conscientes como estratégias lugar-corpóreas não apenas porque tematizam os lugares. Assim como é preciso não as conceber simplesmente como ações racionalmente planejadas, produtos de consciências sem corpos ou de corpos sem relação ontológica com o lugar. O sociólogo Hans Joas, ao discutir o papel da criatividade no interior da Teoria da Ação, se preocupa em pensar o papel do corpo dentro desta teoria. Neste contexto, ele comenta que a academia científica tradicionalmente tem:

[...] a ideia de que o homem se orienta **primeiramente** no mundo pelo conhecimento, selecionando assim perspectivas a partir das quais realiza **depois** sua ação. Como se o estado natural do homem fosse a inércia, a ação só começaria, segundo esta concepção, depois que o mundo se tornasse um objeto de conhecimento no qual metas pertinentes teriam sido distinguidas: o homem decidiria então – em um ato de vontade explícito – perseguir fins assim reconhecidos. Neste contexto, uma ação corresponde da melhor forma ao ideal do agir racional, onde os objetivos foram fixados e formulados o mais claramente possível, independentemente do próprio ato. O indivíduo que age racionalmente não se deixa desviar por práticas tradicionais, nem por seus próprios hábitos, nem pelos meios disponíveis neste instante particular, ele rejeita tudo o que poderia o incitar a definir menos rigorosamente seu fim ou a selecionar meios tecnicamente menos adaptados ou mais custosos para alcançar seu objetivo. Crer que a instauração de um fim deve proceder o ato, é então supor que o conhecimento humano é independente do agir, ou ao menos, que o conhecimento pode ou deve se libertar do agir. A interpretação teleológica da intencionalidade do agir é necessariamente ligada a uma dissociação entre conhecimento e ação. (JOAS, 1999, p. 167-168 –grifos no original)⁴⁸

Para o sociólogo, a forma de se desviar dessa concepção do agir é atentando que o sujeito que age é corpo fenomenal. E, nesse sentido, Joas (1999) também coloca que é necessário tanto compreender que a consciência e a produção de conhecimento para agir são

⁴⁸Tradução livre. No original: [...] l'idée que l'homme s'oriente **d'abord** dans le monde par la connaissance, dégagant ainsi des perspectives dans lesquelles s'inscrit **ensuite** son action. Comme si l'état naturel de l'homme était l'inertie, l'action ne commence, selon cette conception, qu'après que le monde soit devenu un objet de connaissance dans lesquels des buts pertinents auraient été dégagés : l'homme déciderait alors – dans un acte de volonté distinct – de poursuivre des fins ainsi reconnues. Dans ce cadre une action correspond d'autant mieux à l'idéal de l'agir rationnel où les objectifs ont été fixés et formulés le plus clairement possible, indépendamment de l'acte lui-même. L'individu qui agit rationnellement ne se laisse pas détourner par des pratiques traditionnelles, ni par ses propres habitudes, ni par les moyens disponibles à cet instant particulier, il rejette tout ce qui pourrait l'inciter à définir moins rigoureusement sa fin, ou à sélectionner des moyens techniquement moins adaptés ou plus coûteux pour y parvenir. Croire que l'instauration d'une fin doit précéder l'acte, c'est donc supposer que la connaissance humaine est indépendante de l'agir, ou du moins qu'elle peut et qu'elle doit s'en affranchir. L'interprétation téléologique de l'intentionnalité de l'agir est nécessairement liée à une dissociation de la conscience de l'action. (JOAS, 1999, p. 167-168 –grifos no original).

corpóreas, quanto que não há uma separação entre a produção do conhecimento e a ação: a todo momento o corpo está ali, relacionado ao mundo, a todo momento conhecendo, compreendendo o mundo e, ao mesmo tempo, agindo. Assim, a intencionalidade do agir é ontologicamente relacionada ao corpo fenomenal, ao ambiente pelo qual esse corpo é, às situações que o corpo vive. A relação entre a situação (corporalmente vivida e compreendida) e o agir humano é constitutiva (JOAS, 1999). Logo, a racionalidade que orienta as estratégias não está, em nada, separada do corpo que vive os lugares. Quando os políticos mourenxois vão às indústrias tentar negociar a não saída delas do pólo industrial de Mourenx, eles são toda uma síntese Mourenx-corpórea; quando moradores da Linha escapam à perseguição do funcionário responsável pela desapropriação, eles também o fazem manejando aí suas sínteses lugar-corpóreas.

Por detrás e ao lado dessas estratégias lugar-corpóreas é que podemos reconhecer a constituição do que Merleau-Ponty chama de um **engajamento tácito**, anterior às nossas decisões (MERLEAU-PONTY, 2006c; 2011).

Para falar desse engajamento anterior as nossas decisões conscientes, o filósofo defende que nós não deliberamos (ponderação racional das opções, com vistas a tomar uma decisão) para, depois, decidir. Para Merleau-Ponty, quando estamos deliberando, já temos uma decisão secreta, oriunda de nosso engajamento tácito. Em outras palavras, não deliberamos (ponderamos, racionalizamos, fazemos contas) para só depois decidir; quando deliberamos, em verdade, já temos secretamente uma decisão.

Na realidade, a deliberação decorre da decisão, é minha decisão secreta que faz os motivos aparecerem e nem mesmo se conceberia o que se pode ser a força de um motivo sem uma decisão que o confirma ou contraria. Quando renunciei a um projeto, repentinamente os motivos que eu acreditava ter para mantê-lo tornam a cair sem força. Para restituir-lhes uma força, é preciso que eu faça o esforço de reabrir o tempo e de me recolocar no momento em que a decisão ainda não estava tomada. Mesmo enquanto delibero, já é por um esforço que consigo suspender o tempo, manter aberta uma situação que sinto fechada por uma decisão que está ali e à qual resisto. É por isso que tão frequentemente, após ter renunciado a um projeto, experimento uma libertação: “afinal, eu não me prendia tanto a ele”, só havia debate quanto à forma, a deliberação era uma paródia, eu já tinha decidido contra. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 583-584)

Eu já era, em verdade, contra o projeto; fora só por conta do apelo às ditas benéficas da racionalidade que eu deliberei (tentei deliberar). Antes da deliberação, nós já temos tendências, já temos decisões. Para o filósofo, o que acontece é que vivemos as coisas, as situações, as pessoas, os lugares, as ideias, os sustos, os prazeres, os ódios e ao vivê-los, ao coexistir com tudo, com todos, já damos respostas pré-conscientes a tudo isso, já nos

polarizamos, amamos, odiamos, respondemos em acordo com os momentos. E, assim, vamos nos engajando não, propriamente, via atos decisórios, mas na vivência. Quando somos, portanto, convocados a decidir entre essa ou aquela forma de agir, entre esta ou aquela posição, já estivemos imersos em toda uma coexistência com elementos que compõe a questão. Ou melhor, já somos toda uma coexistência que tem predileção por tal coisa, que simpatiza por tal posicionamento, que considera justa tal forma de agir. Por isso, Merleau-Ponty fala de um engajamento tácito a partir do qual se desenrola o engajamento explícito, exemplificando isso a partir de nossa relação com a nação ou de nosso posicionamento na luta de classe:

Em todas as revoluções, há privilegiados que se juntam à classe revolucionária e oprimidos que se devotam aos privilegiados. E cada nação tem seus traidores. Isso porque a nação e a classe não são nem fatalidades que submetam o indivíduo do exterior, nem tampouco valores que ele ponha do interior. Elas são modos de coexistência que o solicitam. Em período calmo, a nação e a classe estão ali como **estímulos** aos quais eu só dirijo respostas distraídas ou confusas, elas estão latentes. Uma situação revolucionária ou uma situação de perigo nacional transformam em tomada de posição consciente as relações pré-conscientes com a classe e com a nação que até então eram vividas, o engajamento tácito torna-se explícito. Mas ele se manifesta a si mesmo como anterior à decisão (MERLEAU-PONTY, 2011, p.487 –grifos no original).

Não é à toa, portanto, que de forma descuidada dizemos alguém pensa ou age de tal forma porque não viveu na pele esta ou aquela situação, ou que alguém entende muito mal tais ou quais questões porque não conhece determinado lugar. Esse tipo de lógica é muito usada, mas sua origem na dimensão sensível é pouco explicitada, qual seja: nós somos, via nossos corpos, os lugares que estamos, somos aquilo que vivenciamos e por essa vivência nos engajamos tacitamente.

Não na Linha, mas ao lado da Estrada ao qual ela está conjugada, há uma casa cacofônica, com uma cerca antiga e desmantelada, que deve ter servido, muito mais, para avisar onde começava o seu quintal do que para impedir que algo ou alguém passe por ali. No quintal, ferramentas, uma espécie de canil, ali perto as vacas (duas ou três) e o cavalo do dono da casa pastavam dentro do próprio terreno. Conversando com o dono da casa, ele falava sobre ser desapropriado com um tom de voz de conformismo, algo risonho-triste. Quando perguntado o que faria então com as vacas, cavalo, a charrete e ele dizia, de forma simples, que não sabia não, o que ia fazer. Depois de muitas vezes passar por ali é que compreendi que, enquanto conversamos, a paisagem que ele via, às minhas costas, para mim era pasto e remanescente de cerrado; mas em verdade, o que havia ali, antes, era um bairro todo, com suas dezenas de residências, com suas ruas, com seus vizinhos. Naquele momento não havia

mais ninguém, ele era o único morador, a única casa que restara. Esse horizonte vazio dos outros, sem a densidade do que era, pesando em seu cotidiano, se imiscuindo em seu engajamento tácito, pois, como não se conformar com a própria partida quando todos os outros já tiveram de partir?

Em uma parte algo escondida entre as árvores, rente à Linha, mais algumas casas (barracos) surgiram. Foram feitos por pessoas que já haviam sido desapropriadas e reassentadas em conjuntos habitacionais populares, na área urbana de Campinas; mas voltaram (para um barraco ao invés de uma casa, para um local diferente daquele em que moraram, mas voltaram). Na Estrada, no Restaurante, nas poucas ruas, as pessoas se encontram, debatem essa volta, trocam informações sobre quem voltou, porque voltou. Esse retorno marca, nos corpos-lugares, linhas tensionadas de desconfiança em relação às negociações com a Prefeitura de Campinas e a Infraero, pois, entre quem negociou, havia estes que tentavam voltar para ali. Desconfiança em relação ao futuro que os aguarda fora dali; desconfiança que participa da constituição de um engajamento implícito em relação à desapropriação.

E em Mourenx, o investimento em praça nova e bonita, em um centro sociocultural sofisticado e gratuito, em novos edifícios não parece ser só uma oferta de vagas habitacionais. Parece sim, ser também um convite ao Eu anterior, uma estratégia lugar-corpórea em busca de um engajamento implícito dos jovens em favor de Mourenx.

No Centro e pelo Centro Mourenx tenta se reaprumar; pela Estrada a Linha se governa: em ambos, o que se delineia, é uma política encarnada enquanto resiliência dos corpos-lugares.

Hanna Arendt, na obra que planejava discutir uma introdução à política, não pretendia se deter nos conceitos caros à Ciência Política tais quais, elite, partido e Estado; dedicados, nos mais das vezes, a compreender o sistema político profissional. O que interessava à filósofa era discutir uma introdução àquilo que a política é originalmente (ARENDT, 2012).

Assim, à pergunta “o que é política?”, ela responde: “A política se baseia na pluralidade dos homens. [...] trata da convivência entre os diferentes. Os homens se organizam politicamente para certas coisas em comum, essenciais num caos absoluto, ou a partir do caos absoluto das diferenças” (ARENDT, 2012, p. 21-22). É nesse sentido que, para ela, a reflexão que a teologia ou a filosofia fazem sobre política é limitada, na medida em que ambos os campos de reflexão pensam “O homem” e não **os homens**. Deixando, desse modo, de levar em conta a pluralidade em função da qual a política é necessária ou, antes, em função da qual ela existe. (ARENDT, 2012)

Nesse sentido, estradamente governar e centralmente se aprumar coincidem com a reflexão de Arendt (2012, p. 23 – grifos no original): “A política surge no **entre-os-homens**; portanto, **fora** dos homens. Por conseguinte, não existe nenhuma substância política original. A política surge no intra-espço e se estabelece como relação”. Nesse movimento, a política é inerente à dimensão intersubjetiva do corpo-lugar.

Respectivamente na Linha e em Mourenx, a Estrada e o Centro (sobretudo pela Feira) são os pivôs do encontro com o outro, concreção da pluralidade dos homens e, por consequência, pivôs da política encarnada. E o termo **encarnada** é para atentar à dimensão sensível dessa política; para fazer referência à composição dessa organização do comum: engajamentos tácitos e estratégias lugar-corpóreas.

Mas, é importante chamar a atenção ao fato que essa política encarnada, tanto da Linha quanto de Mourenx, não se realizaram apenas no momento em que os desmontes se faziam. Essa política, constituída por sínteses lugar-corpóreas, engajamentos tácitos e estratégias já existia antes. Ela não é uma resposta direta ao evento, antes, ela faz parte do corpo-lugar.

Na Linha a questão da lixeira coletiva é já parte dessa política. Política envolvendo a proatividade de um morador em consertá-la e a comunicação desse concerto aos outros; assim como os encontros e conversas pela Estrada servem para a atualização de informações sobre o que acontece na lixeira e distribui os procedimentos necessários em diferentes casos, como por exemplo, quando o gato da vizinha passou a abrir as sacolas de lixo. Pelo corpo-lugar (que se faz intersubjetivo, sobretudo, pela Estrada) se organiza o que acontece à lixeira, pelos seus corpos-lugares sabem que se não se organizam, a entrada do bairro ganha um amontoado de lixo aberto, atraindo animais, gerando vermes.

Essa organização intersubjetiva do corpo-lugar é ainda mais aguda porque na Linha, “escondida” no interior da área rural, onde a infraestrutura básica como eletricidade e sistema de água tratada não chegaram, a constituição e destino do corpo-Linha dependeu muito mais da política encarnada do que do sistema político oficial, na forma dos órgãos municipais ou estaduais, estrangeiro a eles; como no caso da eletricidade. Foram os próprios moradores, há décadas atrás, que resolveram que era o momento de ter eletricidade nas casas. Organizaram-se para encontrar e pagar uma empresa que instalasse a rede necessária para a chegada da eletricidade nas casas, empresa que fora também responsável pela manutenção da rede. Com o tempo, contou um antigo morador, a companhia que cuida da distribuição de energia do município comprou a rede particular do bairro, inserindo-o em sua rede de distribuição de energia elétrica.

Da mesma forma, uma política encarnada é já consolidada em Mourenx. Consolidada não porque, exatamente, há a Prefeitura Municipal que tem pouca distância dos moradores. Consolidada porque quando a cidade fora criada e os primeiros moradores chegaram naquela imensidão de edifícios, casas e o centro ainda vazios, rapidamente as pessoas compreenderam que quem precisava “fazer a cidade” eram eles. Neste contexto, o tédio sempre foi reportado como uma das principais reclamações das *villes nouvelles* recém-criadas, incluindo aí Mourenx (LEFEBVRE, 1960). No sentido de que se quisessem ir a feiras, festas, atividades, campeonatos esportivos, lojas de tal ou qual coisa ou certos serviços em Mourenx, não o teriam se ficassem em suas casas esperando que essas coisas ocorressem: a animação da cidade dependia dos próprios moradores. Esse exortamento para “fazer a cidade” está presente na fala dos moradores antigos, tanto que eles destacam como resultado disso expressivo tecido associativo da cidade. Ainda que na França a vivência do espaço público e da vida pública em cidades pequenas se dá, preferencialmente, via as atividades organizadas por associações civis, em Mourenx a quantidade e variedade dessas associações impressionam. Atualmente, no sítio de internet⁴⁹ da Prefeitura de Mourenx estão cadastradas 24 associações civis, entre as quais há, por exemplo, associação para interessados em bonsai, diferentes associações voltadas para prática musical, para práticas de esportes específicos, associações amicais (para organizar reuniões com fim de convívio social), associações de cinéfilos, associação voltada para o resgate da história de Mourenx, associação dos magrebinos, associação para interessados em aeromodelismo, associações para organização de festas.

No livro de comemoração de 40 anos de Mourenx (PEAUCELLE; BRUNETON-GOVERNATORI, 1997), onde estão reunidos testemunhos de vários moradores antigos, é possível ver as fotografias, relatos e recortes de jornais anunciando grandes eventos e vitórias como os primeiros campeonatos esportivos na cidade, a abertura da primeira loja de joias, as festas organizadas por associações, pelas mulheres dos trabalhadores das indústrias. Neste livro há também a narrativa feita pelos antigos moradores sobre quando Mourenx ficara em estado de sítio (1962). Havia, na primeira década da cidade, um atrito entre funcionários da SCIC (a proprietária dos imóveis) que criavam regras de convívio e de uso dos imóveis e dos espaços coletivos agindo como autoridades, disciplinando os moradores. Assim como um atrito entre a própria SCIC e os moradores, já que esta subia os preços dos imóveis, aparentemente, à revelia e não discutia a contento as demandas dos moradores. Como resultado da tensão que se desenrolava, os moradores de Mourenx decidiram ir à Pau protestar

⁴⁹<http://www.mourenx.fr/mes-loisirs/les-associations/culturelles.html>

(já que protestar em Mourenx, no meio da zona rural, não chamaria atenção de ninguém) e, no dia do protesto, os moradores se viram impedidos de sair da cidade pelo exército que bloqueara as saídas. Mourenx estava em estado de sítio: corpo(s)-lugar preso(s). Mas corpos-lugares presos não só no momento em que a cidade estava sitiada; corpos-lugares presos também quando tinham de se submeter a regras que vinham de fora, de quem não morava lá. O estado de sítio durou um final de semana todo; assim que o dirigente da SCIC soube do que acontecia, cedeu às reivindicações dos moradores e o exército logo deixou a cidade. Para muitos moradores essa situação foi um exemplo máximo de que a cidade (de que seus corpos-lugar) eram deles.

Diante disso, reforçamos, o que se tem não é uma política encarnada posta em movimento somente no momento em que o desmonte ameaça a existência dos lugares. Mas, sim uma política que já se realiza desde sempre pela e em função da diversidade dos homens, no entre-os-homens, no entre-e-por-corpos-lugar. Dessa forma, é preciso atentar que essa política participa já do modo único de ser dos corpos-lugar, logo, faz parte de sua ipseidade.

Neste ponto, retomamos a discussão desenvolvida acerca do evento no sentido eventual e sua relação com a ipseidade. Se a mudança de mundo e de si, empreendida pela chegada de eventos no sentido eventual fazem parte de ser, fazem parte de existir (ROMANO, 1999) a resiliência não pode ser contra a mudança ou um movimento de voltar a um estado anterior à mudança; e, assim, **estamos diante de uma concepção de resiliência afeita à dimensão ontológico-existencial**. Resiliência, neste contexto, deve ser a capacidade de se apropriar da mudança, fazer dela parte da aventura, da história, dando continuidade à existência apesar da mudança vivida. E é neste ponto que entrevemos que a resiliência é, já, a ipseidade. Isso, porque, se ser é mudar, a ipseidade não é algo estático, sólido e imutável, que sofre eventos, mas o contrário. A ipseidade em sua determinação eventual designa: “[...] de fato, **a possibilidade para o *advenant* de ser aberto aos eventos e, por isso mesmo, de responder ao que lhe acontece, de se apropriar dos possíveis que os eventos lhe destinam a fim de poder se advir a si mesmo singularmente através de um destino**” (ROMANO, 1999, p. 127 –grifos no original)⁵⁰

⁵⁰Tradução livre. No original: *[...] en effet, la possibilité pour l'advenant d'être ouvert aux événements et, par là même, de répondre de ce qui lui arrive, de s'approprier les possibles que les événements lui destinent afin de pouvoir s'advenir lui-même singulièrement à travers un destin.* (ROMANO, 1999, p. 127 –grifos no original).

CAPÍTULO 6.

ENCARNANDO A RESILIÊNCIA

Na apresentação desta tese, a partir das considerações sobre lugares que passaram por crises, que morriam ou que permaneceram a despeito de crises (PORTEOUS, 1988; MARANDOLA JR., 2016a), perguntamos: diante da constatação de um lugar que permanece a despeito de milhares de anos, por que é possível dizer que é o mesmo lugar? Isso seria possível por que a materialidade é a mesma? São persistentes por que, materialmente, continuam a ser os mesmos? Essa persistência é resiliência? A resiliência do lugar é a persistência de sua materialidade? Diante do lugar que, constata-se, estava a ser assassinado dada a transformação que expulsava seus moradores, em que momento o lugar começou a morrer? Por que dizer que é uma morte, o que constata sua morte? E o lugar que fora arrasado pela lama tóxica? É um lugar morto? Quando a materialidade morre, mas as pessoas sobrevivem, o lugar está morto? E, nesse caso, o lugar não foi resiliente, mas as pessoas do lugar o foram?

O intuito dessas questões era duplo. Tanto o de atentar sobre como as crises, mudanças ou, como preferimos aqui, eventos se relacionam com a sobrevivência e a identidade dos corpos-lugares quanto, por outro lado, sobre como os detalhes e a vivência da superação dessas crises (resiliência) ainda se mostram pouco claros. A busca da tese foi a de compreender melhor a resiliência do lugar a partir de uma perspectiva ontológico-existencial, revelando a resiliência na concretude do lugar, ou antes, do corpo-lugar.

Para tanto, os caminhos percorridos até aqui destacaram: (1) a vivência do desmonte que compreende o acúmulo de mudanças e o enovelamento de sentidos, os quais se fazem sínteses lugar-corpóreas oriundas do desmonte; (2) o papel da Estrada, na Linha, e da Feira, em Mourenx, enquanto pivôs de uma intersubjetividade eventual, onde as sínteses lugar-corpóreas são postas em encontro (abertura e desdobramento de ser); (3) e as estratégias

lugar-corpóreas e engajamentos tácitos, ações e posicionamentos indissociáveis das sínteses e dos corpos-lugares intersubjetivos. Tudo isso consubstancia uma política encarnada, a qual na Linha, se faz como um estradamente governar e, em Mourenx, como um centralmente se aprumar. O momento agora é de refletir como essas vivências do evento do desmonte se relacionam ao contexto mais geral do debate sobre a resiliência.

6.1 Eventualidade do lugar e resiliência: (des) monte

O conceito de resiliência, no campo da Geografia, começou a ser discutido no bojo de um conjunto maior de noções, onde estão incluídos os conceitos de vulnerabilidade, risco, perigo, desastres, adaptação e mitigação (MARANDOLA JR., 2009). Um impulso na difusão da noção junto aos geógrafos foi o fato da resiliência ter se tornado um dos principais conceitos da Declaração de Hyogo, em 2005. Nesta declaração está reunido um plano de esforço internacional para redução de riscos a desastres, capitaneada pela secretaria da ONU, a “*United Nations International Strategy for Disaster Risk Reduction (UNISDR)*” (MANYENA, 2006). Muitas pesquisas (nacionais e internacionais) que investigam resiliência atualmente citam os documentos oficiais dessa secretaria, se filiando ao debate de enfrentamento de riscos e desastres.

Weichselgartner e Kelman (2014), no artigo “*Geographies of resilience*” chamam atenção para o fato do programa “*Making cities resilient*”, da UNISDR, ter se tornado base para o surgimento de diversas políticas públicas, em diferentes países. O programa define dez passos necessários para construção resiliência em relação a riscos e desastres, entre os quais estão incluídos, por exemplo, construir infraestruturas em função de potenciais riscos, possuir planos pós-desastres, difundir conhecimento formal sobre os riscos e perigos, dedicar parte do orçamento público ao enfrentamento de riscos, calcular riscos, possuir e atualizar um banco de dados sobre os riscos (WEICHSELGARTNER; KELMAN, 2014). O próprio Brasil possuiu um número expressivo de municípios que aderiram à campanha de construção de resiliência⁵¹.

A difusão desse programa não resultou apenas na criação de políticas públicas, mas resultou também uma predominância na forma de pensar resiliência no campo da Geografia. Na última década, muitas das pesquisas que discutem resiliência de unidades geográficas (região, comunidade, país, cidade, zona, lugar) definem a resiliência a partir desses dez passos para construção de cidades resilientes. Essas pesquisas se referem à resiliência de eventos ambientais, na forma desastres, os quais possuem duração curta (em relação ao evento de

⁵¹Para mais detalhes, ver sítio do Ministério de Integração Nacional: <http://www.mi.gov.br/cidades-resilientes>

desmonte, que nos ocupou aqui). Dessa forma, orientadas pelo programa da UNISDR, essas pesquisas contribuem para a discussão sobre o desempenho da gestão pública em fazer avançar alguns dos passos para a construção de cidades resilientes⁵². E, neste contexto, o que se tem é a predominância de uma forma de pensar e discutir resiliência, qual seja: quanto mais o governo se aproxima de cumprir um dos dez passos do programa da UNISDR, mais a unidade geográfica será resiliente a desastres.

Apesar dessa predominância, a discussão sobre resiliência pelos geógrafos não versa só sobre riscos e desastres ambientais. Há aqueles que se interessaram em compreender, por exemplo, a resiliência econômica de uma cidade em relação a sua desindustrialização em potencial (PITTERI; BRESCIANI, 2013) ou a resiliência de áreas de atividades agrícolas tradicionais ameaçadas pela chegada de grandes empresas, chegada que redundava, em geral, a uma migração forçada para o urbano (ASSUNÇÃO; SILVA, 2014; FLORIANI; RIOS; FLORIANI, 2013; SILVA, 2014). Estes eventos sim, coincidindo com o que denominamos como desmonte do lugar; entretanto, apesar de abordarem o desmonte, a forma como esses trabalhos abordaram a resiliência dos lugares não é homogênea.

No caso da cidade que poderia ser desindustrializada, por exemplo, sua resiliência à perda das indústrias é mensurada a partir de dados sobre as atividades econômicas (PITTERI; BRESCIANI, 2013). Nos outros trabalhos, referentes à resiliência de áreas de agricultura tradicional face às ameaças promovidas por grandes empresas, dois destes estudos discutem a resiliência das pessoas (e não do lugar) a partir das reflexões da psicologia (SILVA, 2014; ASSUNÇÃO; SILVA, 2014), apontando quais características das personalidades das pessoas as ajudaram a ser resilientes. No outro trabalho sobre agricultura familiar, a resiliência é pensada a partir das discussões da ecologia (onde resiliência é a capacidade de um ecossistema retornar ao seu equilíbrio); e, nesta resiliência ecológica, o homem participaria (com sua subjetividade e conhecimentos tradicionais) do retorno ao equilíbrio do ecossistema (FLORIANI; RIOS; FLORIANI, 2013).

Independente dessas diferentes formas de abordar a resiliência ao desmonte, todas essas discussões lidam com uma mesma preocupação: com o futuro dos lugares. Mayena (2006), ao discutir a noção de resiliência, destaca que o conceito tem uma dimensão futurística pós-desastre: ela é uma estratégia para mitigar futuros desastres, pois, consiste em aprender com os desastres passados e, assim, se fazer mais resilientes a eles. No mesmo sentido, nos estudos de resiliência ao desmonte, a preocupação com o futuro é de que o lugar

⁵² Ver, por exemplo: Muniz; Pimentel (2014); Freitas; Carvalho; Ximenes; Arraes; Gomes (2012); Martins (2010); Vestena; Geffer; Almeida; Vestena (2014); Oscar Jr.(2014).

não deixe de existir por conta do evento que está vivendo. Em qualquer uma das abordagens, a procura, a mensuração, a construção de resiliência figura como um esforço de compreender maneiras pelas quais o lugar não morram, não sucumbam aos eventos.

Quando Reghezza-Zitt et al. (2015) afirmam que poucos sistemas socioespaciais não são resilientes, pois a história nos dá poucos exemplos de desaparecimentos completos destes, os autores corroboram a relação entre a busca pela resiliência como forma de escapar à morte do lugar. Mas, que morte é essa? Só os desaparecimentos completos atestam um lugar não resiliente? Por outro lado, como colocam a maior parte dos trabalhos sobre resiliência: o lugar resiliente seria aquele que volta ao normal, ao estado original?

A Linha e Mourenx, sob qualquer ponto de vista, nunca vão voltar ao normal ou ao estado original; e a partir das definições mais mecanicistas de resiliência, isso significaria que não são lugares resilientes. Por outro lado, estes lugares não estão mortos, logo, significaria que não são resilientes.

Se ser resiliente fosse voltar ao estado normal, significaria que Mourenx, para ser considerada resiliente, deveria conseguir um novo e expressivo conjunto de indústrias e ter de volta a metade da população-corpos-lugar que perdera; para a Linha, seria ter as casas já demolidas de volta e pessoas e vivacidade que haviam a partir delas, assim como implicaria a reabertura do acesso à Estrada, o restabelecimento da antiga linha de ônibus, a volta da escola e o retorno não só das casas da própria Linha, mas também as casas da Estrada e todas as casas e pessoas do Jd. Itaguaçu, os quais dividiam o cotidiano (os quais eram cotidiano) da Estrada junto com os corpos-Linha. Mas, Mourenx nem poderia mais receber mais seis mil pessoas, pois não deve mais comportar a mesma quantidade de habitantes que antes, visto que foram derrubados alguns edifícios e torres para reformular o centro. Da mesma forma, não parece verossímil que o decreto que tornou as áreas públicas, no entorno do Aeroporto, seja refeito e que os antigos habitantes que já entregaram suas casas sejam encontrados, devolvam as indenizações, reconstruam residências e voltem; ou que a área onde existia o Jd. Itaguaçu, onde a maior parte das pessoas não tinham propriedade legal do terreno, seja dada aos antigos moradores. A questão é que, se compreendemos o corpo-lugar em sua eventualidade, é preciso atentar que retorno ao normal não existe, porque os corpos-lugares se advém a si-mesmos na medida em que vivem os eventos no sentido eventual, na medida em que esses eventos os transtornam. **Ou seja, a resiliência do lugar não é (nem conseguiria ser) um retorno ao normal, mas, sim, uma apropriação do evento a sua própria aventura.**

Seja qual for a direção, me parece que um parâmetro causal e/ou maniqueísta não é cabível na reflexão sobre a resiliência dos lugares em função do evento de seu desmonte. Para muitos autores, sobretudo os que discutem a construção da resiliência, a opção entre morte e resiliência aparece já acompanhada de uma pré-valorização: a morte do lugar é necessariamente ruim e a resiliência é um sinônimo de vitória. Mas, por que a opção entre ou a morte do lugar por conta do evento ou a vitória dele sobre o evento não figura como parâmetro plausível para definir a resiliência do lugar?

Uma das respostas é porque, como afirma Rufat (2015), unidades geográficas não são metais que suportam deformações sem reclamar. O autor se refere ao fato de que em Física, resiliência é definida pela capacidade de um material (um metal), após uma força ser aplicada sobre ele, voltar ao estado original. Nesse caso, além de pessoas não serem um metal, capazes de sofrer com a força impingida sem reclamar, a “volta ao normal” não existe. Outra resposta é que desde a dimensão sensível e o movimento ontológico que é a aventura do lugar, **a morte ou a vitória dele sobre o evento não são discerníveis**.

Como, atavicamente, desde a dimensão vivida, reconhecemos a morte de um lugar? Quando toda a materialidade é destruída? Sim, pois sem a concretude, sem a paisagem que o caracterizava, como seria possível dizer que o lugar não está morto? Destruir a concretude é matar o lugar.

Por outro lado, se todos vão embora, se não fica ninguém, se não há mais as falas, as pessoas que se ficam aqui ou ali, que passam, que voltam, vão, que falam ou gritam ou murmuram, sem os outros com quem se encontrar, como não **sentir** a morte do lugar? Um lugar que se torna deserto: como não sentir que ele, enfim, está morto? O lugar destituído de todas as pessoas, de emoções, subjetividades, comportamentos, vivacidade é lugar morto.

Destruir a materialidade do lugar é matá-lo não porque a materialidade seja o cerne, a verdade última do lugar; o mesmo serve para a presença das pessoas, das subjetividades. A verdade última do lugar é a relação, é o corpo-lugar e quando se destrói um dos polos da relação, o que se destrói é a própria relação. Quando, chegando em um lugar onde todas as pessoas não estão (são) mais lá ou onde tudo fora destruído, **sentimos** que o lugar está morto porque o que há é a morte da relação, esta que é o estilo do lugar.

E aqui, nesta tese, quando falamos de estilo do lugar estamos nos remetendo à face sensível de sua ipseidade: aquilo que faz do lugar ele mesmo. Estilo é mais da ordem da percepção (a qual é a via sensível da presentificação eu-mundo) do que da ordem do intelecto. Com isso queremos dizer que, se for descrito item por item o que compõe o estilo do lugar, o resultado será uma lista de coisas, mas não a vivacidade das relações entre tudo, relações que

constituem o lugar, que lhe confere singularidade. Por isso, retomando o que já colocamos aqui, nos atemos a dizer que o estilo do lugar é fortemente ideal e fortemente material (RABELO, 2008), realidade geográfica indissociada de tonalidade afetiva (DARDEL, 2011), um estilo que (via corpo fenomenal) nos solicita, um sentido encarnado (MERLEAU-PONTY, 2011; 2012a; 2012b).

Dessa forma, atentando que mudar faz parte da existência, a própria ipseidade é, ela mesma, eventamental (ROMANO, 1999). Logo, sendo eventamental, o estilo do lugar não é algo imutável, ele muda dado os eventos que o lugar sofre. Em verdade, é o próprio estilo que orienta a forma como os eventos no sentido eventamental vão ser apropriados, tal como vimos na Linha (estradamente governar) e em Mourenx (centralmente se aprumar). Assim, o estilo do lugar ou sua ipseidade é aberto ao novo, passível de ser transtornado. E por isso escolher qualitativos como “o retorno normal” ou “não resiliência do lugar” é impossível: se admitimos que o lugar não é estático, que ele muda, temos que o “normal” não é um eterno, a cada evento vivido pelo lugar temos um “novo normal”.

É dessa forma que, por exemplo, o centro esvaziado de Mourenx não é “não resiliência”, ele é o novo estilo do lugar, é a não-estática Mourenx, mudando. Ainda assim, a constatação desse mudar não deve deixar de levar em conta o caráter e valor relacional dessa mudança para cada corpo-lugar, para todos os corpos-lugar. Em suma, o que temos é um novo período da aventura de Mourenx, inaugurado pelo transtornamento de sua ipseidade em função do desmonte.

Neste sentido, notemos que esse transtornamento em função do evento traz em si um sentido indiviso de mudar, mas, ao mesmo tempo, continuar o mesmo. Quando Romano (1999) atenta que a chegada do evento instaura um mundo, o que temos, ao mesmo tempo, é o fim, a morte do mundo antigo. Partes do antigo mundo, coisas do antigo, qualidades do antigo já não possuem o mesmo valor após o evento, tal como as festas em Mourenx ou um projeto de reforma na casa na Linha não possuem o mesmo sentido que tinham antes do início do desmonte. Dessa forma, por enovelamento de sentidos, se vive a morte e a permanência do estilo do lugar.

E, assim, após o evento do desmonte, **sente-se a permanência** do estilo: o corpo-fenomenal reconhece o lugar, se rende ou maneja os convites do lugar, é o mesmo lugar de ontem, de anteontem, um sentido generalizado permanece. Ao mesmo tempo, o corpo-fenomenal **sente a mudança**: as mudanças estão ali, em alguns pontos, e ainda que o Eu-anterior se relacione sem pestanejar com o lugar de sempre, ele reconhece, vive ou estranha algumas mudanças. Como a Estrada de sempre ali, junto à Linha, Estrada constituída de

encontros, mas agora um tanto mais deserta. Ou, em Mourenx, como o Centro de sempre, que fora o *core* de uma animação constante, mas que agora segue esvaziado(e que não deixa de ser uma forma de perceber o lugar e a sua eventualidade). Esse enovelamento de sentidos é, então, tempo concretamente vivido, onde estão presentes concomitantemente um estilo que se findou e o mesmo estilo que continua.

O que se tem, então, é que, na dimensão sensível, passado e presente do lugar não são separáveis e a mudança e a permanência do estilo do lugar são vividas ao mesmo tempo. Logo, escolher entre mudança do estilo do lugar ou permanência do estilo do lugar em função do desmonte não é um procedimento possível para definição da resiliência, pois mudança e permanência não são discerníveis. Deste ponto também deriva uma das dificuldades, já comentada por outros autores, da operacionalização do conceito de resiliência nas ciências humanas e sociais: a dificuldade de definir o normal, o retorno ao normal ou a vitória em relação ao evento vivido(ALEXANDER, 2013; REGUEZZA-ZITT et al, 2015; RUFAT, 2015).

Se por um lado, temos que desde a dimensão vivida, a resiliência do lugar se revela não facilmente parametrável, por outro, podemos colocar que a contribuição desta tese não está em como mensurar a resiliência, mas sim, em contribuir para formas de compreendê-la enquanto ato, encarnada.

6.2 Resiliência enquanto ato do corpo-lugar

Falamos de resiliência enquanto ato, porque o que trazemos aqui é a abordagem da resiliência enquanto fenômeno vivido. Ou seja, a abordamos a partir da forma como ela se realiza na vivência, em sua carnalidade. Dessa forma, a abordagem realizada aqui implica em alguns posicionamentos e contribuições em relação às discussões mais amplas sobre as resiliências dos lugares.

Embora, ontológica e epistemologicamente tenhamos refletido a resiliência a partir da relação entre pessoas e lugares, a existência dessa relação é, na maioria das vezes, levada em conta em outros estudos e abordagens da resiliência do lugar; ainda que a relação não seja exatamente expressa pelos termos que estamos usando. O que muda entre elas são as escalas, perspectivas e os métodos a partir dos quais apreender essa relação.

Nesse sentido, Mayena (2006) se preocupou em mapear como diferentes autores, ligados à área de riscos e perigos ambientais, entendem algumas questões relacionadas à noção de a resiliência. Uma das questões que ele fez diretamente aos estudiosos era: a

resiliência é das pessoas ou da infraestrutura física? Em um contexto mais amplo do que o dos desastres ambientais, a pergunta é: a resiliência é da unidade geográfica ou das pessoas?

Para Mayena (2006), a literatura referente à resiliência de lugares a desastres não deixa claro se a resiliência é do sistema natural, do econômico, do social ou do tecnológico. Perguntando a autores, ele encontrou quem respondesse que resiliência seria um tipo de comportamento, logo, não havia sentido em dizer que infraestruturas são resilientes; diante disso, o próprio Mayena (2006, p. 444) coloca:

A separação de pessoas de suas ‘estruturas’ – que é, pessoas podem ter um comportamento adaptativo, mas estruturas somente podem ser adaptadas – soa um tanto simplista. Enquanto seres humanos devem estar no centro de qualquer programa de resiliência, eles não vivem em um vácuo, mas, ao contrário, são parte de sistemas o que impacta suas perdas e a habilidade da localidade para lidar com elas⁵³.

Tal como o autor, outros pesquisadores também atentam à relação entre as pessoas e as localidades onde vivem. Dentro desse quadro, é possível notar posicionamentos em relação a duas questões: primeira, **de quem é a resiliência** e a segunda é sobre **o condicionamento das resiliências**.

No que diz respeito à primeira questão, há aqueles estudos interessados na resiliência enquanto atributo das pessoas, como já comentados aqui em outro momento. Nesses casos, o lugar é fonte do problema para as pessoas, mas ele mesmo não é pensado como resiliente ou não⁵⁴. Enquanto há outros que, embora não se posicionem explicitamente, estão interessados na resiliência enquanto um atributo do espaço, este sendo entendido como pura materialidade⁵⁵. Neste contexto, a construção de medidas de proteção a eventos e contenção de danos entra no centro do debate.

Quando se escolhe se a resiliência é da unidade geográfica ou das pessoas, o que está subentendido aí é a existência de uma epistemologia onde pessoas e lugares são separados um dos outros, se relacionando extrinsecamente (MERLEAU-PONTY, 2006a). Dito de outra forma, lugar e pessoas existem independentemente um do outro e se relacionam apenas ocasionalmente. A partir da perspectiva do corpo-lugar escolher entre resiliência das pessoas ou resiliência do lugar não têm sentido, o que poderia se dizer que acontece a um dos termos (pessoa ou lugar) é, instantaneamente, acontecimento para outro termo.

⁵³Tradução livre. No original: “*The separation of people from ‘structures’—that is, people can engage in adaptive behavior but structures only can be adapted—sounds rather simplistic. While human beings should be at the centre of any resilience programme, they do not live in a vacuum but instead are part of systems that impact on losses and the locality’s ability to deal with them*”(MAYENA, 2006, p. 444)

⁵⁴ Ver por exemplo: Silva (2014); Assunção; Silva (2014);

⁵⁵ Ver por exemplo: Muniz; Pimentel (2014); Freitas; Carvalho; Ximenes; Arraes; Gomes (2012).

Entretanto, ao enfatizar que a relação entre pessoas e lugares não é extrínseca e, sim, intrínseca, não se trata aqui, absolutamente, de invalidar os estudos que escolhem entre resiliência do lugar ou resiliência das pessoas, muito pelo contrário. O que queremos ressaltar é a oportunidade de aprofundar estas perspectivas trazendo para refletir junto a elas a dimensão ontológico-existencial, a indissociabilidade do corpo-lugar. Nesse sentido, por exemplo, temos a chance de, junto àqueles que discutem a resiliência das pessoas, tirar o lugar do *status* de apenas fonte de evento danoso. Ao considerá-lo, também, como contexto a partir do qual se consubstancia uma política encarnada, é preciso que seja compreendido o papel do (corpo-) lugar no delineamento da resiliência das pessoas.

Da mesma maneira, a discussão da resiliência da unidade geográfica, ou da infraestrutura como coloca Mayena (2006), ganharia em profundidade ao considerar que o investimento na “pura materialidade” não garante, automaticamente, um aumento na resiliência. Por exemplo, os corpos-lugares, em suas sínteses, estratégias e engajamentos próprios sempre podem subverter usos e os sentidos esperados para aquilo que fora construído.

A segunda questão, referente às formas como a relação entre pessoas e lugar é pensada nos estudos de resiliência, é sobre o que condiciona as resiliências. Há estudos que focam em como a resiliência do lugar vai condicionar a resiliência das pessoas, da sociedade, do grupo⁵⁶; e, por outro lado, há estudos onde são as pessoas as responsáveis por condicionar a resiliência do lugar⁵⁷.

Na questão anterior, a relação entre pessoas e lugar era, antes que explicitamente assumida na reflexão, apenas presumida; e, dessa maneira, a resiliência das pessoas seria condicionada pelas características e processos psicológicos delas, enquanto a resiliência do lugar é pensada como condicionada pelo próprio (materialidade e processos do) lugar. Já aqui, a relação é assumida e pende para um polo: ou são as pessoas que condicionam a resiliência da unidade geográfica ou é a unidade geográfica que condiciona a resiliência das pessoas. Do ponto de vista desses estudos, teríamos: na primeira opção (as pessoas condicionam a resiliência da unidade geográfica), a normatização, a construção de coisas, o papel das instituições na consolidação de uma unidade geográfica mais resiliente; na segunda opção (a unidade geográfica que condiciona a resiliência das pessoas) problemas na unidade geográfica afetam, sobretudo, as atividades econômicas das quais dependem um grupo social.

⁵⁶ Ver por exemplo, Adger (2000).

⁵⁷ Ver, por exemplo, Pitteri e Bresciani (2013).

Novamente, trazer a perspectiva da resiliência encarnada pode ampliar a compreensão das relações entre pessoas e lugar, já desenvolvidas por outras abordagens da resiliência. Isso porque a partir da perspectiva encarnada é possível abrir a discussão sobre como a dependência econômica é carnalmente vivida e manejada ou, mesmo, como, do próprio corpo-lugar, a partir de sínteses, engajamentos e estratégias que surgem ali no contato com o evento que transtorna a ipseidade, pode surgir adaptação ou criação de novas atividades econômicas. No mesmo sentido, se há uma relação de maestria (onde as pessoas, instituições, grupos criam a resiliência da unidade geográfica), é preciso considerar que ela não brota de uma racionalidade pura, que ela é sempre e de diferentes formas tributária da vivência lugar-corpórea de seus atores.

Outro ponto que merece destaque no debate sobre a resiliência é esse do condicionamento da resiliência da unidade geográfica por parte de instituições. Estas são pensadas como promotoras da resiliência na medida em que são agentes capazes de realizar políticas públicas visando construir lugares resilientes. A existência dessas políticas e o debate (e, mesmo cobrança) em relação ao papel dos governos e demais instituições na composição da resiliência do lugar é de suma importância. Notadamente se acompanharmos a discussão sobre a existência de certa relação entre o conceito de resiliência e a filosofia neoliberal (WALKER; COOPER; 2011; FELLI, 2014).

Felli (2014) enfatiza a forma como o discurso relacionado à resiliência pressupõe um sujeito (seja indivíduo, comunidade, cidade, país) que enfrente seus problemas sem ajuda externa nesse sentido: “É evidente que as qualidades esperadas de um indivíduo resiliente (autonomia, senso de iniciativa, mobilidade, flexibilidade) correspondem diretamente à ética produtiva do indivíduo do neoliberalismo” (FELLI, 2014, p. 9)⁵⁸. Chamar a atenção para participação dos poderes públicos na resiliência é fundamental para evitar uma condenação moral de lugares que vivem eventos (culpabilizando-os por não serem, por si só, resilientes) tanto quanto evitar uma desoneração das responsabilidades dos governos na lida com as consequências dos eventos que advêm.

Por um lado, se a participação das instituições em processos resilientes ou na própria construção da resiliência é importante, também se faz relevante uma atenção especial a algumas de suas implicações ou tendências.

⁵⁸Tradução livre. No original: “Il est évident que les qualités attendues de l'individu résilient (autonomie, sens de l'initiative, mobilité, flexibilité) correspondent directement à l'éthique productive de l'individu du néolibéralisme” (FELLI, 2014, p. 9)

No capítulo de livro “*Critique de la résilience pure*” (Crítica da resiliência pura) Rufat (2015) defende que a resiliência é um discurso político. Em outras palavras, uma noção manipulável e, muitas vezes, se prestaria mais a um *marketing territorial* já que, desde a difusão do conceito, têm se entendido que ser resiliente é automaticamente bom (RUFAT, 2015). Ainda destacando o entendimento da resiliência enquanto discurso político, o autor afirma:

É então crucial saber se o discurso da resiliência é formulado entorno de um projeto coletivo escolhido democraticamente ou se são as recomendações de instituições que, de modo mais ou menos explícito, incitativo ou coercitivo o impõem às sociedades e indivíduos (RUFAT, 2015, p. 195-196).

As exortações de Rufat (2015) se alinham àquelas de Weichselgartner e Kelman (2014), os quais afirmam que muitas das ações das políticas públicas voltadas para resiliência estão predominantemente baseadas em certa tecnocracia. A qual, muitas vezes, valoriza mais a dimensão quantitativa do que acontece aos lugares do que a dimensão qualitativa, além de priorizar o discurso técnico em detrimento do que os locais pensam e experienciam, em detrimento de suas vivências do evento. Essa tendência tecnocrata “[...] tornando mais difícil reconhecer fatores de contribuição relevante e conseguir um quadro completo de como perigos [eventos] conformam as respostas comunitárias ou nacionais a eles” (WEICHSELGARTNER; KELMAN, 2014, p. 9)⁵⁹. E é aqui que entrevemos uma das contribuições de mais uma forma de apreender a relação entre as pessoas e os lugares na configuração de suas resiliências; a forma que desenvolvemos aqui. Pois, que é a uma política pública que visa construir resiliência se ela não estiver atenta à resiliência que já existe?

Nesse contexto, a abordagem da resiliência encarnada se revela um caminho possível para contrabalancear a possibilidade da resiliência enquanto um projeto coercitivo e estranho ao lugar. **Isso porque o que essa abordagem revela é uma resiliência em ato, na própria vivência, lá, onde ela ainda não tem nome de resiliência.** E sendo a resiliência certa capacidade de resposta ao evento, a qual auxilia o lugar a não sucumbir diante da gravidade deste, o que fizemos foi trazer como, do corpo-lugar, essa capacidade de resposta (ou, apropriação) do evento se consubstancia. Assim, a resiliência encarnada não é um projeto coercitivo, de fora: ela é um ato, de dentro, do próprio corpo-lugar. A compreensão dela pode ser uma importante contribuição ao debate das políticas públicas na medida em que a partir dela é possível fazer o movimento necessário de contrapor problemas advindos das

⁵⁹Tradução livre. No original: “[...] making it more difficult to recognize relevant contributing factors and to gain a full picture of how hazards shape a community’s or country’s response to them” (WEICHSELGARTNER; KELMAN, 2014, p. 9)

tendências tecnocratas e do discurso político coercitivo, os quais, muitas vezes, desconsideram a dimensão ontológico-existencial do lugar.

É esta que acreditamos ser uma contribuição importante desta tese: que desde a dimensão sensível, seja possível abordar as estratégias lugar-corpóreas, as sínteses, o acontecer da intersubjetividade, a consubstanciação dos engajamentos tácitos, de forma a entrever a partir daí a resiliência encarnada do lugar. O que favoreceria a oportunidade, então, de compreender como outras dimensões da resiliência são encarnadas e uma base a partir da qual construir resiliências de forma mais próxima àqueles que já a realizam e já a vivem.

6.3 Esta resiliência do lugar, todas as resiliências do lugar

Para que haja uma coisa, é preciso que ela seja apresentada a um sujeito encarnado...
Merleau-Ponty, 2006b.

Agora, se me perguntassem como eu começaria a abordagem da resiliência de um corpo-lugar, eu diria que começaria perguntando àquele que vive o lugar: *você está cansado de que?*

Perguntaria isso, pois a conversa sobre o cansaço pode suscitar os gestos novos ou transmutados, o acúmulo, o enovelamento de sentidos, as sínteses lugar-corpóreas. E, deste ponto, podem surgir na conversação, as estratégias e os traços de engajamentos tácitos: carne da política do lugar. Pois, a política encarnada é componente da resilienciado corpo-lugar.

Destacamos que é **umcomponente** para enfatizar que a resiliência é composta por vários e diferentes fenômenos; e o estilo de sua composição total depende de onde, a quem e como o evento advém. Tal como Marandola Jr. e Hogan (2006b) e Marandola Jr(2009), em outro momento, colocam em relação vulnerabilidade, a resiliência é circunstancial, o que demanda uma perspectiva contextualizada para sua compreensão (REBOTIER et al., 2013).

Por isso, não à toa, dentro da própria Geografia há diferentes abordagens de resiliência: resiliência econômica, resiliência social ou socioespacial, resiliência socioecológica, resiliência de comunidade. Desdobrando ainda mais o leque, Cutter et. al (2008), na construção de um modelo para mensuração de resiliência, identifica seis tipos de resiliência que uma unidade geográfica poderia ter: social, ecológica, econômica, institucional, infraestrutural e de competência comunitária (CUTTER et al., 2008). Qual a relação entre essas resiliências e a discussão de resiliência desenvolvida nesta tese? A relação é a que todas essas resiliências, ou tipos de resiliência, são encarnadas.

Tudo é encarnado: o conhecimento e o conhecer, as ideias, os sentimentos, a estrada, as emoções, os tijolos, as ruas, as muretas, as opiniões, o centro, as concepções, a Linha, os prédios, o tempo, Mourenx, os tomates, a realidade, os ombros, a linguagem, o mundo, a vida. E na medida em que tudo que existe é encarnado, tudo que existe tem sua **vida** no corpo fenomenal.

Eu digo **vida**, mas tivesse falado disso antes da leitura da obra de Merleau-Ponty, eu teria tido **origem** e a frase ficaria assim: “E na medida em que tudo que existe é encarnado, tudo que existe tem sua **origem** no corpo fenomenal”. O problema com a imagem da palavra origem é que ela denota uma precedência entre os termos; pois, aquilo que é a “origem” é necessariamente anterior àquilo à qual ela origina. Em outras palavras, o corpo fenomenal, que seria a origem, existiria anteriormente ao conhecer, aos tomates, às ideias, às muretas e, depois de existir, é que daria origem à realidade. Não é assim.

Nem o corpo-fenomenal é origem da realidade, nem a realidade origina o corpo-fenomenal, eles co-nascem, são o que são na exata (e profunda e misteriosa) medida da relação entre eles. E, dessa forma, não faz sentido dizer que as coisas têm sua origem no corpo, mas sim que elas têm nele sua vida. Assim como, absolutamente, não faz sentido dizer que exista possibilidade do mundo, da realidade existir sem o corpo, sem a dimensão sensível. Logo, é preciso dizer: a resiliência do lugar tem sua vida no corpo-lugar.

É necessário que eu esclareça também porque falei sobre tijolos, tomates, muretas e ombros. Eu os citei porque é preciso atentar que falar sobre a carne de algo, ou sobre algo ser encarnado, não é necessariamente falar do lado “material” de algo “imaterial”. A carne é o entre-ser, é a dobradiça sólida e invisível entre o que se diz consciência, idealidade, sujeito, corpoe o que se diz materialidade, lugar, mundo (MERLEAU-PONTY, 2012a). A carne é onde os termos desses pares antinômicos não são discerníveis entre si. E é por isso que a busca da resiliência se realizou a partir da noção de corpo-lugar, buscando uma maneira de se desviar da antinomia.

Logo, dizer que todas as resiliências do lugar são encarnadas significa dizer que ainda que possamos, a partir de um exercício de virtualização da realidade, pensar as dimensões ecológica, econômica, social, de competência ou qualquer outra sem atentar ao corpo-lugar, por outro lado essas dimensões não são independentes dele, não são independentes do sensível, da carne. Quaisquer que sejam as aferições sobre os processos que constituem a resiliência econômica, ambiental, ecológica ou social do lugar, esses processos têm necessariamente suas vidas na vivência do evento. Têm sua vida no corpo-lugar que

sintetiza essa vivência, na intersubjetividade que pode potencializar ou coibir formas de ser-agir-com, na política que se realiza no/pelo corpo-lugar.

O movimento geral desta tese foi o de discernir nas vivências e experiências dos corpos-lugares, a apropriação do desmonte (evento no sentido eventual). Dessa forma, exploramos como à cada corpo-lugar pode realizar-se uma síntese lugar-corpórea, onde de forma mais ou menos consciente se dão respostas à estímulos, os quais vão cimentando certo engajamento tácito e promovendo diferentes estratégias lugar-corpóreas na lida com as mudanças que se acumulam.

Atentamos também que ao mesmo tempo em que tudo isso acontece com um corpo-lugar, ele acontece com outros corpos-lugares. E os corpos-lugares não são subjetividades fechadas em si mesmas: como os corpos-lugares se encontram (na Estrada, na Feira; e não só por elas, mas com certeza por elas). E ao se encontrarem, são postos em **presença** as diferentes sínteses, os acúmulos, enovelamentos de sentidos, engajamentos, estratégias a partir dos quais se organiza a vida em comum. Organização (política) que contribui para a continuidade da existência do corpo-lugar, apesar do desmonte.

E é interessante, uma vez mais, atentar ao papel deste por-em-presença. Ao insistir na questão de que subjetividade não é um conjunto de coisas imateriais escondidas dentro da mente, Merleau-Ponty afirma:

A verdadeira reflexão me dá a mim mesmo não como uma subjetividade ociosa e inacessível, mas como idêntica à minha **presença** ao mundo e a outrem, tal como eu a realizo agora: sou tudo aquilo que vejo, sou um campo intersubjetivo, não a despeito do meu corpo e de minha situação histórica, mas ao contrário sendo esse corpo e essa situação e através deles todo o resto (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 606 –grifos no original)

É sendo um corpo e por ele, sendo os outros, sendo essa situação, sendo esse lugar que a resiliência se realiza. E assim, o que resta para frisar é que a resiliência nascente, ali, no contato (presença) com o desmonte é tributária das formas e ritmos que o corpo-lugar já é e da política que se realiza por essa forma de ser.

Neste sentido, frisamos que esta tese não é sobre a eficácia da política encarnada enquanto forma de enfrentamento de eventos; não pretendeu, tampouco, avaliar ou mensurar o desempenho da resiliência da Linha e de Mourenx, dizendo quem é mais ou menos resiliente ou porque é mais ou menos resiliente. Mas, pretendeu, sim, destacar o que ocorre ali, na experiência nascente de resiliência, de enfrentamento do evento.

Dessa forma, sendo a resiliência circunstancial, sobre a qual influem vários fatores, a tarefa que resta é um alinhavamento epistemológico entre as diversas perspectivas de

abordagem e compreensão da resiliência; e é justamente neste ponto que a consideração de que a resiliência é encarnada ganha relevância.

Essa relevância provém do papel ontológico da relação entre corpo fenomenal e mundo. Na medida em que é nessa relação que está o que somos, a forma como vivemos, como tudo e qualquer coisa se perfazem; epistemologicamente falando, nem o lugar e nem a resiliência do lugar podem se furtar dessa relação. Por isso a insistência sobre a noção de corpo-lugar e sobre os fenômenos que ele põe em relevo, configurando uma busca da carne da resiliência.

Enquanto carne, a resiliência não nasce, portanto, nem da materialidade do lugar e nem da imaterialidade de consciências, mas da relação entre essas dimensões. E é necessário atentar também que as outras perspectivas e abordagens da resiliência não estão apartadas desta carne, ao contrário: a concretude do se denomina resiliência econômica, ecológica, social e etc. não pode estar voando por aí, não está presa (agarrada) às tabelas de dados ou nas folhas de papel, não está tampouco escondida no interior dos cérebros dos acadêmicos. A concretude dessas resiliências está na carne. O que se delineia como tarefa, então, é a atenção às formas como as questões referentes às várias perspectivas de resiliência do lugar são vividas, manipuladas, pensadas desde o corpo-lugar.

REFERÊNCIAS

- ADGER, W. Neil. Social and ecological resilience: are they related? **Progress in Human Geography**, v. 24, n. 3, pp. 347-364, 2000.
- ALEXANDER, David E. Resilience and disaster risk reduction: an etymological journey. **Natural Hazards and Earth System Sciences**, v.13, pp. 2707–2716, 2013.
- ANDRADE, Anna J. P; SOUZA, Cimone R.; SILVA, Neusiene M. A vulnerabilidade e a resiliência da agricultura familiar e da agricultura familiar em regiões semiáridas: o caso do seridó potiguar. **Campo-Território: Revista de Geografia Agrária**, v. 8, n. 15, pp. 1-30, fev./ 2013.
- ARENDT, Hannah. **O que é Política?** Fragmentos das obras póstumas compilados por Ursula Ludz.(trad. Reinaldo Guarany). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- ASSUNÇÃO, Sandra T.; SILVA, Josué C. Lugar e resiliência: duas acepções no mundo vivido dos seringueiros. **Revista Presença Geográfica**, n. 1, pp. 49-60, 2014.
- BEAUDOIN, Nicolas. L’herméneutique événementiale de Claude Romano etsa critique à l’ontologie fondamentale. **Phares**, n. 4, 2004, pp. 48-59.
- BENSA, Alban; FASSIN, Eric. Les sciences sociales face à l’événement. **Terrain** [online], v. 38, mar.2002. (mis en ligne le 06 mars 2007, consulté le 06 avril 2016.) URL: <http://terrain.revues.org/1888> ;DOI : 10.4000/terrain.1888
- BERNAL ARIAS, Diana A. **A rosa do deserto: hidropoéticas do lugar no habitar contemporâneo**. 2015. Dissertação (Mestrado em Geografia). Campinas: Instituto de Geociências/Universidade Estadual de Campinas. 120p.
- BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. (trad. Vladimir Bartalini). São Paulo: Perspectiva, 2006. 108p.
- BOUTINET, Jean-Pierre. L’individu-sujet dans la société postmoderne, quel rapport à l’événement ? **Pensée plurielle**, no 13, mar. 2006, p. 37-47. DOI 10.3917/pp.013.0037
- BRAGA, Iara F.; SILVA, Vicente. Efeitos espaciais e sociais de grandes projetos: entre territórios de vida e relações de poder. **Caminhos de Geografia**,Uberlândia, v. 12, n. 38, pp. 100 – 107, jun/2011.

BRAUDEL, Fernand. **O espaço e a história do Mediterrâneo**. (trad. Marina Appenzeller). São Paulo: Martins Fontes, 1988. 115p.

BUTTIMER, Anne. Apreendendo o Dinamismo do Mundo Vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.) **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1985. p.165-194.

CAPPA, Josmar. O Aeroporto Internacional de Viracopos e o futuro da Região Metropolitana de Campinas. **São Paulo em Perspectiva**, v. 20, n. 3, p. 106-119, jul./set. 2006.

CUTTER, Susan L.; ASH, Kevin D.; EMRICH, Christopher T. The geographies of community disaster resilience. **Global Environmental Change**, n.29, pp. 65–77, 2014.

CUTTER, Susan L.; BARNES, Lindsey; BERRY, Melissa; BURTON, Christopher; EVANS, Elijah; TATE, Eri; WEBB, Jennifer. A place-based model for understanding community resilience to natural disasters. **Global Environmental Change**, n. 18, pp. 598–606, 2008.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. (trad. Werther Holzer). Perspectiva: São Paulo, 2011. 159p.

DARTIGUES, André. **O que é a fenomenologia?** (trad. Maria J. de Almeida). São Paulo: Centauro, 2005. 152p.

DE PAULA, Fernanda C.. **Constituições do habitar: reassentamento do Jd. São Marcos para o Jd. Real**. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) Campinas: Instituto de Geociências/Universidade Estadual de Campinas. 123p.

DE PAULA, Fernanda C.. Sobre Geopoéticas e a condição corpo-Terra. **Geograficidade**, v. 5, número especial, pp.14-29, primavera 2015.

DE PAULA, Luiz Tiago. **Fenomenologia dos espaços públicos: entre as certezas e inseguranças da experiência urbana**. 2015. Dissertação (Mestrado em Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Limeira: Faculdade de Ciências Aplicadas/Universidade Estadual de Campinas. 107p.

DEMARAIS, Anne. **Mourenx Ville Nouvelle, 25 ans d’existence**. 1986. Dissertação (Mestrado em Aménagement et développement territorial) – Université de Pau et des Pays de L’Adour, Pau.

DESMANTELAMENTO. In: TORRINHA, Francisco. **Dicionário Português-Latino**. Porto: Editorial Domingues Barreira, 1939. p. 404

DESMANTELAR. In: SILVA, Deonísio. **De onde vêm as palavras: origens e curiosidades da língua portuguesa**. São Paulo: Novo século, 2009. p. 314

DESMONTAR. In : HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, RJ : Objetiva, 2009.

DESMONTE. In : CALDAS, Aulete. **Diccionario contemporaneo da lingua portuguesa: feito sobre um plano inteiramente novo**. Lisboa : Imprensa Nacional, 1881. p. 509

DEVISME, Laurent. Grandeur et décadence des nouveaux centres urbains. **Les Annales de la recherche urbaine**, N. 98, 2005. pp. 25-33; (Les visages de la ville nouvelle) http://www.persee.fr/doc/aru_0180-930x_2005_num_98_1_2594

DUPOND, Pascal. **Vocabulário de Merleau-Ponty**. (trad. Claudia Berliner). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. 80p.

FARGE, Arlette. Penser et définir l'événement en histoire, approche des situations et des acteurs sociaux. **Terrain**, n. 38, mar. 2002, p. 67-78.

FAVARETO, Ariane. Participação social na regulação de conflito: a ampliação do Aeroporto Internacional de Viracopos. **Revista Ideas**, nº especial, v. 7, p. 86-125, 2013.

FELLI, Romain. Adaptation et resilience : critique de la nouvelle éthique de la politique environnementale internationale. **Ethique publique** [en ligne], vol. 16, nº1, pp. 1-16, 2014.

FLORIANI, Nicolas; RÍOS, Francisco T.; FLORIANI, Dimas. Territorialidades alternativas e hibridismos no mundo rural: resiliência e reprodução da sociobiodiversidade em comunidades tradicionais do Brasil e Chile meridionais. **Polis**, Revista latinoamericana, v. 12, n. 4, p. 73-94, 2013.

FREITAS, Carlos M.; CARVALHO, Maureen L.; XIMENES, Elisa F.; ARRAES, Eduardo F.; GOMES, José O. Vulnerabilidade socioambiental, redução de riscos de desastres e construção da resiliência – lições do terremoto no Haiti e das chuvas fortes na Região Serrana, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 6, pp. 1577-1586, 2012.

GADENS, Leticia; UTRAMARI, Clóvis; REZENDE, Denis A. Irracionalidades urbanas e requalificação de áreas centrais. **Redes**, Santa Cruz do Sul, v. 12, n. 3, pp. 21-35, set./dez. 2007.

GALÈRE. In: Dictionnaire Larousse. Paris: Éditions Larousse, 2010. P.358

GIRARD, Paulette. Mourenx : de la ville nouvelle à « la ville de banlieue »?. **Histoire urbaine**, nº 17, mar./2006, p. 99-108. DOI 10.3917/rhu.017.0099

GOURSOLAS, Jean-Marc. Villes nouvelles, laisse béton. **Espaces Temps**, v. 33, 1986. pp. 33-40. http://www.persee.fr/doc/espat_0339-3267_1986_num_33_1_3319

GRATÃO, Lúcia H. B. (À) Luz da imaginação! “O Rio” se revela na voz dos personagens do lugar - ARAGUAIA! **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 17, n. 28, p. 89-120, 1º sem. 2007.

GRATÃO, Lúcia H. B. **A poética d’ “O Rio” – ARAGUAIA! De Cheias... &... Vazantes... (À) Luz da Imaginação!** 2002. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 354p.

HAUT-LIEU. In: Dictionnaire Larousse. Paris: Éditions Larousse, 2010. p. 472

HOLLING, C. S.. Resilience and Stability of Ecological Systems. **Annual Review of Ecology and Systematics**, Vol. 4, 1973. pp. 1-23. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/14a2/a17d7f4178eb96952da5a816dd1e958093d2.pdf>

HOLZER, Werther. O lugar na Geografia Humanista. **Território**, Rio de Janeiro, ano IV, n.7, p. 67-78, jul./dez. 1999.

HOLZER, Werther. O Método Fenomenológico: humanismo e a construção de uma nova Geografia. In: Rosendahl, Zeny; Corrêa, Roberto Lobato. (Org.). **Temas e Caminhos da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010, v. , p. 37-71.

HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista: sua trajetória 1950-1990**. 1. ed. Londrina: Eduep, 2016. 386p.

HUSSERL, Edmund. **A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental** – uma introdução à filosofia fenomenologia. Forense Universitária: Rio de Janeiro, 2012.

HUSSERL, Edmund. **A Idea da fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1986. 133p.

IPSEIDADE. In: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. (trad. Alfredo Bosi). São Paulo: Mestre Jou, 1970. P. 555

IPSEIDADE. In: COMTE-SPONVILLE, André. **Dicionário filosófico**. (trad. Eduardo Brandão). São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 325.

JOAS, Hans. Situation-Corporiété-Socialité : linéaments d'une théorie de la créativité de l'agir. In : _____. **La créativité de l'agir**. (trad. Pierre Rusch). Paris : CERF, 1999. Pp. 155-209.

L'ETAT renonce à l'expérience du Vaudreuil (Eure): la mort subite d'une ville nouvelle. **Le Monde**, 2 de jan. 1988.

LEFEBVRE, Henri. Les nouveaux ensembles urbains (un cas concret : Lacq-Mourenx et les problèmes urbains de la nouvelle classe ouvrière.). **Revue française de sociologie**, 1960, 1-2. pp. 186-201. http://www.persee.fr/doc/rfsoc_0035-2969_1960_num_1_2_1779

LÉROU, Jacques. **Déliquance et "politique de ville"** : aspects à Mourenx Ville Nouvelle. 1993. Tese (Doutorado em Geografia) – IRSAM, Université de Pau et des Pays de L'Adour, Pau.

LÉVY, Jacques. Centre-ville: toutes directions. **Espaces Temps**, 33, 1986. pp. 50-58. . (Voyage au centre de la ville. Éloge de l'urbanité). http://www.persee.fr/doc/espat_0339-3267_1986_num_33_1_3323

LIRA, Larissa A. Fernand Braudel e Vidal de La Blache: Geohistória e História da Geografia. **Confins** [online], n. 2, 2008.

LOWENTHAL, David. Geografia, Experiência e Imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1985. p. 103-142.

LYOTARD, Jean-François. **La phénoménologie**. Paris: PUF, 2015.

MAIRIE DE LA VILLE DE MOURENX. **Histoire**. (s/d) Disponível em: <http://www.mourenx.fr/ma-ville/histoire.html>

MANYENA, Siambabala B..The concept of resilience revisited. **Disasters**, vol. 30, n. 4, p. 433-450, 2006.

MARANDOLA JR., Eduardo e HOGAN, Daniel J. O risco em perspectiva: tendências e abordagens. **Geosul**, Florianópolis, n.38, jul./dez. 2004.

MARANDOLA JR. Eduardo. Arqueologia fenomenológica: em busca da experiência. **Terra Livre**, São Paulo, AGB, ano 21, v.2, n.25, p.67-79, jul./dez., 2005.

MARANDOLA JR. Eduardo. Narrativas calvinianas: da descrição do explorador ao percurso do andarilho. **Rua**, Campinas, n. 12, p. 45-58, 2006a.

MARANDOLA JR. Eduardo. Mapeando "londrinas": imaginário e experiência urbana. **Geografia**, Rio Claro, v. 33, n. 1,p. 103-126, jan./abr. 2008.

MARANDOLA JR. Eduardo. Tangenciando a vulnerabilidade. In: HOGAN, Daniel J.; MARANDOLA JR., Eduardo. **População e mudança climática: dimensões humanas das mudanças ambientais globais**. Campinas: Nepo/Unicamp; Brasília: UNFPA, 2009. pp. 29-52.

MARANDOLA, JR., Eduardo.**Geografia dos riscos e mudanças ambientais: construção de metodologias para análise da vulnerabilidade**. Projeto de pesquisa. Limeira: FCA/Unicamp, 2012a. (mimeo).

MARANDOLA JR. Eduardo.Lugar Enquanto Circunstancialidade. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia. (orgs.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012b. pp.227-248.

MARANDOLA JR., Eduardo. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. **Geograficidade**, v. 3, p. 49-64, 2013.

MARANDOLA, JR., Eduardo. **Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana**. São Paulo: Blucher, 2014a. 250p.

MARANDOLA JR. Eduardo. Um sentido fenomenológico de paisagem: o sentir em mistura do ser lançado no mundo. 2014b. 15p. (mimeo). (Texto-base da Conferência proferida no “Seminário Internacional Questões Contemporâneas sobre Paisagem”, realizado dias 9 e 10 de Abril de 2014, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo).

MARANDOLA JR. Eduardo. **Fenomenologia do ser-situado: crônicas de um verão tropical**. 2016a. Tese (Livre Docência em Sociedade e Ambiente) – Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas, Limeira.

MARANDOLA JR. Eduardo. O imperativo estético vocativo na escrita fenomenológica. **Revista da Abordagem Gestáltica** (Online), v. 22, p. 140-147, 2016b.

MARANDOLA JR., Eduardo. Morte e vida do lugar: experiência política da paisagem.**Revista Pensando**, UFPI, 2017. (aceito para publicação).

MARANDOLA JR. Eduardo; DE PAULA, Fernanda C. e PIRES, Maria Conceição S. Diários de Campo: aproximações metodológicas a partir da experiência metropolitana

(Campinas e Santos). In: CUNHA, José M. P. (org.) **Novas metrópoles paulistas: população, vulnerabilidade e segregação**. Campinas: NEPO/Unicamp, 2006. pp. 459-492.

MARANDOLA JR., Eduardo; HOGAN, Daniel J..As dimensões da vulnerabilidade.**São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 20, n. 1, pp. 33-43, 2006.

MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia. (orgs.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Conversas – 1948**. (trad. Fabio Landa; Eva Landa). São Paulo: Martins Fontes, 2004. 88p

MERLEAU-PONTY, Maurice.**A estrutura do comportamento**. (trad. Márcia Valéria Martinez de Aguiar). São Paulo: Martins Fontes, 2006a. 349p.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A natureza**: curso do Collège de France. (trad. Álvaro Cabral). São Paulo: Martins Fontes, 2006b. 448p.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **As aventuras da dialética**. (trad. Claudia Berliner). São Paulo: Martins Fontes, 2006c. 307p.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. (trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. 662p.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. (trad. José Arthur Gianotti; Armando Moura d'Oliveira). São Paulo: Perspectiva, 2012a. 271p.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A prosa do mundo**. (trad. Paulo Neves) São Paulo: Cosac Naify, 2012b. 249p.

MERLIN, Pierre. Les villes nouvelles françaises. Urbanisme, 1969. **Annales de Géographie**, t. 80, n°439, 1971. p. 353. http://www.persee.fr/doc/geo_0003-4010_1971_num_80_439_15321_t1_0353_0000_1

MICHELET, Marjorie. L'épopée du gaz du Bassin de Lacq : 60 années d'histoire. **Sud Ouest**, 30 mar. 2017. Disponível em :<http://www.sudouest.fr/2017/03/30/l-epopee-du-gaz-du-bassin-de-lacq-60-ans-d-histoire-3319500-705.php>

MUNIZ, Emerson O.; PIMENTEL, Franciele O. **Quando não se aprende com a catástrofe**: a negligência com as estratégias de resiliência urbana numa cidade afetada por desastre natural. In: III Congresso Internacional de Riscos “Multidimensão e Territórios de Risco”, 2014. **Anais...** Guimarães (Portugal): 2014. pp. 281-285.

OLIVEIRA, Livia. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia. (orgs.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p 3- 16.

PARDO, José Luís. **Sobre los espacios pintar, escribir, pensar**. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1991. 87p.

PEAUCELLE, Denis; BRUNETON-GOVERNATORI Ariane. **Mourenx** : Batîment A, rue des Pionniers. Mourenx : éditions Lacq Odysée/District de la zone de Lacq/ Ville de Mourenx, 1997.

PEDROSO, Francis. **O Centro de Campinas (SP): usos e transformações**. 2007. Dissertação [Mestrado em Geografia]. Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PICKLES, John. **Phenomenology, science and geography: spatiality and human sciences**. London:Cambridge University Press, 1985. 202p.

PITTERI, Sirlei; BRESCIANI, Luís Paulo. Resiliência regional em perspectivas teóricas e empíricas: do Polo Industrial de Cubatão (SP), Brasil. In: XV Latin Ibero-American Conference in Management on Technology, 2013. **Anais...** Porto: 2013.

PORTEOUS, John. D. Topocide: The annihilation of place. In: EYLES, John; SMITH, David (Eds.). **Qualitative methods in human geography**. Cambridge : Polity Press, 1988.

PRESTINI, Mireille. La notion d'événement dans différents champs disciplinaires. **Pensée plurielle**. 13, mar. 2006, p. 21-29.

RABELO, Miriam C. M..Merleau-Ponty e as Ciências Sociais: corpo, sentido e existência. In: Valverde, Monclar. (Org.). **Merleau-Ponty em Salvador**. Salvador: Arcádia, 2008. p. 107-130.

REBOTIER, Julien. **Accompagner le changement ver des territoires résilients (ACTER) : Enjeux territoriaux liés aux risques émergents et à leur gestion dans le Sud-Ouest**. Projeto de pesquisa. Pau (França) : SET/UPPA, 2012c. (mimeo)

REBOTIER, Julien. Vulnerability conditions and risk representations in Latin-America: framingtheterritorializingurbanrisk. **GlobalEnvironmentalChange**, v.22,pp.391–398, 2012b.

REBOTIER, Julien; PELAEZ, Juanita L.; PIGEON, Patrick. Las paradojas de la resiliencia: miradas cruzadas entre Colombia y Francia. **Territorios**, v. 28, pp.127-145, 2013.

REGHEZZA-ZITT, Magali ; PROVITOLO, Damienne ; LHOMME, Serge. Définir la résilience : quand le concept résiste. In : REGHEZZA-ZITT , Magali ; RUFAT, Samuel (dirs.). **Résilientes** : sociétés et territoires face à l'incertitude, aux risques et aux catastrophes. London : ISTE Editions, 2015. pp.21-42

REGHEZZA-ZITT, Magali; RUFAT, Samuel.Introduction. In: _____. (orgs.). **Résilientes**: sociétés et territoires face à l'incertitude, aux risques et aux catastrophes. London : ISTE Editions, 2015. pp.15-20.

RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 4, n. 7, p. 1-25, abr. 1979

RELPH, Edward. **Place and placelessness**.London: Pilon, 1976.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia. (orgs.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. pp. 17-32.

ROMANO, Claude. **L'événement et le monde**. Paris : PUF, 1999. 289p.

ROMANO, Claude. **L'aventure temporelle**: trois essais pour introduire à l'herméneutique événementiale. Paris : PUF, 2010. 121 p.

SARAMAGO, Ligia. Como Ponta de Lança: O Pensamento do Lugar em Heidegger. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia. (orgs.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. pp. 193-226.

SEC. DO VERDE, MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTAVEL/PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS. Ampliação do Aeroporto Internacional de Viracopos. Campinas, s./d.. [notícia online; disponível em: <http://www.campinas.sp.gov.br/governo/meio-ambiente/ampliacao-viracopos.php>]

SILVA, Arlete M. **Resiliência socioespacial na expansão canavieira do cerrado goiano**: a cidade rural de Maurilândia/GO. 2014 Tese (Doutorado em Geografia). Uberlândia: Instituto de Geografia/Universidade Federal de Uberlândia. 392p.

SILVA, C. A. F. **A carnalidade da reflexão**: ipseidade e alteridade em Merleau-Ponty. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2009.

SILVA, Cesar A. M. **Em busca da resiliência?** Urbanização, ambiente e riscos em Santos (SP). Tese (Doutorado em Demografia) Campinas: Núcleo de Estudos de População/Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Universidade Estadual de Campinas, 2014. 231p.

SIMÕES JR., José G. **Revitalização de Centros Urbanos**. São Paulo: Pólis, 1994. 74p. [n. 19, Série]

SOUZA, Paulo D.; BUENO, Laura M. M. Empreendimentos aeroportuários e seus impactos: o caso de Viracopos. **Oculum Ensaios**, v. 13, p. 112-131, jan./jun 2011.

TRIUNFO – AEROPORTOS BRASIL VIRACOPOS. Viracopos conclui 1º ciclo de obras que transformarão o aeroporto no maior da América Latina. (s/d). Disponível em: <http://www.triunfo.com/show.aspx?idCanal=Kgo+/jrVj9inRO/gZ/fr6Q==>

TUAN, Yi-Fu **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente, (Tradução de Livia de Oliveira) Londrina: Eduel, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência (trad. Livia de Oliveira). Londrina: Eduel, 2013. 248p.

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. (org.) **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1985. p. 143-164.

VADELORGE, Loïc. Grands ensembles et villes nouvelles: représentations sociologiques croisées. **Histoire urbaine**, v. 3, n. 17, 2006, pp. 67-84. DOI 10.3917/rhu.017.0067

VESTENA, Leandro. GEFFER, Edivaldo; ALMEIDA, Deivana E. F.; VESTENA, Carla L. B.. Percepção ambiental sobre as causas das inundações, Guarapuava/PR: em busca da cidade resiliente. **Revista do Departamento de Geografia –USP**, Volume 28, pp. 280-294, 2014.

WALKER, Jeremy; COOPER, Melinda. Genealogies of Resilience From Systems Ecology to the Political Economy of Crisis Adaptation. **Security Dialogue**, 42, pp. 143-160, April 2011.

WEICHSELGARTNER, Juergen; KELMAN, Ilan. Geographies of resilience: challenges and opportunities of a descriptive concept. **Progress in Human Geography**, p. 1-19, fev. 2014.